

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE NA GESTÃO
AMBIENTAL

GABRIELLA MARQUES LEITE PAIXÃO

**MEMÓRIAS RESISTENTES NOS QUINTAIS QUILOMBOLAS DE PILAR DO SUL
(SP)**

Sorocaba, SP

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE NA GESTÃO
AMBIENTAL

GABRIELLA MARQUES LEITE PAIXÃO

**MEMÓRIAS RESISTENTES NOS QUINTAIS QUILOMBOLAS DE PILAR DO SUL
(SP)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental (PPGSGA), para obtenção do título de Mestra em Sustentabilidade na Gestão Ambiental pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Sola

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Rabinovici

Sorocaba, SP, 2018

Marques Leite Paixão, Gabriella

MEMÓRIAS RESISTENTES NOS QUINTAIS QUILOMBOLAS DE
PILAR DO SUL (SP) / Gabriella Marques Leite Paixão. -- 2018.

118 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus
Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Fernanda Sola

Banca examinadora: Andrea Rabinovici, Lourdes de Fátima Carril, Maria
Patrícia Cândido Hetti

Bibliografia

1. Quintais. 2. Quilombolas. 3. Memórias. I. Orientador. II. Universidade
Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIELLA MARQUES LEITE PAIXÃO

MEMÓRIAS RESISTENTES NOS QUINTAIS QUILOMBOLAS DE PILAR DO SUL (SP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental (PPGSGA), para obtenção do título de Mestra em Sustentabilidade na Gestão Ambiental pela Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 08 de fevereiro de 2018.

Orientadora

Dr.^a Fernanda Sola

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

Dr.^a Maria Patrícia Cândido Hetti

Instituto Federal de São Paulo

Co-orientadora

Dr.^a Andrea Rabinovici

Universidade Federal de São Paulo

Examinadora

Dr.^a Lourdes de Fátima Carril

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

PAIXÃO, Gabriella. Memórias resistentes nos quintais quilombolas de Pilar do Sul (SP). 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental. Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba, 2018.

Os povos tradicionais quilombolas no Brasil têm uma longa história de lutas e resistências que se arrasta desde o período da escravidão. Suas tradições foram oprimidas e adaptadas à nova realidade a que foram obrigados a adotar. São povos que aprenderam a se relacionar com a natureza para dela sobreviver, vinculando as memórias das representações de sua identidade ao território onde vivem. Em Pilar do Sul (SP), a comunidade quilombola Fazenda Pilar reivindica a titulação de suas terras para a retomada de práticas tradicionais de cultivo da natureza para sua subsistência. O desejo de resistência de sua identidade é manifestado também pelo projeto de criação de um Centro de Memórias. Aproximadamente 70% de seu território foi urbanizado, afetando seus modos de vida, inclusive os ligados ao relacionamento com a natureza, preservada praticamente apenas em seus quintais. Esta pesquisa participante tem o objetivo geral de verificar e descrever se os conhecimentos tradicionais de quilombolas de Pilar do Sul estão presentes em seus quintais, de forma a agregar força às suas ações sociais. O procedimento metodológico utilizado foi da história oral, realizando entrevistas temáticas com moradores quilombolas em seus quintais. Os resultados demonstram que, apesar de ressignificados, maculados e ocultos, conhecimentos passados entre as gerações ainda resistem, incluindo alguns ligados à matriz africana.

Palavras Chave: Memória. Quilombolas. Quintais. Pilar do Sul.

ABSTRACT

The traditional quilombola peoples in Brazil have a long history of struggles and resistance that has been trailing since the period of slavery. Their traditions were oppressed and adapted to the new reality they were forced to adopt. They are people who have learned to relate to nature to survive it, linking the memories of the representations of their identity to the territory where they live. In Pilar do Sul (SP), a Quilombola community Fazenda Pilar claims a titling of their lands for a resumption of traditional practices of cultivating nature for their subsistence. The desire for resistance of their identity is also manifested by the project of creating a Memory Center. Approximately 70% of its territory was urbanized, affecting its ways of life, including those related to the relationship with nature, practically preserved only in its backyards. This research aims to obtain a detailed report and describe the traditional knowledge of Pilar do Sul quilombolas in their backyards, in order to add strength to their actions. The methodological procedure used was oral history, performing thematic interviews with quilombola dwellers in their backyards. The results show that, despite being redefined, maculated and hidden, knowledge passed between generations still resists, including some linked to the African matrix.

Keywords: Memory. Quilombolas. Homegardens. Pilar do Sul.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer. À minha família, meus amores, meus amigos (as), meu mestre, meus guias. Àqueles que confiaram em mim e abriram as portas de suas vidas. Às minhas queridas e pacientes orientadoras. Às mulheres admiráveis que formaram minha banca. Às professoras e professores das disciplinas que complementaram este estudo. Ao grupo Evamariô. Aos servidores(as) da universidade que possibilitam que tudo isso aconteça. Às alunas e alunos parceiros neste processo. Às alegrias que deram fôlego a continuar e às dificuldades que me fortaleceram. Agradeço aos tantos aprendizados que me mostraram o quanto ainda tenho a aprender.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	14
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	14
1.1.1. Memória, identidade e territorialidade	14
1.1.2. Populações tradicionais quilombolas	16
1.1.3. Quilombolas caipiras	23
1.1.4. Relações culturais com a natureza	26
1.1.5. Quintais	27
2. METODOLOGIA	29
2.1. EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	29
2.2. ÁREA E GRUPO ESTUDADOS	31
2.2.1. Pilar do Sul	31
2.2.2. Quilombo Fazenda Pilar	33
2.3. MÉTODOS	35
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
3.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS QUINTAIS	38
3.2. PRODUÇÃO ALIMENTAR	44
3.3. QUINTAIS TERAPÊUTICOS	50
3.4. RELACIONAMENTO COM ANIMAIS	55
3.5. MODO DE VIDA	57
3.6. TÉCNICAS E MANEJO	59
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE 1 - ROTEIRO ORIENTADOR DAS VISITAS AOS QUINTAIS URBANOS QUILOMBOLAS	68
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	69
APÊNDICE 3 - ESPÉCIES VEGETAIS VINCULADAS AOS QUINTAIS VISITADOS	71
APÊNDICE 4 – ESPÉCIES MEDICINAIS CITADAS	73
APÊNDICE 5 – PROJETO CENTRO DE MEMÓRIAS FAZENDA PILAR	75
APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES DAS VISITAS NOS QUINTAIS	90

APRESENTAÇÃO

O curso desta pesquisa teve início com o interesse pessoal em estender para a Região Metropolitana de Sorocaba, SP, o trabalho de educação para a sustentabilidade que venho desenvolvendo junto a comunidades tradicionais desde 2008 no terceiro setor em Santa Catarina. Venho seguindo este trabalho por acreditar que as pessoas são parte integrante e indissociável da natureza e por isso, quanto mais íntima for a relação com tudo aquilo que compõe seu ambiente imediato, maior a compreensão de sua importância, seu funcionamento, sua utilidade, seu cuidado, sua sustentabilidade. As comunidades tradicionais, e a reverberação de sua cultura, representam esta relação com a natureza, agregando conhecimentos frutos de sua experiência cotidiana e passados entre as gerações.

Ao chegar em Sorocaba deparei-me com uma nova realidade, com a qual não tinha intimidade. Sendo assim, meu primeiro desafio foi propor um projeto de pesquisa com uma comunidade sem ao menos conhecê-la. Situação que conflita com valores pessoais fundamentados ao longo destes anos de trabalho, como a importância de que uma interferência externa à uma comunidade esteja vinculada a uma demanda interna, trabalhando continuamente com interesses legítimos.

Desta forma, passei a pesquisar comunidades tradicionais próximas a Sorocaba e, surpreendentemente, existem muitas comunidades quilombolas nesta região. Digo surpreendentemente, pois são pouco conhecidas popularmente e divulgadas cientificamente, mesmo tão próximas de centros urbanos desenvolvidos e universidades. Eu mesma não tinha experiências com comunidades quilombolas, o que gerou algumas inseguranças sobre minha capacidade em abordar adequadamente o tema, sob o risco do uso de termos equivocados. De fato, pesquisar esta comunidade exigiu uma autorreflexão sobre valores culturais racistas e preconceituosos que estão impregnados e escondidos em nossos discursos, olhares e comportamentos. Inclusive sobre meu próprio fenótipo europeu que, mesmo sem querer, é historicamente opressor.

Nos movimentos de aproximação do grupo estudado, tive cuidado para não pressionar relacionamentos, sob a possibilidade de deparar-me com uma resistência imediata, bem como atravessar o processo de pesquisa de outro alguém. Como estratégia busquei participar de eventos em temas relacionados e a me aproximar de professores, pesquisadores e grupos já envolvidos com quilombolas da região, também suscetíveis à resistência. Passei a acompanhar a Prof^ª. Dr^ª Lourdes de Fátima Carril, do departamento de Geografia da UFSCAR-Sorocaba,

nas atividades desenvolvidas em Pilar do Sul, através do Observatório Quilombola do Coletivo Evamariô¹, um grupo de estudos que iniciou no segundo semestre de 2016 uma capacitação com professores e professoras do ensino municipal sobre educação étnico-racial e quilombola. Durante estes meses, pude me aproximar de representantes do Quilombo da Fazenda Pilar, aprofundar o conhecimento sobre sua realidade e identificar junto a eles e ao grupo de estudos demandas que estivessem correlacionadas com meus interesses de pesquisa e o programa de mestrado do qual faço parte.

Suas demandas estão principalmente associadas:

- Ao conflito socioambiental envolvendo a morosidade do processo de titulação de suas terras, que vêm sendo irregularmente ocupadas pela expansão urbana, afetando seus modos de vida.
- Ao reconhecimento de sua história e cultura, das quais pretendem resgatar e expor através da criação de um Centro de Memórias e da retomada da agricultura de subsistência.

O fato de conviverem mais de 140 anos num mesmo território em crescente transformação, despertou em mim o interesse em conhecer suas formas de relacionamento e manejo da natureza e se são mantidas práticas e percepções conservacionistas transmitidas através das gerações. Visto que a urbanização modificou as formas de ocupação e uso do solo, pequenas áreas ainda se mantêm cultivadas pelos quilombolas pilarenses: seus quintais.

Compreendi que resgatar memórias de interação ambiental a partir dos quintais possibilitaria vincular as demandas internas com meus interesses de pesquisa, já que sistematizaria alguns conhecimentos tradicionais, fornecendo informações para o Centro de Memórias, além de dar visibilidade e agregar esforços a um processo secular de resistência e luta pelo território. Sendo assim, definiu-se como objetivo geral, verificar e descrever se os conhecimentos tradicionais de quilombolas de Pilar do Sul (SP) estão presentes em seus quintais.

Como forma de agradecimento à abertura de suas vidas para a execução de minha pesquisa, propus inscrever o projeto coletivo do Centro de Memórias da Fazenda Pilar em um edital para captação de recursos visando estruturar um espaço que possibilite uma adequada organização, armazenamento, catalogação e apresentação do acervo já existente sobre a história da comunidade, bem como capaz de receber os membros quilombolas da Associação,

¹ observatorioquilombola-evamario.webnode.com

estudantes, munícipes e demais interessados, para compor e conhecer mais esta história. Fixou-se assim meu objetivo específico.

Nesta dissertação estão compartilhados o processo de pesquisa e seus resultados, que transcendem o conhecimento científico, uma vez que abrangem saberes acumulados, transformados e passados entre as gerações de uma família através de suas práticas cotidianas de relacionamento com seu meio ambiente. O texto foi sistematizado em quatro capítulos. O primeiro, busca tecer de forma interdisciplinar, discussões e argumentos de diversos autores referenciais nos temas que delimitam a pesquisa, seguindo aos objetivos da pesquisa. O segundo capítulo descreve a região e o grupo estudados, e esclarece de que forma a pesquisa foi desenvolvida para o alcance dos objetivos. O terceiro apresenta o produto da pesquisa, com dados, reflexões e discussões que conduzirão ao último capítulo, que se refere às considerações finais. Os apêndices são complementos necessários à descrição da pesquisa, pois são documentos resultantes deste processo, como é o caso do projeto completo de captação de recursos voltado ao Centro de Memórias da Associação Quilombola estudada.

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

1.1.1. Memória, identidade e territorialidade

Segundo as reflexões fenomenológicas feitas por Henri Bergson (1990, apud BOSI, 1994), a relação momentânea do organismo com o ambiente é chamada de percepção. O processo da percepção de um indivíduo pode ser compreendido através do esquema: “imagem-cérebro-representação”. Ou seja, quando em contato com um estímulo externo, o cérebro processa imagens que se tornarão signos da consciência, as representações. Porém, este processo é mais que uma interação momentânea do ambiente com o sistema nervoso. Bergson (1990, apud BOSI, 1994) afirma que existe uma conservação dos estados psíquicos já vividos, ou seja, o organismo armazena representações de experiências anteriores. Este fenômeno nos auxilia a escolher entre as alternativas que um novo estímulo nos oferece, aproveitando as vivências anteriores bem sucedidas. Fragmentos significativos do passado ficam registrados na memória, e influenciam a forma de interpretar o mundo e constituir novas percepções. Sendo assim, na medida em que a memória é a relação entre o corpo presente e o passado, ela interfere nas representações que se estabelecem na atualidade (BOSI, 1994).

Segundo Doria (1995) a identidade é uma construção constituída por meio de uma relação política que se estabelece frente a algo considerado exterior. Se a forma como o mundo exterior é percebido é influenciada por lembranças, estas também influenciam a expressão da percepção de um indivíduo, a organização de sua ação, seu posicionamento diante de outros indivíduos e grupos. Sendo assim, temos que as memórias são o arcabouço da identidade. E a identidade não é um produto acabado, ela é um processo de construção contínuo, realimentado por novas lembranças (MUNANGA, 1999).

Embora a memória pareça um fenômeno individual, íntimo, ela também é coletiva. A memória de uma pessoa estimula a da outra. As lembranças individuais refletem e são refletidas em lembranças coletivas, pois ao longo de nossas vidas compartilhamos momentos e memórias com aqueles que estão a nossa volta. As memórias das famílias, vizinhanças e nações que estamos imersos transcendem a qualquer memória individual. Como Kotre (1997, p.219) afirma “nós crescemos no contexto da memória coletiva e ao longo de nossa vida a inspiramos e expiramos”. As gerações seguintes aprendem com as histórias lembradas por seus antepassados sobre os modos de perceber e se relacionar com o mundo, orientando seus valores étnicos, religiosos e sociais (KOTRE, 1997). As lembranças compartilhadas entre as gerações fazem da “tradição a memória coletiva da sociedade” (BOSI, 1994, p. 55). Ao mesmo passo que, quanto mais pessoal e menos socializada for a lembrança, menos vívida, clara e atualizada será pela consciência (BOSI, 1994).

De acordo com Delgado (2017) a memória evita que o ser humano perca as referências fundamentais das identidades coletivas que, mesmo em constante transformação, são responsáveis pelo autoconhecimento do humano como sujeito de sua própria história.

Além disso, a memória está permeada em objetos, em outros seres vivos, em registros, em lugares (KOTRE, 1997). O contato com elementos que fizeram parte de momentos já vividos, é capaz de reascender lembranças e até mesmo sentimentos. Os lugares autobiográficos são aqueles onde foram experienciados acontecimentos significativos na vida de alguém e quando revisitados despertam memórias que remetem à história de quem ali viveu. Kotre (1997, p. 50) afirma que os lugares autobiográficos “ilustram o fato de que a memória é dependente do contexto”. Muitas memórias “esquecidas”, quando em contato com um lugar ou objeto autobiográfico, são imediatamente evocadas. D’Aléssio (1998, apud DELGADO, 2017) afirma que espaço e tempo se confundem no resgate das lembranças. São ambos alicerces da identidade. Sendo assim, os lugares e objetos presentes no cotidiano, utilizados para o trabalho, prazer e para as necessidades da vida, são parte de quem os ocupa e utiliza (WEIL, 2001). Weil afirma que a propriedade privada é uma necessidade da alma, pois

seus elementos representam um “prolongamento dos membros do corpo” (WEIL, 2001, p.36). Delgado (2017) afirma que se o espaço se transforma e suas referências se perdem no tempo, o humano perde significados de vida, perde a substância de sua história.

Na pesquisa de Brandão (1999) sobre uma comunidade caipira de Joanópolis, fica demonstrada a intimidade que o camponês proprietário desenvolve com seu lugar, suas terras, ao longo do tempo. Um relacionamento de amor, pois é lá onde vive, abriga sua família, guarda as lembranças e o trabalho árduo de seus ancestrais, e que um dia serão deixadas para seus herdeiros. São em suas terras que ele gera com o esforço de seu labor o produto que sustenta suas vidas. É também lugar de expressão de seu poder e controle sobre o que é ali produzido, seguindo suas próprias motivações e interesses. Enfim, seu território possui sentimentos de momentos biográficos. Sua história, sua realidade, é o lugar.

Little (2002, p.3) define territorialidade como o “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico”. A propriedade coletiva, não diretamente associada à posse, mas como sentimento cívico, de pertencimento a uma coletividade, é também uma necessidade da alma (WEIL, 2001). Schmitt e colaboradores (2002) associam o sentimento de pertencimento a uma terra como expressão da identidade étnica. Para Santos (2006, p. 19), territorialidade é “sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [e] pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro”.

No entanto, o pertencimento a um território não necessariamente significa que o grupo se originou neste ambiente, ou seja, que tenha sido o primeiro a ocupa-lo. Existem muitas formas de territorialização do espaço, que variam desde a ocupação imemorial de uma área, como no caso de povos indígenas, como a apropriação por negros libertos de terras abandonadas pelos antigos senhores por serem economicamente inviáveis (LITTLE, 2002). A própria colonização, que gerou o território nacional, é um processo específico de territorialização. E para cada processo de territorialização, diferentes modos de apropriação, compartilhamento e uso dos recursos são estabelecidos. Contudo, o Estado-nação que atualmente chamamos Brasil, se impôs sobre todas as demais territorialidades, que são obrigadas a confrontá-lo para defender seus modos de vida (LITTLE, 2002).

1.1.2. Populações tradicionais quilombolas

Discorrer sobre o grupo do qual esta pesquisa trata, exige considerar a complexidade em que está inserido. Parte-se do princípio de que somos todos humanos. Uma espécie entre as muitas que compõem o planeta. O grupo estudado é tão humano quanto sua pesquisadora. Tão humano quanto quem lê esta pesquisa. Embora seja óbvio, este grupo carrega em sua história ancestral, originada em algum canto do vasto continente africano, tratamentos desumanos, ou seja, tratamentos bastante distantes daquilo que se espera de algum semelhante. São descendentes de negros escravizados no Brasil.

Atualmente são brasileiros(as), porém isto pouco diz quem verdadeiramente são, já que a identidade nacional é uma ilusão diante de um país tão extenso e diverso. Tem-se que os brasileiros se originaram da confluência entre o português invasor, com o índio e o negro escravizados. Cultura esta que também foi influenciada pela diversidade ecológica do país, que despertou necessidades adaptativas; pelos objetivos econômicos de produção que orientaram grupos à especialização funcional, refletindo também em seus modos de vida; pela imigração de novos contingentes humanos (RIBEIRO, 1995). Porém, o ideal de uma unidade cultural brasileira, forjada no final do século XIX com referenciais teóricos de cientistas europeus racistas, teve propósitos de embranquecimento da sociedade, subjugando a cultura e as capacidades de afrodescendentes sob a justificativa da cor da pele (MUNANGA, 1999).

Portanto, o que se tem é que a cultura do colonizador se sobrepôs às diversas outras em função da imposição de seu modelo de urbanização e industrialização, sendo o brasileiro fruto de um processo de:

[...] concentração da força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável (RIBEIRO, 1995, p. 20).

Porém as identidades nacionais tendem a diluir-se. Como explica Hall (2006), vivemos num mundo globalizado, em que as fronteiras nacionais são atravessadas, interconectando o mundo em novos processos de espaço-tempo. Essa realidade contribui por um lado com uma homogeneização cultural, já que diferentes públicos têm acesso aos mesmos referenciais, principalmente ocidentais.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas às influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2006, p.74)

Por outro lado, há uma valorização da alteridade, expressa por grupos resistentes à globalização que compõem identidades “locais”, mas também expressa para fins mercadológicos que identificam públicos consumidores específicos (HALL, 2006).

Através de referenciais teóricos científicos, são encontradas categorias que contribuem na construção da compreensão da cultura do grupo pesquisado, como populações tradicionais, quilombolas, caipiras. Enfim, definições criadas como forma de enfatizar suas diferenças - o que diante de uma uniformização opressora, parece bastante importante. No entanto, cabe a reflexão de que se a diversidade cultural brasileira também está associada à estratificação social resultante da escravidão, que segregou as classes dominantes das subordinadas (RIBEIRO, 1995), ao categorizar os grupos historicamente oprimidos, reforça-se sistemas de desigualdade. Como afirma Cunha (2009, p.312), são categorias que “povos da periferia foram levados a adotar”. Embora estes rótulos contribuam com a compreensão do grupo estudado, são genéricos e artificiais, pois são incapazes de abarcar a complexidade do indivíduo e de suas relações enquanto coletivo. Além disso, as pessoas transitam entre as categorias e têm a liberdade de não se identificar em nenhuma delas, em várias ou, até mesmo, entendam ser necessário criar uma nova. Hall (2006) apresenta as identidades formadas por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal, e mesmo sem possibilidade de retorno, valorizam seu lugar de origem e suas tradições, negociando com as culturas de seu novo lugar. Essas pessoas são “produtos de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas” (HALL, 2006, p. 89). São as chamadas “culturas híbridas”.

A seguir serão apresentadas algumas das categorias que interagem na compreensão da identidade do grupo estudado, sendo que algumas delas foram por eles(as) apropriadas.

A principal categoria da qual os pesquisados se identificam é a quilombola. A palavra “quilombo” origina-se do banto, tronco linguístico africano que se ramifica em línguas de etnias diversas (VOGT; FRY, 1996), e significa acampamento guerreiro na floresta. No entanto, a palavra ganhou força associada à resistência ao sistema escravista (LEITE, 2008). Em 1740, o Conselho Ultramarino referiu-se aos quilombos como sendo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 2). Tal definição é equivocada pois não abrange a complexidade das relações dos grupos negros, seus saberes ancestrais, sua articulação como movimento social, a forma de aquisição das terras, refletindo na invisibilidade desta história. Este conceito influenciou uma geração de pesquisadores até meados dos anos de 1970 e a partir de então novas produções científicas, questionadoras de tal definição, deram suporte à luta política do movimento negro, conduzindo à inclusão da denominação quilombo na Constituição Federal de 1988 (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002). Através de seu artigo 68, conferiu aos

remanescentes quilombolas o direito à posse definitiva das terras já ocupadas, como reconhecimento de uma dívida histórica. No entanto, estes povos convivem até os dias atuais com a luta pelo reconhecimento e demarcação de seu território, num contínuo esforço para desafogar sua origem (BRASIL, 2016).

De acordo com o inciso 2 do Decreto nº 4.887 “são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural” (BRASIL, 2003), sendo que a própria comunidade indica suas delimitações, o que obviamente é motivo de profundos desentendimentos fundiários. Para que o título das terras seja emitido, um longo processo de reconhecimento é exigido. Iniciando com um detalhado Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, que compreende informações cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas, etnográficas e antropológicas, como regulamenta a Instrução normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009 (INCRA, 2009). Todo o processo é moroso, tendo como indicadores de tal lentidão, o número de comunidades que já conquistaram suas terras: atualmente são mais de 2600 comunidades certificadas (PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL, 2017) e apenas 207 títulos expedidos em todo país (INCRA, 2017). No Estado de SP, das 54 comunidades identificadas pela Palmares Fundação Cultural, apenas cinco delas foram tituladas pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) e uma titulada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) junto ao ITESP.

Ainda hoje, quando nos referimos ao termo quilombola, uma interpretação reducionista é evocada. Não se trata de uma população homogênea, necessariamente isolada e constituída por movimentos rebelados. A identidade étnica indistintamente dita “afro-brasileira” é estereotipada e reduz a diversidade de seus modos de vida a uma cultura negra genérica, com expressões exclusivas da tradição africana. Primeiro, estamos nos referindo à sobreviventes de um sistema escravista massacrante (SAHLINS, 1997). Segundo, não são todas as memórias das tradições que sobrevivem. As memórias que permanecem vividas são aquelas que, arraigadas à memória coletiva, estão adaptadas à realidade presente. Darcy Ribeiro assim nos ilustra quando afirma que os africanos ao chegarem no Brasil, “encontrando já constituída aquela protocélula lusotupi, tiveram de nela aprender a viver” (RIBEIRO, 1995, p. 109). Ou seja, as lembranças da tradição antiga resistentes são aquelas que se ajustaram às novas circunstâncias (O'DWYER, 1995). Além de que, os africanos vindos de diferentes tribos, muitas vezes hostis entre si, eram desagregados dos seus grupos étnicos originais, impedindo “a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio

cultural africano” (RIBEIRO, 1995, p. 109). Ainda assim, encontramos nos dias de hoje elementos da matriz africana na cultura brasileira que resistiram e podem ser encontradas de diversas formas e são tratadas socialmente, ainda com preconceitos diversos.

A fragilidade da expectativa comum de que a identidade quilombola deva estar necessariamente vinculada à “africanidades” pode inclusive afetar as lutas pelos direitos territoriais destas populações, que acabam tendo que provar sua identidade. Boaventura (apud SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 5), ao associar identidade com relações de poder, nos provoca ao afirmar que quem é obrigado a recuperar sua identidade, já está sob uma posição de subordinação. Gusmão (1995) posiciona-se dizendo que o negro e a negra brasileiros não são um outro povo com uma outra cultura. São uma realidade interna do próprio sistema, mas que ainda não se sabe muito bem como interagir.

Segundo o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, em seu artigo 2º,

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos [...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

A conceituação de quilombo se faz relevante quando é definida pelos sujeitos que assim se reconhecem e quando utilizam o termo como bandeira política para fundamentar sua mobilização, os unindo em torno de sua identidade, dilemas compartilhados, tensões, conflitos e escolhas (O'DWYER, 2002). A identidade quilombola foi a referência do movimento negro para conquistar as retratações de toda opressão vivida. A apropriação desta categoria pela luta social negra é um ato político, que permite argumentar suas reivindicações através de um caminho jurídico.

A categoria quilombola está legalmente inserida na categoria de população tradicional, definida pelo artigo 3º do decreto federal nº 6040 de 2007 como:

grupos que se reconhecem como culturalmente diferenciados, com práticas particulares de organização social, de uso de seu território e recursos naturais para reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

A definição legal reconhece o vínculo destas pessoas com o ambiente, atribuindo à natureza a fonte necessária para a produção de seu modo de vida, o que na realidade é uma condição também aplicável a todos os humanos em geral. Contudo, entre as populações

tradicionais existe um relacionamento íntimo com o território, com os elementos e dinâmicas naturais específicos do local onde vivem, que possibilita verificar características também específicas de sua cultura. Quando as soluções para as dificuldades do cotidiano dependem da natureza em sua expressão mais pura, o conhecimento sobre as plantas, animais e ciclos é o que garante a extensão da sobrevivência de um povo. Sendo assim, este profundo conhecimento da natureza dá-se em função de uma necessidade em manter suas práticas de subsistência. Assim admite Redford (1991, p.1) quando diz que “viver e morrer com a terra é saber suas regras”.

Portanto, a manutenção de seu modo de vida exige um manejo contínuo dos recursos naturais para que se mantenham acessíveis, num ciclo de retroalimentação entre cultura e diversidade biológica. É no território onde a sustentabilidade se enraíza (LEFF, 2013), pois é o lugar onde os indivíduos estabelecem vínculos com a natureza, o que pode permitir o controle da degradação ambiental. Na pesquisa desenvolvida por Toledo e Barrera-Bassols (2015), são apontadas correlações entre a diversidade cultural e a diversidade biológica, indicando que ambas se concentram nas mesmas áreas geográficas. Estes pesquisadores, entre outros (BALEÉ, 1988; GOMEZ-POMPA, 1992 apud DIEGUES, 2000) argumentam que a diversidade cultural não só contribui com a conservação da biodiversidade como também a produz através da domesticação das espécies vegetais e animais nas práticas agropecuárias (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Ou seja, ao cultivar espécies para seu consumo cotidiano, espécies selecionadas para os fins culturais desejados, a interação e cruzamento entre elas possibilita a geração de espécies com novas características, ampliando a diversidade biológica local.

Na mesma medida, a degradação ambiental está associada à degradação cultural e vice-versa. Num cenário mundial de profunda crise ambiental e civilizatória, conhecimentos sobre um relacionamento sadio com a natureza devem ser valorizados e reproduzidos. Contudo, os conhecimentos tradicionais têm sido motivo de diversas discussões científicas e políticas em âmbito internacional, uma vez que seu uso não se limita a interesses com objetivos de favorecer os coletivos (DIEGUES, 2010). Outro desafio envolvendo o uso de conhecimentos tradicionais é a necessidade da ciência ocidental em validar estes saberes com conceitos científicos. É compreensível que exista a necessidade das pesquisas científicas em traduzir estes conhecimentos e torná-los inteligíveis aos ocidentais globalizados, porém é preciso reconhecer que a ciência ocidental não é soberana ou superior a qualquer outra forma de conhecimento. Ambas “são formas de procurar entender e agir sobre o mundo [...], são obras abertas, inacabadas, se fazendo constantemente” (CUNHA, 2009, p. 302). Como

exemplo da insuficiência destas traduções, Pierre Verger constata em seus estudos sobre o uso das plantas na cultura africana, de que um único nome em yorubá corresponde a diversos nomes científicos de plantas (VERGER, 1995). Isso significa que o sistema de identificação florística yorubá reconhece como sendo uma mesma planta - com as mesmas aplicabilidades e valores simbólicos - o que a ciência ocidental entende ser várias espécies diferentes. Ou seja, são sistemas cognitivos diferentes, mas que funcionam igualmente quando imersos na cultura que os sustenta.

A conexão entre conservação ambiental e cultural está no eixo de criação da categoria população tradicional. Iniciou-se com o êxito das reivindicações fundiárias por indígenas, quando “outros setores despossuídos da sociedade, como quilombolas e [...] seringueiros, começaram a emulá-las” (CUNHA, 2009, p.283). Por volta de 1975, por estímulo do governo federal, fazendeiros e especuladores de terra ocuparam o Acre, desmatando grandes áreas. Os seringueiros, diante da destruição dos recursos que sustentam seu modo de vida, organizaram diversos empates que encontraram ressonância nos discursos de proteção ambiental e, assim, assumiram uma “posição de vanguarda em mobilizações ecológicas” (CUNHA, 2009, p. 284-285). Tais mobilizações levaram à criação das reservas extrativistas que, diferente do modelo preservacionista norte americano para áreas protegidas – a natureza isolada da ação humana - têm como propósito fazer com que as comunidades locais sejam aliadas na proteção dos recursos naturais (CUNHA, 2009). Portanto, o que teve início como uma luta sindical pela garantia de direitos fundiários, tornou-se um discurso ambientalista.

Contudo, não são todas as populações tradicionais que têm o compromisso com a conservação ambiental. E quanto as que tiveram seu território ocupado pela malha urbana? A ideia de que as populações tradicionais sejam “naturalmente” conservacionistas foi refutada (REDFORD, 1991, p.2), uma vez que qualquer humano modifica o ambiente no qual vive para sobreviver. Visto que sob a promessa de melhores condições de vida, muitas culturas diluíram-se diante da influência de uma racionalidade mercadológica ambientalmente degradante. Mesmo assim, é inegável o vínculo territorial destes povos.

Portanto, a definição legal de população tradicional já não condiz com a realidade, já que o que é real é a morosidade no reconhecimento e titulação das terras tradicionalmente ocupadas. Sem a titulação, essas comunidades não têm autonomia para usufruir de seu território, de reproduzir seus saberes tradicionais, suas práticas econômicas e sociais vinculadas aos recursos naturais, além de estarem em constante disputa com empreendedores do agronegócio, grileiros (O'DWYER, 2002) e até mesmo o poder público.

Diegues e Pereira (2010) trazem uma relação de estudos que complementam a definição legal para populações tradicionais. Consideram que, além do relacionamento íntimo com o território, as populações tradicionais também evidenciam como características a transmissão oral, sistemas produtivos de subsistência e economia pré-capitalista (ARRUDA, 2000; CUNHA, 1989; IBAMA, 2008 apud DIEGUES; PEREIRA, 2010).

Apesar de todo este complexo cenário, a cultura não corre o risco de desaparecer. Ela pode perder traços importantes ao longo do tempo, mas novas experiências conduzirão a novos meios simbólicos que serão a ela agregados. Sendo assim, as culturas que supostamente estariam desaparecendo sob a dominância ocidental, estão se reinventando. Existe uma tendência a exagerar a supremacia do imperialismo ocidental sobre todos os outros povos, argumentando seu poder em dizimar tradições. É também um erro desconsiderar a intensa influência, violência e geração de dependências da lógica capitalista sobre as culturas do mundo, contudo este exagero acaba por reduzir os esforços de resistência que muito vêm se fortalecendo. Inclusive existem culturas que, interagindo com a nova realidade, puderam catalisar processos considerados tradicionais e se reinventaram, mantendo sua substância ou características fundamentais (SAHLINS, 1997). Este enriquecimento da cultural tradicional está relacionado à criativa capacidade adaptativa de povos tradicionais no relacionamento forçado com o modelo mercadológico. Embora exista a dependência financeira, já instaurada num mundo globalizado, esses povos inseriram-se na economia de mercado, ressignificaram o que lhes é apresentado e geraram novos recursos que possibilitaram seu fortalecimento e o despertar de tradições (SAHLINS, 1997).

1.1.3. Quilombolas caipiras

As terras tradicionalmente ocupadas por quilombolas formaram-se por diferentes processos, tais como fugas, heranças, doações, compra ou pagamento por serviços prestados (O'DWYER, 2002). Muitas destas terras eram distantes, isoladas e com baixo desenvolvimento industrial (CARRIL, 1997; LITTLE, 2002), exigindo a prática autônoma na produção agrícola, baseada no trabalho familiar, o que os conduziu ao campesinato (O'DWYER, 2002).

Neste estudo a cultura camponesa será referida pelo termo “caipira”. Ribeiro afirma que o caipira é a miscigenação entre o bandeirante português com o indígena brasileiro (1995). Já Candido considera o caipira como um modo de vida, e não um tipo racial, muito

associado à área de influência histórica paulista (2003). Não necessariamente são posições contraditórias, tendo em vista que posteriormente o(a) negro(a) africanos passaram a compartilhar o mesmo ambiente com bandeirantes, índios e caipiras, relacionando-se com estas pessoas e modo de vida. Além disso, deparou-se com a necessidade de adotar práticas de sobrevivência no ecossistema brasileiro, aprendendo com o indígena. São muitas as pesquisas sobre quilombolas paulistas que os associa à cultura caipira (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008; CARRIL, 1997; VOGT, FRY, 1996; QUEIROZ, R., 1983; CARDOSO, 1987). Novamente nos deparamos a uma categoria, o caipira, relevante aqui, pois o grupo pesquisado traz diversos elementos históricos e culturais (os quais serão apresentados posteriormente) que os fazem transitar também por este grupo.

Para compreender as origens da cultura tradicional caipira, Candido (2003) relata a expansão geográfica paulista nos séculos XVI, XVII e XVIII, quando portugueses bandeirantes, com suas atividades nômades e predatórias, definiram alguns “tipos de cultura e vida social” (CANDIDO, 2003, p. 45). Segundo ele, todo o grupo social existe em função da busca pelo equilíbrio relativo de suas necessidades com os recursos do meio físico, através de técnicas mais ou menos elaboradas, de acordo com a natureza de suas necessidades. O caipira, da mesma maneira, estabeleceu formas de relacionamento com o meio, contudo, permeadas pelo “provisório da aventura” (CANDIDO, 2003, p. 47) herdada pela vida bandeirante. Ou seja, desenvolveram costumes da atividade seminômade, o que os levou a ocupar terras esparsas e isoladas, a construir residências pouco duradouras, a produzir roupas e utensílios em casa, a cultivar roças itinerantes com pouca variedade e manufaturar sua própria produção, vivendo com o mínimo suficiente para sua sobrevivência e tendo sua própria família como mão-de-obra e unidade mínima de sociabilidade (CANDIDO, 2003; QUEIROZ, R., 1983). Rinaldo Arruda (1999) associa este modelo de “cultura rústico” à influência indígena, o que não significa um confronto com as ideias supracitadas e sim uma complementaridade sobre um modo de vida e, novamente, não uma etnia.

Esporadicamente, as famílias caipiras de uma mesma região relacionam-se umas com as outras estimuladas pela necessidade de obtenção de produtos, como o sal, ou como força de trabalho extra em atividades mais intensas da lavoura ou da indústria doméstica. Estes trabalhos coletivos são chamados mutirões e são trocados entre as famílias, alimentando um sistema de cooperação e ajuda mútua, fortalecendo a coesão dos bairros (CANDIDO, 2003)

O aspecto festivo também é característico do caipira, tanto como confraternização com alimentos e música oferecidos pelo beneficiário após um dia de trabalho no mutirão, como em festejos religiosos para pagamento de promessas. Sendo assim, de modo geral, o caipira tem

como principais características um modo de vida relativamente autônomo, baseado numa produção de subsistência gerada pelo núcleo familiar e ocasionalmente com o auxílio da vizinhança que compõe o bairro rural, estabelecendo relações de troca e reciprocidade, além de manter a sociabilidade através de comemorações e festejos religiosos (CANDIDO, 2003).

Apesar de sua origem bandeirante, o caipira desenvolveu um sentimento de pertencimento, de localidade, uma amorosidade com a terra (QUEIROZ, R., 1983; QUEIROZ, M., 1973; BRANDÃO, 1999). Ele vive o ambiente em função de sua apropriação e utilização, socializando o mundo natural. Sobretudo, ele interage com a terra que a ele responde, recriando a vida. O contato corporal e ritualizado entre o camponês e a natureza socializada forjam sentimentos para além da utilidade e interesse (BRANDÃO, 1999).

No entanto, com o progresso industrial e a consequente abertura de mercados, alastra-se a urbanização, expandindo-se sobre as áreas rurais. Fato que vem transformando o modo de vida caipira. Com novos bens de consumo até então desconhecidos, surgem novas necessidades, intensificando o vínculo e a dependência do caipira à vida mercantil das cidades (CANDIDO, 2003).

Nas pesquisas desenvolvidas por Queiroz (1973) em bairros caipiras paulistas, a pesquisadora mostrou que não é determinante o desaparecimento da civilização caipira com a elevação do índice de urbanização num município. A pesquisadora enfatiza que a cidade, seja moderna ou não, tem um modo de vida e uma distribuição espacial que expressa uma civilização diferente da civilização caipira, não confundindo entre si, mesmo que em graus diferentes de desenvolvimento e subordinação uma a outra.

A população caipira quilombola não se iguala a outra comunidade camponesa, pois o tipo de vida dos primeiros não foi ditado apenas pela adaptação ao meio natural, mas também pela condição étnica, social e econômica prévia dessa população oprimida e marginalizada (QUEIROZ, M., 1973). Queiroz (1983, p.32) considera um duplo estigma ser caipira e negro, “certeza de difícil e dolorosa integração na sociedade urbano-industrial brasileira”, já que o caipira também possui uma história de dependências e perda de autonomia em função de grupos com acúmulo de poderes políticos e econômicos. Utilizando a comunidade quilombola de Pilar do Sul como referência, mesmo tendo em testamento a doação de terras do antigo senhor de escravos, não puderam até hoje usufruí-las e nem manter suas práticas agrícolas de subsistência. Além disso, a doação de terras por donos de escravos, não significa necessariamente a benevolência de seus doadores e sim uma expressão da dinâmica escravista, pois garantia aos senhores de escravos a redução de gastos e revelias, já que os escravos produziam seu próprio sustento e sentiam-se mais satisfeitos por isso (VOGT; FRY,

1996; CARDOSO, 1987). Com a abolição da escravidão, os antigos senhores obtinham as vantagens de um sistema coronelista, criando dependências com o fornecimento de insumos e maquinário, e recebendo mão de obra barata.

Queiroz (1983), em seu estudo em comunidades caipiras quilombolas do Vale do Ribeira, sugere que estes chegaram à região já despojados de tradições africanas, já assimilando costumes da cultura caipira das áreas rurais paulista e mineira de onde partiram.

1.1.4. Relações culturais com a natureza

Carril observou em comunidades do Vale do Ribeira que o mundo natural e as relações comunitárias do quilombola caipira estavam intimamente interagindo (1997). Plantam para subsistência, com técnicas e equipamentos rudimentares, fazendo dos mutirões uma forma de solidariedade e preservação do grupo social, ainda que esta última prática tenha sido relatada como em desaparecimento. Também salienta que a prática da medicina popular ainda é regular e que as ervas medicinais são utilizadas tradicionalmente (CARRIL, 1997).

Segundo Almeida (2011), a medicina popular brasileira possui forte influência africana. Justifica que o tráfico negreiro, que se estendeu por séculos, trouxe ao Brasil saberes medicinais e ritualísticos, bem como algumas espécies vegetais de origem africana. Quando estas poucas espécies não atendiam às demandas, criativamente os negros e descendentes adaptaram seus conhecimentos às espécies semelhantes presentes no Brasil.

As curas resultantes do uso de plantas medicinais associadas a culturas tradicionais podem ou não possuir princípios bioativos que tenham aplicabilidade universal, pois muitos tratamentos envolvem crenças ritualísticas (ALMEIDA, 2011). Pierre Verger (1995) descreve diversos rituais e trabalhos vinculados a crenças africanas da sociedade yorubá que são voltados à saúde, à conquista de anseios, à proteção ou mesmo com o propósito de atingir outro alguém, em que as plantas são fundamentais. Cita o uso de espécies africanas como o café, espada-de-são-jorge, manjerição, babosa entre outras. Almeida (2011) em seu estudo sobre a cura através das plantas pela ótica da religiosidade afro-baiana, também traz uma diversidade de espécies vegetais e suas aplicações tais como a guiné, o alecrim e a arruda, plantas consideradas protetoras. Esta última é bastante citada para afastar o mau-olhado quando colocada atrás da orelha (ALMEIDA, 2011; SOARES, 2002) ou mesmo utilizada em banhos de limpeza espiritual e purificação.

Os conhecimentos indígenas sobre esta terra sem dúvida contribuíram na formação do uso da natureza pelo povo brasileiro a partir da colonização, que nos ensinou o plantio, a coleta e o consumo de espécies como o milho, mandioca, abóbora, feijões, amendoim, batata-doce, cará, palmito, pitanga, goiaba, banana, caju, mamão e tantas outras (ARRUDA, 1999). Com o fim da escravidão, algumas espécies foram levadas à África e incorporadas em suas práticas, como o milho, guiné, batata doce, fumo e annona (ALMEIDA, 2011). A culinária quilombola regional (sudeste do estado de SP) é citada por Lobo como tendo influência indígena e sendo principalmente associada aos pratos com os ingredientes: feijão; milho e derivados (farinhas, pastéis, curau doce/salgado); palmito juçara; banana; farofa de banana; peixes; carne de gado; pinhão; saladas variadas (2008). Segundo o Instituto Socioambiental, o fogão à lenha ainda é utilizado, complementando o fogão a gás (2008).

Em estudo feito em 14 comunidades quilombolas paulistas do Vale do Ribeira, dentre as espécies medicinais mais reconhecidas estão a hortelã, o boldo, o poejo, a erva-cidreira e a erva doce (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008). Quanto aos cultivares destinados à alimentação, esta mesma pesquisa apontou principalmente o feijão, cana-de açúcar, arroz, milho, batata-doce, cará, inhame, mandioca entre outros. Em seus quintais, dentre as hortaliças mais cultivadas e consumidas estão a couve, o alface, a cebola e a cebolinha. Quanto às frutas: a laranja, a goiaba, o limão e a banana. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008). Os animais criados são porcos, galinhas, patos e cabritos.

A comunidade quilombola do Cafundó, localizada a pouco mais de 30km de Pilar do Sul, já teve como prática tradicional o cultivo de milho, feijão e mandioca, e ainda mantém a criação de galinhas (GUEDES; BASTOS, 2017; VOGT; FRY, 1996).

1.1.5. Quintais

Ainda que não exista uma definição universal para o termo quintal, segundo Fernandes e Nair (1986), os quintais

[...] representam sistemas de uso da terra que envolvem o manejo deliberado de árvores e arbustos polivalentes em associação íntima com culturas agrícolas anuais e perenes e, invariavelmente, gado, compondo o complexo de uma propriedade familiar, sendo toda a unidade safra-árvore-animal administrada intensamente pela família. Conhecidos por nomes diferentes em vários lugares, esses sistemas agroflorestais são comuns em todas as regiões ecológicas dos trópicos e subtropicais, especialmente nas planícies úmidas com alta densidade populacional (FERNANDES; NAIR, 1986, p. 279, tradução nossa).

Pesquisas apontam que a produção alimentar é a principal função dos quintais e que a maioria deles atendem sistemas de produção de subsistência (FERNANDES; NAIR, 1986; KUNHAMU, 2013). Além de seu importante papel para a qualidade de vida e o bem-estar econômico e social das pessoas, os quintais contribuem com a manutenção da diversidade biológica de espécies nativas e exóticas, cultivadas ou selvagens (KUNHAMU, 2013).

Sua origem é pré-histórica, acompanhando o estabelecimento da agricultura humana, se espalhando gradualmente para muitas regiões úmidas (KUNHAMU, 2013). Kumar e Nair (2004) afirmam que o cultivo de quintais representa séculos de transformação cultural e biológica, acumulando sabedorias e insights de agricultores que interagiram com o ambiente sem insumos externos, capital ou habilidades científicas. Alguns estudos demonstram que comumente, ao redor da casa do camponês, é cultivada uma pequena produção de vegetais para consumo diário (BRANDÃO, 1999; QUEIROZ, M., 1973; QUEIROZ, R., 1983).

Os quintais de residências do período colonial que integravam a zona urbana, atendiam à produção doméstica com pomares, hortas, animais, além de serviços domésticos como o descarte sanitário (REIS FILHO, 1978, apud TOURINHO, 2016).

Westmacott relata que os jardins eram utilizados pelos escravos para cultivar plantas e vegetais que sustentassem a vida, além de representar o único lugar onde a família poderia “afirmar alguma independência e talvez encontrar algum grau de frescor espiritual” (1992, apud KUMAR; NAIR, 2006, p. 06, tradução nossa).

Nos estudos feitos com comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, suas casas são, em sua maioria, circundadas pelos quintais, também chamados de terreiros, onde são cultivadas plantas de pequeno porte, frutíferas e criados animais de pequeno porte, alimentados pelos excedentes de comida (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008). As técnicas de cuidado destes espaços são a coivara e a não utilização de insumos químicos. Os tamanhos estão entre 160m² e 2900m². As atividades nas hortas, roças e serviços domésticos são de responsabilidade das mulheres. Os serviços mais pesados, como construções e trato dos animais de grande porte, são feitos pelos homens (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008).

Muitas são as culturas em que as mulheres são as principais responsáveis pela manutenção de quintais, sendo esta tarefa uma extensão das atividades domésticas que representa uma das suas formas de cuidado do núcleo familiar, cultivando cotidianamente espécies adequadas a uma dieta saudável e correspondentes aos gostos e tradições locais (OAKLEY, 2004). O estudo de Oakley com mulheres de Bangladesh revela que o cultivo de seus quintais atende às necessidades alimentares da família, reduzindo as dependências do

mercado, e contribuem como complemento de renda com a venda de excedentes. Além disso, o cultivo de espécies, interagindo selvagens com domésticas, faz destas mulheres produtoras de biodiversidade, contribuindo com equilíbrio ecológico local. O fato de utilizarem espécies ajustadas a sua cultura também demonstra a importância tanto da mulher quanto do quintal para a manutenção de elementos que agregam a identidade local (OAKLEY, 2004)

Com o aumento populacional e adensamento espacial, o que representa maior concentração de pessoas por área, novas construções ocupam as áreas uma vez destinadas aos quintais, transformando suas funções e técnicas de manejo (DRESCHER, 2006). Como alternativas criativas à escassez de solo, água e outros insumos são desenvolvidas a hidroponia, containerização das espécies e os telhados verdes. A valorização econômica do solo urbano torna os grandes quintais artigos de luxo e em extinção. Os quintais urbanos atuais desempenham um papel que ultrapassa a utilidade de produção alimentar, já que a redução espacial limita as possibilidades de cultivo: é muitas vezes refúgio da intensidade frenética das cidades; é utilizado como elemento decorativo, como os jardins; surge a necessidade da implantação de garagens, tendo em vista o aumento da aquisição de automóveis; é também espaço de brincadeiras das crianças, quando as ruas se tornaram mais perigosas, incluindo a instalação de playgrounds nas residências mais abastadas (TOURINHO; SILVA, 2016). Em municípios urbanizados, geralmente não se encontram políticas públicas de incentivo e valorização de quintais, exceto eventual aumento de preço de mercado em residências com árvores.

Num mundo em crescente urbanização e aumento populacional, os quintais são possíveis soluções para uma diversidade expressiva de questões socioambientais da atualidade. Seus benefícios envolvem a segurança alimentar, maior autonomia econômica, a perpetuação de um relacionamento com a natureza, bem como serviços para o bem coletivo como a manutenção da permeabilidade e retroalimentação do solo, o incremento da biodiversidade, o abrigo de fauna de pequeno porte, neutralização de carbono e a manutenção do microclima. Trazendo o foco para o presente estudo, os quintais também podem ser considerados importantes para a conexão do indivíduo com seu território na elaboração de sua identidade.

2. METODOLOGIA

2.1. EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O termo sustentabilidade, que nomeia o programa de mestrado no qual esta pesquisa é realizada, traz uma bagagem de conceitos, usos e perspectivas que uma disciplina isolada dificilmente é capaz de abarcar. Sem a intenção de retomar as divergentes discussões deste termo, cabe aqui posicionar a pesquisa num contexto teórico que demanda uma consideração mais abrangente e complexa. Sendo assim, se buscou incorporar uma compreensão sistêmica da vida, em que tudo está conectado e é interdependente, inclusive o conhecimento. Compartimentá-lo sem considerar o contexto diverso em que se insere é ter uma visão limitada da realidade. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer o inacabamento do pensamento e negociar com as incertezas (MORIN; KERN, 1995). Neste sentido, não houve um esforço durante a pesquisa em enquadrá-la em uma ou mais áreas de conhecimento específicos e sim, a partir da realidade que se apresenta, buscar referências que contribuíssem ao alcance dos objetivos compartilhados entre pesquisadora e a comunidade em questão, possibilitando a convergência e a interação entre elas.

De acordo com Nicolescu (1999) a pluridisciplinaridade estuda um objeto de uma determinada disciplina sob a ótica de outras disciplinas. A interdisciplinaridade refere-se à transferência de métodos entre disciplinas, podendo inclusive gerar novas disciplinas. Já a transdisciplinaridade tem o objetivo de compreender o “mundo presente” apesar das disciplinas (NICOLESCU, 1999, p. 11). Ou seja, seu estudo vai além do que se enquadra nas disciplinas.

O caminho percorrido pelo presente processo científico é compreendido como uma pesquisa participante, atendendo a qualidades identificadas por Brandão e Borges (2007). São elas: 1) É uma experiência de ação social inserida em movimentos populares; 2) Origina e/ou re-elabora modelos de conhecimento social através da pesquisa científica; 3) Estabelece um envolvimento de compromisso mútuo entre pesquisador e movimento popular; 4) Compõe um processo geralmente mais amplo e de maior continuidade que a ação científica em si, reconhecendo a complexidade da realidade social; 5) Deve partir da vida cotidiana dos participantes; 6) Contextualiza os participantes e processos a eles vinculados em sua dimensão histórica; 7) Reconhece que pesquisador e grupo popular são fontes de saber, que articulados podem gerar um terceiro conhecimento; 8) Interage a teoria e a prática; 9) Promove interferências nas práticas sociais, gerando necessidades para novas práticas participativas; 10) Integram agentes populares; 11) “O compromisso social, político e ideológico da investigadora é com a comunidade” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 6); 12) Propósito da ação é a transformação social e a autonomia dos sujeitos; 13) “possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da

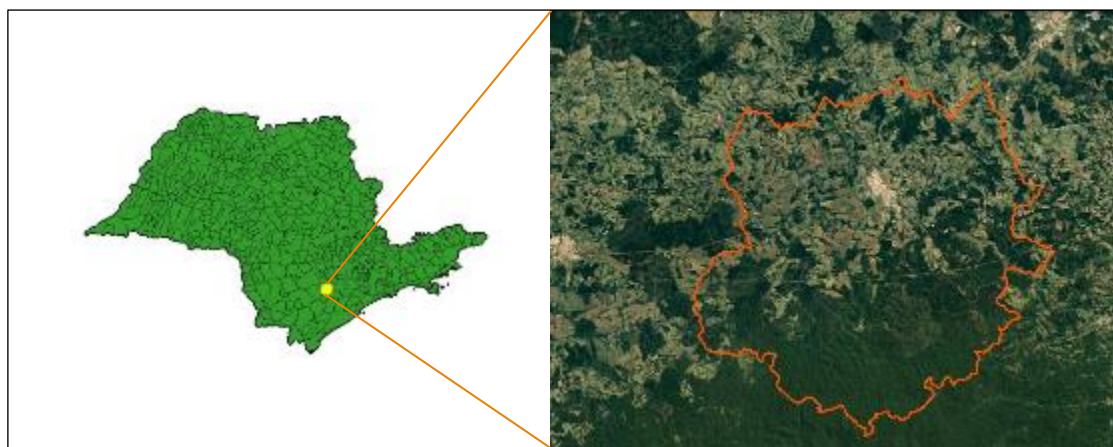
transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 6).

2.2. ÁREA E GRUPO ESTUDADOS

2.2.1. Pilar do Sul

Localizado na região sudoeste do Estado de SP, o município de Pilar do Sul está a 142 km da capital e é um dos 27 inseridos na Região Metropolitana de Sorocaba, SP. Estima-se que o município possui 27.518 habitantes (SEADE, 2016) distribuídos irregularmente sobre uma área de 681,123km² (IBGE, 2015). Seus limites (apresentados na Figura 1) são os municípios de Sarapuí, Piedade, Tapiraí, Itapetininga, São Miguel Arcanjo e Salto de Pirapora. Sua população está concentrada na área urbana, representando 81,48% da população total (SEADE, 2016). Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) é de 0,69, relativamente baixo comparado com os outros municípios da região metropolitana de Sorocaba, cuja média é 0,743. As atividades econômicas são serviços (66% do PIB), seguidos pela agropecuária (25%) e indústria (9%) (IBGE, 2014). Pilar do Sul vêm suprimindo extensivamente a vegetação de Mata Atlântica nativa para a produção de eucaliptos. Valio (2005) afirma que a inserção deste cultivo no município foi iniciativa da Cia Suzano de Papéis. Segundo dado de 2015 do IBGE, são em torno de 15.171 hectares de plantação de eucaliptos, ocupando 22,28% do município.

Figura 1 – Localização e limites do município de Pilar do Sul (SP).



Fonte: Elaborada pela autora utilizando Google Earth e dados do IBGE.

O município integra a Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema e a sub-bacia do Alto Itapetininga, sendo conhecido como “nascente das águas” (Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema). Os principais rios são Pinhal, Sarapuí e Turvo, além de diversas cachoeiras com potencial atrativo para o turismo.

A região de Sorocaba, na qual Pilar do Sul está inserida, teve os tupinambás como seus primeiros habitantes. A ocupação por portugueses teve início no final do século XVI, com as explorações de minério e a caça de índios para escravização por bandeirantes. No século seguinte, da sesmaria do bandeirante Baltazar Fernandes, nasce a Fazenda de Sorocaba, extrapolando os limites atuais do município de mesmo nome, e posteriormente elevada à categoria de Vila (Câmara de Sorocaba). Como a sesmaria de Baltazar era bastante extensa, é possível que tenha perdido seu direito sobre partes dela, que foram ocupadas por outros sesmeiros (ITESP, 2007).

A partir do século XVIII, a região torna-se rota dos tropeiros, sediando feiras de muares. Pilar do Sul foi utilizada como rota alternativa ao fisco de Itapetininga criado para cobrança de impostos sobre os gados bovino, equino e muar pela Coroa Portuguesa (ITESP, 2007). Uma das versões encontradas sobre o nome do município relata que os viajantes que lá pousavam utilizavam suas pedras para pilar carne. De acordo com Nogueira (2014), outra versão é de que uma organização religiosa de Sorocaba, entre 1690 e 1740, promoveu o povoamento das margens do Rio Sarapuí. Uma das famílias era a de Geraldo Domingues e sua esposa Catariana Corrêa, muito devota de Nossa Senhora do Pilar, santa espanhola que supostamente dá nome à cidade. Inclusive, Valio (2005) atribui ao catolicismo a religião predominante.

Conforme as informações do ITESP (2007), no século XIX (entre os anos 1815 e 1842), o Tenente Antonio de Almeida Leite compra para fins agrícolas parte das terras do Tenente Coronel Bento Gonçalves, que correspondia a 3000 alqueires, cujo nome passou a ser Fazenda Pilar. Nesta fazenda produzia-se principalmente algodão, milho e feijão e criava-se gado, ovelha, cavalos e outros. Para lá levou esposa (Maria Vieira de Santana) e seus escravos, libertos em testamento após a morte de Maria em 1843. Nos anos de 1860, boa parte de suas terras foram vendidas a familiares e o Tenente instalou-se onde hoje é o centro de Pilar do Sul. Até então Pilar era um bairro agropecuário de Sarapuí. Com a vinda de outras famílias, surge o movimento para tornar o povoado em Vila, o que aconteceu após a construção da capela do Bom Jesus do Bom Fim em área doada pelo Tenente. Em 1891 a Vila Pilar torna-se município.

O Tenente Antonio de Almeida Leite faleceu no ano de 1870, sem filhos, e deixou em testamento as terras a seus 17 escravos e à igreja. A respeito disso, a bibliografia do município consultada na biblioteca de Pilar do Sul e na internet demonstrou que a cultura do negro e a negra pilarenses é pouco reconhecida em suas características, está sempre vinculada ao histórico da escravidão e pontualmente sobre a figura de Seu Adelino Adão Caetano, por seu reconhecido trabalho como funcionário público e exímio músico nos anos entre as décadas de 1940 e 1970 (VALIO, 2005). Foi Seu Adelino quem iniciou os movimentos para regularização das terras quilombolas em Pilar do Sul. Valio (2005), autor de família muito presente no poder público do município, ainda afirma que as terras quilombolas foram divididas e vendidas.

2.2.2. Quilombo Fazenda Pilar

A comunidade tradicional quilombola Fazenda Pilar ocupa as terras localizadas no município de Pilar de Sul (SP) há mais de 140 anos. É reconhecida pela Fundação Palmares desde 2006 e está organizada pela Associação dos Remanescentes de Quilombo do Espólio do Tenente Antonio de Almeida Leite da Fazenda Pilar que possui (em 2017) próximo a 300 membros. Seu território compreende as terras doadas em testamento pelo tenente, que dá nome à Associação.

De acordo com compilação de informações, também baseada em documentação legal, feita pela Associação Quilombola, o Tenente deixou parte da sua fazenda para seus escravos com a condição de não venderem as terras e sim criarem seus filhos e netos. Porém, a ingenuidade e desconhecimento legal dos negros, levaram com que alguns fossem ludibriados a vender suas áreas por valores irrisórios. O que afetou a herança de todos os 17 escravos herdeiros da Fazenda Pilar. Hoje seus descendentes estão reivindicando seus direitos à terra, partindo da iniciativa do herdeiro Adelino Adão Caetano por volta de 1965, passando a missão a seu filho, atual ancião da comunidade e quem acompanhou passo a passo desta pesquisa. É uma pessoa com riquíssima memória, no entanto perdeu a habilidade de falar, escrevendo tudo que deseja comunicar.

Aproximadamente 70% desta área está urbanizada (ITESP, 2007, p. 29), sendo ocupada por famílias não quilombolas, comércios e equipamentos municipais. A Figura 2 permite visualizar o adensamento urbano sobre os limites das terras quilombolas doadas em testamento pelo Tenente Antonio de Almeida Leite. Os outros 30% estão ocupados por

pastagens. Segundo Relatório Técnico Científico do ITESP (2007), nesta porção urbanizada residem 38 famílias quilombolas resistentes. Outras 26 famílias deslocaram-se para bairros rurais e outros municípios em função da falta de terras livres para cultivar ou em busca de empregos.

Figura 2 – Limites aproximados da área doada à associação quilombola em testamento.



Fonte: Elaborada pela autora utilizando Google Earth e dados do ITESP.

Além da fragmentação e redução do espaço físico, a ocupação irregular afetou a transmissão de conhecimentos tradicionais que vêm sendo transformados pela cultura urbana. No entanto, estes conhecimentos tradicionais vinculados ao território são a representação de sua identidade e da sua força resistente diante de uma história opressora. Além disso, os saberes construídos durante mais de um século de relacionamento com a natureza local, muito podem nos ensinar sobre ela. Tendo em vista sua autonomia e a valorização de sua história e de seus saberes, a Associação Quilombola da Fazenda Pilar projeta a criação de um centro de memória e a retomada da agricultura de subsistência. Além das dificuldades relacionadas à titulação de suas terras para a prática agrícola, existe uma dificuldade da organização quanto a sua infraestrutura e quanto à captação de recursos para desenvolvimento de seus objetivos. Desde sua fundação, a Associação utiliza a antiga casa de seu Adelino Adão (Fotografias 1 e 2) como sede. Local este com baixas condições para receber os associados e visitantes, e para armazenar seus documentos, registros e objetos.

Apesar da urbanização, muitos quilombolas de Pilar do Sul mantêm quintais cultivados em suas residências. Nesses espaços, antigos hábitos e espécies são reproduzidos, além de memórias de seus antepassados.

Fotografias 1 e 2 – Faixada da atual sede da Associação Quilombola.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 28/06/2017

2.3. MÉTODOS

O método de pesquisa foi uma construção processual que deu-se conforme a prática foi sendo experienciada. O convívio com o quilombo foi apontando o curso a ser percorrido. Sendo assim, a pesquisa foi composta por seis etapas que interagem entre si no decorrer do tempo. São elas: 1) pesquisa exploratória baseada em bibliografia relacionada ao tema; 2) pesquisa de campo envolvendo observação direta; 3) pesquisa de campo direcionadas às entrevistas; 4) desenvolvimento do projeto coletivo de construção do Centro de Memórias da Associação Quilombola; 5) transcrição dos depoimentos das entrevistas, análise e tratamento dos dados.

A primeira etapa ocorreu durante o primeiro semestre de 2016 e consistiu na aproximação da comunidade através da participação nas atividades promovidas pelo grupo de estudos Evamariô da UFSCAR – Sorocaba, das quais membros da Associação Quilombola faziam parte. Este primeiro momento envolveu a observação direta e diálogos esporádicos para a identificação do recorte da pesquisa de acordo com demandas internas à comunidade.

O segundo semestre de 2016 foi dedicado à definição do processo para coleta dos depoimentos orais, bem como os procedimentos necessários para a garantia dos direitos dos

entrevistados. Para que a pesquisa atenda os direitos da comunidade estudada quanto ao fornecimento de conteúdo relacionado a seus conhecimentos tradicionais, esta foi submetida ao Comitê de Ética da UFSCAR e todo participante assinou duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2), um documento explicativo sobre a proposta da pesquisa que garante que as informações fornecidas serão sigilosas e que o participante tem total liberdade de desistir da participação em qualquer momento da entrevista. O desenvolvimento deste documento contou com a participação de representantes da Associação Quilombola para que fosse reconhecido como um instrumento legítimo. No decorrer do processo surgiu uma nova demanda do Governo Federal, de cadastrar a pesquisa no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado, o que foi feito.

Após a aprovação do Comitê de Ética (órgão responsável naquele momento), organizou-se as visitas às residências quilombolas junto ao ancião da comunidade – que desempenhou o papel de agente popular. Foi ele quem estabeleceu os critérios de escolha dos quintais, quem acompanhou cada processo da pesquisa, incluindo as visitas, e quem sensibilizou os(as) quilombolas indicados(as) a participar das entrevistas, de modo que as famílias se sentiram à vontade em compartilhar suas vidas, já que uma pessoa respeitada e confiável dava seu aval. Os critérios de escolha de quais residências seriam prioritárias foram baseados na existência do hábito de cultivo de quintais e na descendência direta de Seu Adelino Adão Caetano. Estes descendentes, e herdeiros, são denominados pela Associação Quilombola de “cabeças”. Dos 300 membros da Associação Quilombola, 20 são “cabeças”. Ao todo foram visitadas 10 residências de “cabeças”. Cabe ressaltar que as entrevistas foram conduzidas com os moradores presentes, sendo que em algumas residências mais de uma “cabeça” esteve presente. A definição da amostragem foi determinada também pelo tempo disponível para a pesquisa de campo.

O procedimento metodológico escolhido para alcance do objetivo geral desta pesquisa foi a história oral, que se refere ao uso de narrativas induzidas para registro de depoimentos sobre a história vivida ou mesmo compartilhada (DELGADO, 2017). Dentre as potencialidades deste procedimento, segundo Delgado (2017), está a possibilidade de revelar novos campos de pesquisa; apresentar complementos ou mesmo novas versões da história registrada; recuperar memórias comunitárias, étnicas, regionais, entre outras. A memória é a principal fonte dos depoimentos da história oral, podendo ser estimulada por objetos, documentos, fotografias, entre outros. Neste caso, o quintal foi o tema para despertar as narrativas. Inclusive, o quintal representa um espaço autobiográfico fértil de memórias do

relacionamento com a natureza. Nesta pesquisa, utiliza-se a definição de quintal de forma abrangente, como sendo o espaço no entorno das residências que exista o cultivo de alguma espécie vegetal e/ou animal. Quanto ao tamanho dos quintais, considerou-se como sendo os pequenos com até 50m², os médios entre 50m² e 100m², e os grandes com tamanhos superiores à 100m². Para diferenciar os quintais urbanos dos rurais, utilizou-se como critério a declaração do(a) entrevistado(a) de que utiliza a propriedade para a produção agropecuária como atividade geradora de renda principal ou complementar.

Os depoimentos orais foram estimulados através de entrevistas temáticas (DELGADO, 2017) - sendo o quintal o tema delimitador das infindas memórias de entrevistados - orientadas por um roteiro (APÊNDICE 1) e registrados por meio de sua gravação de áudio e através de fotografias dos quintais e suas espécies. Cada gravação contou com a transcrição das falas dos(as) quilombolas presentes na visita (APÊNDICE 6). Durante as visitas, as “falas” do ancião foram lidas em voz alta de forma a agregar nas gravações as suas considerações. No documento das transcrições, algumas observações da pesquisadora foram incluídas, como em um diário de campo.

A escolha pelo método de coleta das memórias a partir de uma entrevista aberta, com apenas alguns pontos orientadores e estimulantes, deu-se com o propósito de captar detalhes, dar atenção às pessoas, buscando a riqueza dos pormenores, das singularidades (CANDIDO, 2003). Como afirma Bosi, a “lembança puxa lembrança” (1994, p.39). Sendo assim, fez-se o esforço para dar autonomia para que as memórias da pessoa que recorda pudessem emergir estabelecendo suas próprias conexões. Porém, para que o depoimento pudesse contar com experiências de conhecimentos tradicionais, a pesquisadora introduzia um questionamento. Foram considerados tradicionais todo conhecimento vinculado a um parente de geração anterior a da pessoa que o relata.

Os resultados obtidos com as visitas e entrevistas são verdades narrativas e por isso, não se teve a pretensão de testar a veracidade dos relatos, confrontando informações com a história registrada oficialmente. Até porque entende-se que tanto uma como outra forma de contar a história são fundamentadas em perspectivas, isto é, pontos de vista restritos e incapazes de uma noção total da verdade. Contudo, cabe ressaltar que a história oficial também relata apenas uma perspectiva, e esta omitiu toda uma etnia que também fundamentou a construção do município.

A primeira medida tomada para análise dos resultados foi a organização das características gerais de cada quintal para que o(a) leitor(a) consiga ter uma noção do que está sendo relatado, além de possibilitar algumas reflexões de padrões que se repetem. As

características consideradas gerais são: as gerações presentes na visita (de modo a visualizar a transmissão de saberes intergeracional), o tempo em que a família convive com aquele local, o gênero dos(as) principais responsáveis pelo quintal, seus principais usos, seus tamanhos aproximados e se estão localizados em área urbana ou rural.

Como forma de organizar as memórias coletadas e assim apresentá-las metodicamente, foi feita sua redução, associando-as ao objetivo geral da pesquisa e enquadrando-as também em padrões identificados por aspectos semelhantes repetidamente mencionados e observados durante as visitas: conhecimentos medicinais, relacionamento com animais, conhecimentos culinários, modo de vida, técnicas e manejo, vínculo com a natureza, questionamentos sobre a racionalidade econômica e próximas gerações.

Os relatos referentes às espécies vegetais e animais e suas indicações foram compilados com os nomes dados pelos quilombolas. Novamente não foi feito o esforço em legitimar seus conhecimentos fazendo paralelos com seus nomes científicos, também porque este estudo não tem propósitos de replicação medicinal. Contudo foram associados os usos das espécies identificadas a usos citados em pesquisas científicas com outros povos quilombolas de forma a agregar elementos sobre a identidade quilombola brasileira. Foi dada prioridade a comunidades quilombolas regionais em função de similaridades ambientais, geográficas e históricas.

Muito sobre a história registrada que aqui foi descrita esteve embasada em documentação legal, compilada e organizada pela Associação Quilombola e pela antropóloga responsável pelo Relatório Técnico Científico do ITESP, Patrícia Scalli dos Santos.

De forma a dar um retorno à comunidade em agradecimento pela abertura de sua intimidade e compartilhamento de seus saberes, foi proposto redigir e inscrever o projeto do Centro de Memórias da Associação em um edital da Secretaria de Cultura do Estado de SP. Para tal, durante dois meses foram feitas pesquisas de possíveis editais com finalidades afins ao projeto do Centro de Memórias. Após identificação do edital, foi agendada reunião com líderes da Associação e membros do grupo Evamariô para definição dos objetivos, ações e seus responsáveis, de forma a construir um projeto coletivo e participativo. Uma conquista estimulada pelo projeto de captação de recursos foi a parceria junto à prefeitura para disponibilização de espaço hábil ao Centro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS QUINTAIS

Os espaços dedicados aos quintais nas residências visitadas possuem formatos, disposições, tamanhos e usos diversos. No quadro 1 são apontadas algumas das características observadas que contribuirão para a compreensão da complexidade destes ambientes.

	Quintal 1	Quintal 2	Quintal 3	Quintal 4	Quintal 5	Quintal 6	Quintal 7	Quintal 8	Quintal 9	Quintal 10
Gêneros responsáveis pelos quintais	fem.	fem.	fem. e masc.	fem. e masc.	fem. e masc.	masc. e fem.	fem. e masc.	masc. e fem.	fem.	fem. e masc.
Área de localização	urbana	urbana	urbana	rural	urbana	rural	rural	rural	urbana	urbana
Tempo que a família reside na casa	mais de 60 anos	35 anos	mais de 40 anos	18 anos	23 anos	11 anos	2 anos	28 anos	17 anos	mais de 45 anos
Usos*	C, L, PA, M, O, IS	C, L, O	C, L, PA, M, O, E	C, L, PA, M, CA, O, IS	C, L, PA, M, O, IS, E	C, L, PA, M, CA, O, IS, E	C, L, PA, M, CA, O, IS, E	C, L, PA, M, CA, O, IS, E	C, L, PA, M, O	C, L, PA, M, O, IS, E
Tamanho	médio	pequeno	pequeno	grande	médio	grande	grande	grande	pequeno	médio

*C- canil (abrigo de cachorro); L- lavanderia (lavagem e/ou secagem de roupas); PA- plantio de alimento; M- medicinal; CA- criação de animais; O- ornamental; IS- interação social; E- estacionamento (quando a casa não conta com garagem construída)

Quadro 1 - Características observadas nos quintais visitados

Sobre os formatos e tamanhos, existem os quintais dispostos ao lado da casa, alongando-se quase como um corredor até a parte frontal. São os quintais com menor dimensão (Fotografia 3), até aproximadamente 50m², totalizando três dos dez visitados.

Fotografia 3 – Quintal 9 de tamanho pequeno.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 26/05/2017

Os três quintais considerados aqui como médios, entre 50m² e 100m² (Fotografia 4), localizam-se ao redor e/ou ao fundo das casas.

Fotografia 4 – Quintal 5 de tamanho médio.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 24/04/2017

Já os grandes quintais (Fotografia 5), os quatro com mais de 100m² já com características rurais, têm a maior área concentrada na parte posterior das casas, estendendo-se em roças e criação de animais.

Fotografia 5 – Quintal 7 de tamanho grande.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 15/05/2017

Os quintais pequenos e médios são também os considerados urbanos. Podemos atribuir este resultado ao desenvolvimento da cidade, pois a limitação do espaço em função da urbanização fez com que fossem sendo suprimidos os quintais no decorrer dos anos para que as gerações seguintes pudessem ser abrigadas. Sendo assim, sobre os quintais foram construídos novos cômodos da casa, transformando a estrutura e o uso deste espaço. São também estes quintais correspondentes às casas mais antigas. O fato das residências mais antigas estarem no centro urbano está associado à ocupação do território quilombola sobre o qual a cidade se desenvolveu, fazendo com que aqueles que possuem como interesse manter práticas tradicionais agrícolas, precisassem se deslocar para terras mais afastadas.

Quanto aos responsáveis pelos cuidados com os quintais, foi observada durante as entrevistas a segregação dos serviços por gênero, assim como as pesquisas em quilombos do Vale do Ribeira observaram. Conforme mostra o Quadro 1, o trabalho das mulheres é presente em todos os quintais. Elas dedicam-se principalmente às plantas ornamentais e medicinais, além de responsabilizarem-se pela culinária e serviços domésticos. Os homens são os principais responsáveis pelo tratamento dos animais e dos roçados, os quais exigem esforços físicos maiores. Apesar da identificação destes padrões, existem situações atualmente que demonstram a capacidade de desenvolver estes serviços com qualidade independentemente do gênero, como é o caso da quilombola que perdeu o esposo e assumiu todos os serviços da lavoura e da criação de animais de grande porte. Contudo, deixou de produzir a horta em função da falta de tempo. Também observa-se no Quadro 1 que o uso da

lavanderia (Fotografias 6 e 7) e o cultivo de plantas ornamentais é comum a todos os quintais. O cultivo de ervas medicinais está presente em 90% dos casos, sendo que a quilombola do único quintal que não faz este uso, vai até a irmã para cultivá-las, em função do espaço.

Fotografias 6 e 7 – Utilização dos quintais para serviços de lavanderia.



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 24/04/2017 e 18/04/2017

O APÊNDICE 3 apresenta a relação total das plantas citadas pelos quilombolas nas entrevistas e os usos atribuídos a cada uma delas: alimentação animal; alimentação humana; artesanato; estética; estrutural; inseticida natural; medicinal; mística; ornamental; sem uso definido; tóxica. O maior número de espécies presentes nos quintais e apresentadas pelos quilombolas visitados são de espécies alimentícias humanas, seguidas pelas medicinais. Provavelmente por serem espécies das quais o uso se faz mais frequente, demonstrando que os quintais ainda têm grande importância para a subsistência desta família. Contudo, pequenos quintais, como mostra o Quadro 1, não têm condições de plantar espécies alimentares.

As espécies ornamentais estão presentes em todos os quintais visitados, mesmo nos menores, contribuindo com a beleza das residências. É possível dizer que estas espécies também tem a função de manter um relacionamento com a natureza num ambiente urbano adensado, em que as famílias transitaram da produção alimentar em suas casas para a dependência do sistema mercantil para o atendimento de necessidades criadas.

“Na cidade grande tudo que você quer vem do dinheiro” (ancião, nascido em 1941)

“Na cidade tem que ter dinheiro se não, não tem nada. Então a gente tendo a terra da gente, você pode plantar um pouquinho de cada coisa, pra [sic] gente e pra servir o outro” (Moradora do quintal 2, nascida em 1953)

Temos a preponderância das roseiras, encontradas em 50% das residências, plantadas próximas ao portão de entrada da casa, fazendo as boas-vindas aos visitantes. São muitas outras espécies ornamentais (Fotografias 8, 9 e 10) sendo as mais encontradas a orquídea (4), a violeta (3), a espada-de-são-jorge (3) e a samambaia (2). Em uma das residências foi apontada uma espécie ornamental de valor simbólico-afetiva, uma flor de maio que pertenceu a avó da visitada. Como visto no trabalho de Pierre Verger, a espada-de-são-jorge é uma espécie africana muito utilizada em rituais, porém não foi atribuído este fim durante as visitas.

Fotografias 8, 9 e 10 – Espécies ornamentais (roseira, flor de maio, violetas e samambaias).



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 18/06/2017, 26/05/2017 e 18/04/2017

Os quintais são muito utilizados para interação social. São lembrados como espaços de brincadeiras de quando eram crianças, de broncas e machucados. Hoje adultos, alguns contam estimular seus filhos e netos a também brincar e trabalhar na terra.

“Esse machucado é uma lembrança da cerca que separava o terreno de cima e o de baixo da casa do padrinho [avô]. Eu fiquei pendurada. Ali na parte de baixo não tinha plantação. Tinha galinha. Ele falava pra [sic] não deixá [sic] sair na rua.”
(Moradora do quintal 9, nascida em 1977)

Alguns relatos criticam o desinteresse da geração mais nova em envolver-se com tradições, porém foi observado durante as visitas o acompanhamento de crianças e jovens junto aos seus pais e avós no cuidado e uso dos quintais (Fotografia 11). Das dez visitas, nove foram acompanhadas por crianças e jovens, possivelmente interessadas na presença de uma pessoa diferente. Contudo, três dos quintais contam com a participação ativa e interessada das crianças, que relataram gosto e conhecimento no relacionamento com a natureza. Dois deles localizados na área rural. A proximidade e o contato regular entre gerações são solos férteis para reprodução de conhecimentos tradicionais.

“Meus filhos aproveitam, todo o final de semana eles tão aqui. Tem minha neta também, ela adora vir no sítio, ela tem 10 anos. A filha mesmo gosta muito de natureza” (moradora do quintal 8, nascida em 1971)

“Todos gostam, meus filhos, meu pequeno, gosta do sítio” (moradora do quintal 7, nascida em 1976)

Outro ponto importante observado na relação entre as gerações é o respeito aos mais velhos, sendo que as crianças e jovens sempre se dirigem a eles com o tratamento de “senhor” e “senhora”. Pelo fato do ancião acompanhar a pesquisa em todas as suas etapas, também foi diversas vezes observado o pedido a ele de bênção, com as duas mãos unidas em posição de oração.

Fotografia 11 – Criança brincando no quintal.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 15/05/2017

3.2. PRODUÇÃO ALIMENTAR

“Eu herdei da minha avó, que gostava muito de cozinhar” (moradora do quintal 4)

A produção de alimento para subsistência é um dos usos memoráveis dos quintais. É inclusive a principal manifestação de interesse sobre as terras quilombolas reivindicadas.

“O que eu mais sonho na minha vida é com as terras, plantar. Aqui não tem como fazer nada. Tudo em lata, em vaso. Quero plantar feijão, milho, fazer horta. Quero plantar os remédios” (Moradora do quintal 2).

As hortas (Fotografias 12 e 13), compreendidas como o cultivo de espécies herbáceas alimentares, não são comumente reconhecidas nos quintais visitados, apesar de sete deles possuíram ao menos uma espécie que se enquadre neste conceito. Apenas uma residência deu

este nome a uma determinada área que cultivava verduras, temperos e poucos legumes. No entanto, algumas pessoas relatam que já tiveram hortas e interromperam a prática. As justificativas dadas pela pouca frequência de hortas são a falta de espaço, a falta de tempo, a baixa nutrição do solo ou desinteresse.

Fotografias 12 e 13 - Hortas.



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 15/05/2017 e 18/04/2017

Três dos quintais mantém a prática regular de roça, sendo uma delas urbana, de tamanho intermediário. Uma das quilombolas, moradora da área rural, afirma que praticamente toda a alimentação doméstica é produzida no local ou ganhada de vizinhos e familiares. Quanto às lembranças associadas aos quintais de antepassados, os cultivos mencionados eram de mandioca, milho, cana, amendoim, feijão, algodão, arroz, alface, mamão, batata, café. Já as expectativas de plantio para subsistência quando suas terras forem resgatadas são semelhantes às cultivadas em gerações anteriores: milho (5); mandioca (4); horta (3); cana (2); feijão (2); batata doce (2); abóbora (1); remédios (1); árvores frutíferas (1).

“Tenho bastante lembranças, até quando meu pai tinha um sitinho [sic] pra lá, que ele trabaiava [sic] na prefeitura, ele saía do serviço, nós já acompanhava ele pra vim, pra nós prantá [sic], pra nós carpi. Cuidar de galinha. Ele tinha um monte de galinha. Soltava, fechava, era assim. Comia ovo. Meu pai plantava roça, feijão, milho, mandioca. Outra vez quando nós já estava pra cá, era um terrenão grande, tinha batata doce, cana de açúcar” (quintal 10, nascida em 1945).

As espécies arbóreas frutíferas estão presentes em um quintal pequeno e em todos os intermediários e grandes. Os grandes agrupam as árvores numa mesma região do terreno e a denominam pomar (Fotografias 14 e 15). A citação das espécies cítricas nos quintais é

bastante frequente - sete dos dez quintais – porém, em três destes as árvores foram suprimidas em função de uma doença identificada em uma das visitas como broca. As demais árvores frutíferas mais indicadas são de amora (3), goiaba (3), acerola (3), banana (3) jabuticaba (2) abacate (1). Num dos quintais havia duas espécies frutíferas com valor simbólico-afetivo: uma pitangueira semeada pelo avô e uma laranjeira que um dia foi podada em forma de coração pelo marido, dias antes de seu falecimento.

Fotografias 14 e 15 – Pomares.



Fonte: Gabriella Paixão. Data: 15/05/2017

O interesse em retomar as práticas de cultivo para subsistência, sem interesses diretos voltados para a geração de lucros, demonstra que a comunidade está interessada em cumprir o esperado quanto à sua categoria de população tradicional. Inclusive, este projeto da comunidade tem intensão em produzir alimentos sem uso de agrotóxicos ou transgênicos. Este tema surgiu em algumas entrevistas com olhar crítico dos quilombolas:

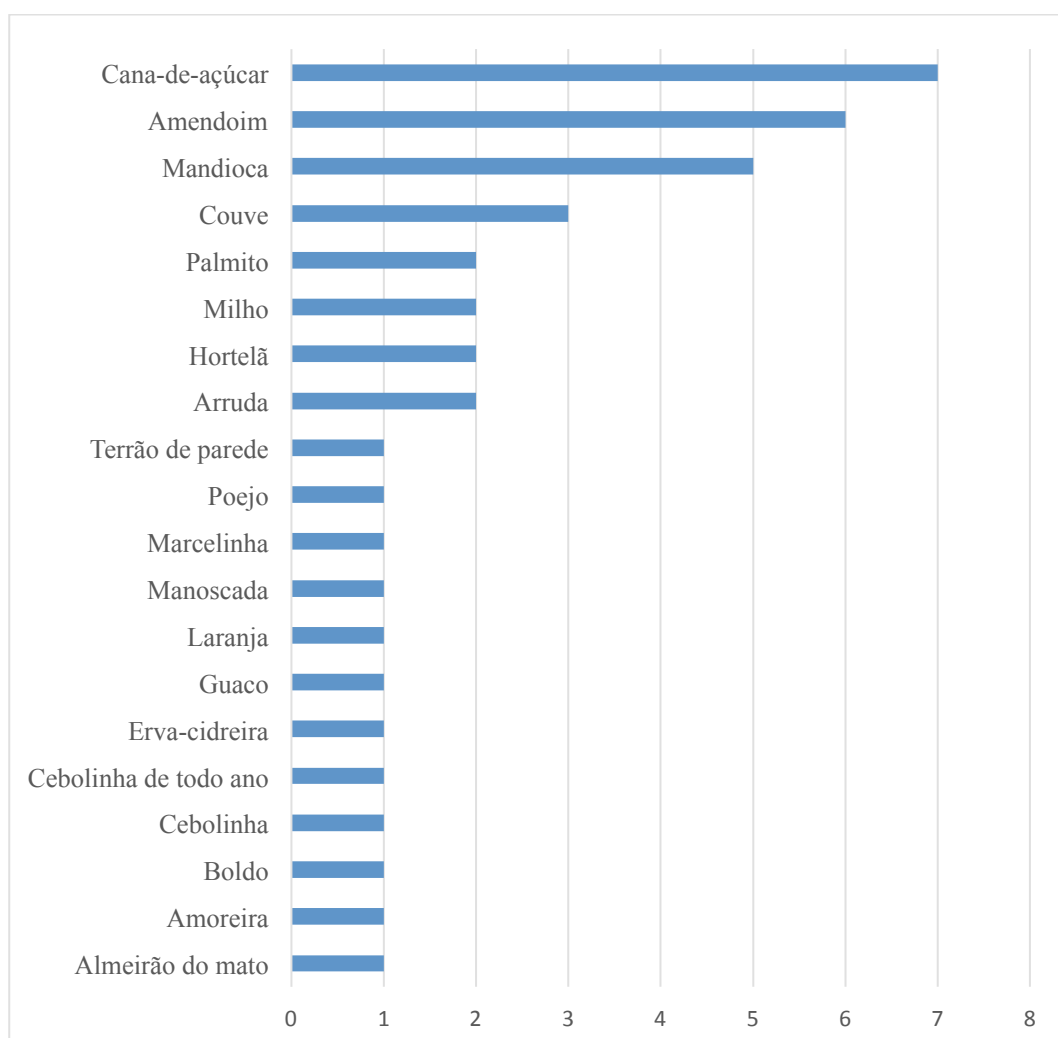
“Agora você planta uma coisa, de repente já tá [sic] dando. Tudo é força do veneno. Eu queria plantar sem veneno nas terras que vierem” (moradora do quintal 10)

“Hoje em dia é muito caro, né [sic]? Um pezinho de couve. E você come às vezes tem veneno” (moradora do quintal 7)

“Apesar de hoje a gente pensar que está mais fácil, mas acho que perdeu um pouco da qualidade, alimentação perdeu a qualidade. Até mesmo a carne, antigamente você levava 4 a 5 anos pra [sic] você abater um boi, hoje em dia na faixa de um ano, um ano e pouquinho. Acredito que o excesso de medicamentos, hormônio, acaba interferindo na saúde da gente também. Esses venenos, esses produtos químicos pra [sic] acelerar o processo” (moradora do quintal 4, nascida em 1978)

Observando o Gráfico 1, podemos ver a recorrência de citações de espécies vegetais que de alguma forma estiveram vinculadas a práticas de antepassados.

Gráfico 1 - Espécies vegetais associadas à conhecimentos de gerações anteriores.

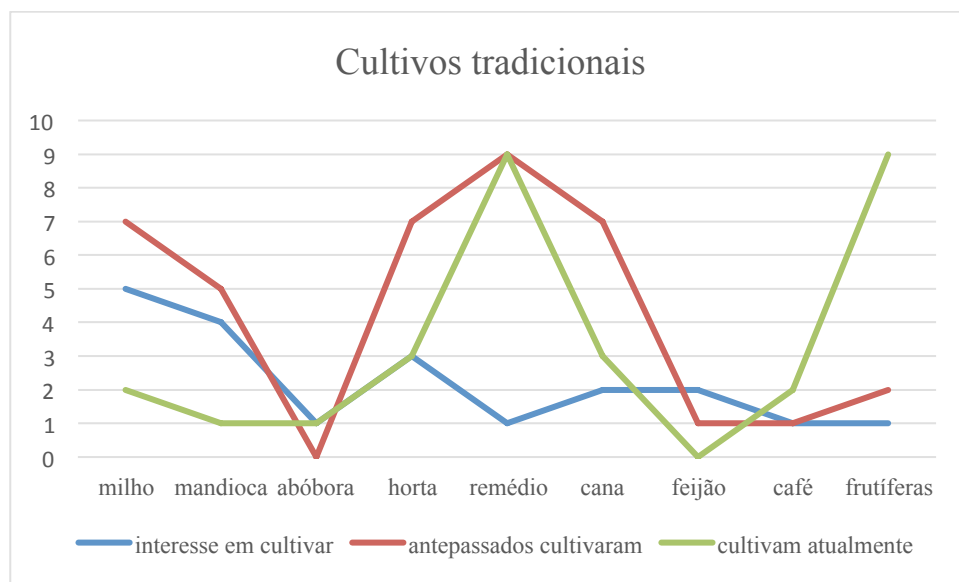


A cana-de-açúcar, principal vegetal relacionado a antepassados durante as entrevistas, é uma espécie africana. Seu cultivo também é comum nas comunidades quilombolas caipiras do Vale do Ribeira, assim como a mandioca, a couve, o palmito e o milho.

O Gráfico 2 faz um cruzamento entre as espécies que foram relacionadas a práticas de antepassados, com aquelas cujo cultivo ainda é regular e aquelas com interesse demonstrado em cultivar nas terras reivindicadas. Os remédios, cuja discussão será aprofundada posteriormente, são as práticas tradicionais que, provavelmente em função do pouco espaço, puderam manter-se cultivadas. O café também é uma planta de origem africana que, embora

não tenha sido muito indicada como produção tradicional, não faltou em nenhuma visita acompanhado da hospitalidade das(os) anfitriãs(ões).

Gráfico 2 - Cultivos passados, presentes e futuros.



A culinária é outro aspecto cultural que facilmente carrega diversos elementos passados de geração em geração. Especificamente quando o alimento é produzido em todo seu ciclo - desde o preparo da terra até o alimento servido no prato –, a família constitui a mão de obra necessária para sua própria nutrição. No caso de famílias que convivem em um mesmo território, a capacidade de transmissão de saberes é ainda mais expressiva. Tradicionalmente alimentos utilizados na cozinha da família dos Caetano são produzidos nos quintais, embora nos dias atuais o volume e a diversidade sejam muito menores, principalmente em função da pouca disponibilidade de espaço e da transição para a cultura de mercado. Os alimentos mais memoráveis citados nas visitas são os doces. Além do uso doméstico, os doces representavam um complemento à renda familiar. Seu Adelino colocava todos para trabalhar na produção e na venda. Muitos relatam com satisfação as lembranças de participar deste “ritual familiar”.

O mais lembrado é o doce de amendoim feito no tacho de cobre no fogão à lenha. É feito até os dias atuais, seguindo o mesmo procedimento, no entanto hoje os ingredientes são comprados.

“Esses dias lembrei do doce de amendoim do padrinho, torrar o amendoim, descascar, mexer o leite no fogão no tacho de cobre. Que a gente ajudava em tudo. Socava o amendoim do pilão” (moradora do quintal 9)

“Ontem mesmo minha menina tava [sic] falando desse melado que nós fazia [sic] no fogão de lenha. A gente fazia e saía vender na rua, vender rapadura, doce de amendoim” (moradora do quintal 6)

Também são bastante lembrados o melado e a rapadura, mas são considerados mais difíceis de produzir atualmente. Doces lembrados, que não são mais feitos, são o bolo de fubá na panela de ferro sobre o braseiro e o pudim de mandioca. Outros doces bastante citados e feitos ainda nos dias de hoje são o doce de leite, o doce de abóbora – de pedaço ou “bem apuradinho” - arroz doce, doce de banana, doce de figo, curau, pamonha, bolo de fubá. Os ingredientes são produzidos nos quintais, presenteados por familiares e amigos ou comprados.

Quanto aos pratos salgados, as receitas indicadas sempre contam com ingredientes que já foram, ou ainda são, produzidos nos quintais. Das receitas ainda produzidas: sopa de milho (indicada com broto de abóbora ou frango); bolinho de frango; paçoca com carne; arroz (que antigamente era descascado no pilão); arroz com frango; feijão (com couve ou torresmo frito); feijoada; frango temperado e refogado; carne de porco; sopa de mandioca; pastel de palmito.

“Com a galinha nós fazia arroz com frango, ele temperado. Com milho curau, pamonha. Tudo eu faço também. Eu já tô [sic] ensinando e vai passando” (moradora do quintal 10)

“Eu faço paçoca, eu aprendi com a mãe, vai carne de porco, de boi, cebola, bastante alho” (moradora do quintal 2)

A couve é a hortaliça mais citada nos relatos. Ainda é bastante presente nos quintais e cardápios quilombolas de Pilar. São consumidas no feijão, refogada, na salada, batida com suco de laranja ou limão.

“A couve às vezes eu faço saladinha, bem fininha, aprendi com a vó, picar bem fininha, ou às vezes eu ponho pra cozinhar no feijão” (moradora do quintal 7)

“A gente sente falta de um pé de couve, de uma cebolinha. Eu lembro do padrinho, a farinha no caldinho de feijão, que ele comia muito, e ele deixava pra mim também comer, com carinha de porco, couve refogadinha” (moradora do quintal 9)

Os temperos mais presentes nos quintais são o manjeriço (6), a alfavaca (3), a manjerona (3) e a cebolinha (2).

“Quando for fazer um bolinho, no caldo eu ponho um galhinho de manjeriço” (moradora do quintal 7)

“A mãe sempre põe cebolinha na batatinha cozidinha [sic]” (moradora do quintal 1, nascida em 1959)

O alimento encontrado em todas as residências no momento da visita, como já citado, é o café. Apenas um quintal o cultivava e, mesmo este, só o colheu e torrou poucas vezes. O leite que o acompanha é comprado, ganhado, produzido na propriedade ou nos sítios onde trabalham.

Dentre os instrumentos utilizados na cozinha destaca-se o fogão à lenha, elemento importante para algumas receitas tradicionais pelo sabor diferenciado que os alimentos incorporam. Atualmente foram encontradas duas residências com fogões à lenha ainda ativos e uma moradora quilombola com o interesse em construir um. Também são citados com frequência, como instrumentos tradicionais da cozinha, o pilão, o tacho de cobre e a panela de ferro. Quanto às técnicas, em duas das visitas foi citada a preservação da carne em lata de gordura de porco. No momento da preparação da carne, esta é espetada e diretamente colocada sobre chapa quente. A técnica de defumação do porco também foi indicada, utilizando taquaras sobre o fogão à lenha para sustentação da carne (fumeiro).

3.3. QUINTAIS TERAPÊUTICOS

“Os Caetano [quilombolas da Fazenda Pilar] usam plantas do mato para fazer remédios” (ancião da comunidade)

Em todas as visitas algum conhecimento sobre a utilidade medicinal das plantas foi citado, atribuindo ao quintal também a função de produção de remédios.

Contam as memórias que a matriarca da família era curandeira, benzedeira. A cura esteve muito presente na família e reconhecida por pessoas de diversas cidades que vinham buscar seu tratamento. As novas gerações afirmam, com pesar, que estes conhecimentos se perderam. Ainda assim compartilham breves memórias deste tempo.

“A casa da minha avó, ela faleceu quando eu tinha sete anos, mas eu lembro alguma coisa, era muito cheia de gente, era muito cheia de criança. Meu avô e minha avó eram analfabetos, rezavam, cantavam, faziam aquelas orações longas tudo de cabeça. Benzê [sic] de perna curta, de quebranto. Eu sei que ela colocava a criança deitadinha [sic] media no calcanhar certinho. Tinha umas orações que ela cortava na porta, tinha uma que ela passava a faca, outra ela passava o machado, outra ela riscava no chão, ela fazia a volta inteira da casa” (moradora do quintal 4, nascida no ano 1978).

“Vinha [sic] pessoas de fora, de São Paulo, pedir o benzimento pra [sic] ela. Não tem nada gravado pra [sic] gente mostrar. Só a gente falando agora. Ela recebia a pessoa e ela fazia uma oração. Tratava perna curta. Ela fazia voltar. Às vezes era

uma corrente, três dias. Como a gente queria poder voltar no tempo de certas coisas”
(moradora do quintal 9)

Embora a prática do benzimento seja uma prática associada ao catolicismo popular, uma vez que utilizam orações e referências a santidades desta religião, quando utilizadas ervas e objetos, é possível atribuir significados vinculados às crenças de origem africana, uma vez que estes elementos não estão presentes nos rituais. Como exemplo, o ato de “riscar o chão” citado pela entrevistada, pode ser associado aos desenhos feitos nos trabalhos ritualísticos yorubás, identificados na obra de Pierre Verger. Assim como a representação dos cortes simbólicos feitos com machado e faca. Também na obra de Verger está relatada a fundamental importância das ervas para os rituais, inclusive os feitos em busca de cura do corpo e do espírito. Conforme relatado durante as entrevistas, em alguns casos também eram utilizadas plantas e mesmo partes de animais nos trabalhos de benzimento realizados pela falecida matriarca.

“A minha mãe, benzia criança. Eu lembro, vinha criança barrigudinha. Já tava [sic] desacorçoado de dar remédio em farmácia. Minha mãe fazia chá, precisa de ver, no dia seguinte soltava até bicha. Era uma maravilha. Ela benzia, minha mãe, benzia com terço, gozado porque nós não pegamo [sic] nada dessas coisas, de fazer remédio iguar [sic] ela. Vinha gente de Sorocaba. A maioria era criança, mas adulto também, com mal olhado” (moradora do quintal 10).

Fazendo um breve adendo associado ao uso de ervas em práticas religiosas, foi questionado durante as visitas o uso de plantas para proteção ou banhos para limpeza espiritual, bastante comuns em religiões de matriz africana. Todas as respostas demonstraram descrença e vez ou outra um certo constrangimento com a pergunta. Uma das respostas justifica a descrença afirmando que a bíblia diz ser credice, superstição. Quando consultado se este tipo de pergunta é inconveniente, foi respondido que na família não existe nada da religião africana e que os próprios negros chamam os seguidores destas vertentes religiosas de “povo macumbeiro”, com tom pejorativo. A respeito disse cabe comentar sobre a guiné, planta incorporada em rituais da tradição afro-brasileira e que foi encontrada em duas das residências. Embora saibam identifica-la, não atribuem uso específico. Pelo contrário, ressaltou-se de que não gostavam dela. De fato, a planta possui aroma forte, mas despertou um questionamento sobre a possível associação ao desmerecimento das religiões de matriz africana, já que muitas outras plantas com aroma forte não foram rejeitadas.

Todos(as) os(as) quilombolas da Fazenda Pilar visitados são católicos praticantes. Possuem alguma escultura sacra, um altar, quadros de cenas bíblicas ou mesmo uma oração pregada na parede. As falas também trazem diversas referências à Deus:

“Deus proverá, né? Quando sair o espaço aí” (moradora do quintal 3, nascida em 1960).

“A pessoas não olham pra [sic] natureza, pra descansar um pouco, pensar um pouco em Deus, na vida” (moradora do quintal 4).

“Nós vamos no domingo, leva os filhos. A gente precisa de Deus. É o sustento da nossa vida” (moradora do quintal 7).

“Pra [sic] mim nada é difícil. Graças a Deus!” (moradora do quintal 10).

As plantas medicinais fazem parte da tradição desta família, pois em diversos momentos foram comentadas lembranças de antepassados utilizando plantas no tratamento de doenças. A tabela do APÊNDICE 4 descreve todas as espécies citadas, suas indicações, forma de preparo e número de vezes que foram citadas. Destas algumas são declaradas como conhecimentos de gerações anteriores (Fotografias 16, 17, 18 e 19): amoreira, arruda, boldo, erva cidreira, hortelã, laranjeira, manoscada, marcelinha, poejo e terrão de parede.

“A arruda põe assim do lado [do rosto]. Se tiver ar [dor de cabeça], chupa tudo. Esse ar pega muito na dieta, quando ganha neném. Uma réstia que tomar, no carro assim, já pega. Aí põe esse. Faz um chazinho. Também faz um remédio, esse minha mãe sempre fazia, esse remédio põe numa pinga, num açúcar, faz meladinho, aí tira tudo, aí esse toma. Esse sai tudo, tudo. A mãe também põe atrás da orelha [sic]. Pra puxar.” (moradora do quintal 10)

O uso da arruda nas tradições afro-brasileiras é bastante conhecido, inclusive quando utilizada atrás da orelha. Em uma das citações sobre esta forma de uso pelo Seu Adelino, foi notado constrangimento. Esta rejeição é bastante comum ao cristianismo, religião preponderante no município.

Fotografias 16, 17, 18 e 19 – Espécies medicinais (arruda, hortelã, poejo e boldo)



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 18/06/2017, 15/05/2017, 18/04/2017 e 24/04/2017

Dentre as plantas indicadas como medicinais, uma delas (Fotografia 20) apresenta valor simbólico-afetivo:

“Aquele fumo é do tempo da mãe que cai a semente e nasce. Isso que eu falo procê [sic], como é as coisas, há quanto tempo que a mãe plantava e tá [sic] nascendo ainda. Já faz 16 anos que ela faleceu” (moradora do quintal 10)



Fonte: Gabriella Paixão.
Fotografia 20 – Fumo com valor simbólico-afetivo.

Algumas falas comentam o conhecimento de muitos tratamentos através das plantas, mas quando é solicitada descrição, são lembradas poucas espécies, especificamente as ainda plantadas nos quintais. Ainda assim existe o reconhecimento da importância de se preservar e resgatar saberes.

“A gente tem que usar essas coisas. Fica perdido. O remédio da farmácia faz bem pra [sic] gente se precisar tomar, sim, mas a gente vê que melhora uma coisa, já atrapalha tudo a outra. A gente vê com as meninas, você toma uma coisa pra [sic] enxaqueca, ataca o estômago. A gente tem que resgatar” (moradora do quintal 7).

“O medicinal a gente utiliza até hoje, eu acredito muito nisso. Então os chazinhos são sempre bem-vindos, na geladeira tem uma camomila, uma erva doce. Pra [sic] gente não perder, nem pode perder (moradora do quintal 9).

Outra prática de tratamento da matriarca curandeira que é lembrada são as dietas. São indicações de alimentação, comportamentos e chás para um período de 40 dias com o objetivo de prevenção de doenças. Duas senhoras (a filha e a neta da matriarca) que foram visitadas para a pesquisa afirmam reproduzir, ainda nos dias de hoje, esta prática.

“Eu aprendi com a mãe, ela plantava e fazia. Eles me procuram pra [sic] dieta.” (quintal 2)

“Eu guardei [fiz] 12 dieta [sic]. Negócio de dieta eu não tenho uma dor de cabeça. Tudo que a mãe mandava eu fazia. Não desobedecia. Fazia direitinho, graças a Deus. Quarenta dias sem lavar a cabeça. A dieta é bom [sic] pra não ficar doente. O chá toma só no fim da dieta. Tem que comer certo também. A maioria é macarrãozinho. Arroz também não é bom na dieta. Peixe não pode. É podre. Sorvete

também não pode. A sobrinha, tomou sorvete no último dia da dieta e morreu. Fazendo as coisas direitinho, não sofre” (moradora do quintal 10)

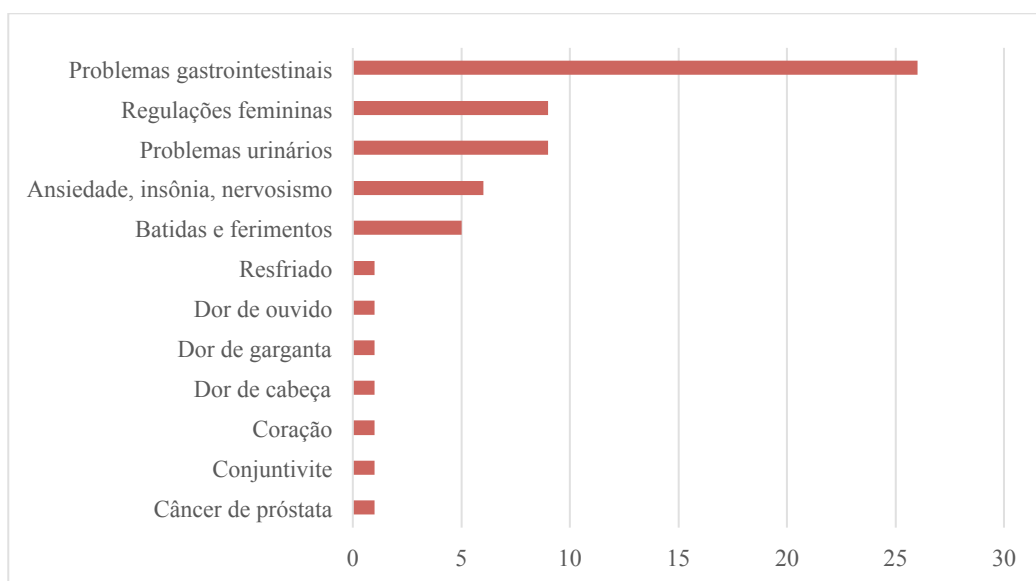
Também foram citados conhecimentos sobre plantas medicinais provenientes de fontes externas, como a televisão, livros e internet. Quando este tipo de referência é citado nos relatos, nos confirma que existe a influência incalculável de conhecimentos provenientes de origens desconhecidas. Fato que demonstra o quanto uma cultura que se apresente interligada a outras, não isolada, não fica imune, está em constante transformação. Ela é parte de uma cultura mais abrangente que a transforma e é transformada numa troca de múltiplas vias.

Quanto ao uso de animais no tratamento de doenças, três pessoas visitadas indicaram o uso de chifre raspado, ora de veado, ora de carneiro. São indicados como vermífugo e para a mulher que está terminando a dieta, agregando-o ao chá com outras plantas. A fumaça do frango queimado no fogão de lenha também era usada como vermífugo.

“Eu lembro do cheiro do chifre que queimava no fogão de lenha, depois raspava e fazia o chá. Às vezes até sapecava o frango no fogão de lenha que é bom pra verme. A vó e a mãe chamava [sic]: ‘vem aqui sentir o cheiro que é bom pra verme’” (moradora do quintal 4).

Analisando as indicações para o uso de plantas medicinais que ainda estão presentes na memória, temos o Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3- Indicações mais citadas no tratamento com plantas



É interessante observar as indicações, pois provavelmente são as doenças de maior recorrência, cujo tratamento demonstra eficiência. Os problemas gastrointestinais são as indicações mais regulares, em especial as verminoses.

3.4. RELACIONAMENTO COM ANIMAIS

“Ele [filho] ama o animal” (moradora do quintal 4)

Os animais (Fotografias 21, 22, 23 e 24) estão presentes há muito tempo no cotidiano da Fazenda Pilar. Hoje em dia não há uma só residência visitada em que não sejamos recepcionados com os latidos de um cachorro, que têm o quintal como seu abrigo. Aqueles que têm com a fauna mais intimidade, possuem também em casa gatos, papagaio, peixe, periquitos, canários do reino, jabuti, cavalos, porcos, galinhas, patos e búfalos.

As galinhas estão presentes nos quintais desde as mais remotas lembranças, fornecendo ovos e carne para as refeições até os dias atuais. As galinhas também representam um complemento de renda, sendo mais de uma vez citada a comercialização dos excedentes por antepassados e também nos dias atuais. Hoje são criadas nos quintais mais afastados do centro urbano.

“É melhor deixar as galinhas à vontade. No viveiro dá dó” (morador do quintal 6)

Também foi descrita uma relação entre as galinhas com a religiosidade, afirmando que durante a quaresma estas não botam ovos e só recuperam suas penas quando este período finda.



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 15/05/2017, 22/05/2017 e 24/04/2017

Os porcos são também um importante elemento na memória e nas mesas quilombolas, encontrados em dois dos quintais visitados. Mais adiante serão apontadas lembranças culinárias associadas a eles. Comparando às galinhas, os porcos parecem ter menos apreço, pois a eles não foi associado sentimento de dó por ficarem presos.

Embora não estejam na área dos quintais, os búfalos são criações recorrentes na família para a produção de leite. Os relatos apontam que sua inserção na economia da família iniciou-se como prestadores de serviço no trato dos animais e não como proprietários. Atualmente duas descendentes possuem terras próprias com leiteria bubalina adquiridas junto aos seus respectivos cônjuges. Uma terceira descendente teve insucesso nesta criação em função de uma doença que sacrificou os animais, o que exigiu a venda de suas terras, tornando sua família novamente prestadora de serviço no local onde moram atualmente.

Possuem uma relação com estes animais que ultrapassa a utilidade, atribuindo o sentimento de dó quando estes adoecem, ficam presos, sentem medo, passam fome ou precisam ser sacrificados para fornecimento do alimento. Muitos relatos demonstram admiração aos animais nativos, hoje vistos principalmente nos sítios ou no “sertão” (termo utilizado às áreas localizadas ao sul do município que abrigam os últimos remanescentes da

mata preservada). Os animais nativos identificados foram: anta, capivara, paca, tamanduá, veado, tucano, jacu, garça, maritaca, cobra d'água, macacos (sendo que o bugio, foi o único identificado), esquilo, raposa, escorpião. As cobras merecem um destaque visto que são temidas por muitos, mesmo as mais “boazinhas”.

“Deus me livre! Eu morro de medo de cobra” (moradora do quintal 3)

3.5. MODO DE VIDA

Os relatos das lembranças familiares muito se assemelham com o modo de vida do caipira tradicional. São maneiras de interagir com a natureza imediata, socializando-a para seu usufruto, com ferramentas e técnicas descomplicadas, de fácil produção e manipulação, fazendo uso dos recursos disponíveis, de forma a garantir sua subsistência.

“Ela [a avó] trabalhava no ‘monjolo’ de farinha, então ela fazia farinha. Minha mãe contava, depende do dia ela já levava a vara de pescar, fazia um fogãozinho na beira do rio e conforme ela ia socando a farinha já pescava e limpava o lambari, fritava e comia ali mesmo. Pra [sic] não carecer subir na casa fazer o almoço. Pra [sic] você ver como tudo era simplificado. Hoje em dia que a gente complica. Nisso que subia, que a mãe conta, já subia com a lata d'água na cabeça, pro [sic] banho da tarde, fazer a comida da tarde, lavava roupa já também lá. Gente pobre, simples e batalhadora. Ela criou a família dela, só conforme ia caminhando do serviço, ia catando um almeirão do mato, palmito, tatuzinho. Era [sic] essas coisas, aquela época vivia de caça e essas coisas assim do mato. Eu procuro ainda preservar, dentro do possível, essa simplicidade, passar pras [sic] crianças essa simplicidade. Eu penso assim, tem que associar a tecnologia hoje, porque tem hora que é necessário pra [sic] uma comunicação mais rápida, mas sem esquecer da simplicidade” (moradora do quintal 4)

Diante de recursos restritos, o reaproveitamento e reinserção de resíduos nos processos produtivos domésticos é uma prática necessária e também foi mais de uma vez mencionada. Num mundo consumista e de recursos finitos, esta prática é mais que uma estratégia de gestão ambiental, é uma necessidade a ser reproduzida. Nas casas quilombolas visitadas, três delas afirmaram realizar o reaproveitamento. Todas estão inseridas na área rural.

“Sabão de cinza, eu lembro da avó, preciso aprender, a própria cinza do fogão virava sabão. Aproveita tudo. Usa o carvãozinho pra [sic] escovar o dente. O resíduo que sobre faz as mistura [sic] e prepara o sabão” (moradora do quintal 4)

“Quando tá [sic] meio sobrando a gente não deixa perder. A gente não perde. Eu falo pra [sic] criança, tem que aproveitar de tudo” (moradora do quintal 6)

“Aí a gente usa daqui mesmo, o esterco do gado, pra [sic] adubar a terra” (moradora do quintal 7)

Nas duas residências que ainda utilizam o fogão à lenha o combustível utilizado são os galhos caídos e podas de árvores presentes na propriedade. Mais uma demonstração do aproveitamento de resíduos de um processo doméstico para o funcionamento de outro.

As casas dos antepassados eram de barro do próprio terreno, no entanto já não existem mais, pois foram substituídas pelos blocos de concreto.

Outro hábito observado em algumas das visitas feitas é a doação do excedente do plantio aos familiares e vizinhos. Sobre este aspecto, os visitados foram consultados sobre a prática dos mutirões, a qual compreende trocas de serviços e foi muito aplicada em comunidades caipiras tradicionais. O senhor mais velho da família relatou que realizavam mutirões, quando desenvolviam serviços coletivamente com a ajuda de familiares e seguidos de comida e música. Esta prática não é mais desenvolvida.

“Às vezes ainda, conforme a pessoa, se você precisar e falar, eles vêm ajudar você, tem gente boa ainda, se você chegar e falar. Tipo o cachaço [porco reprodutor], é emprestado” (moradora do quintal 4)

“Tinha mutirão com trocas de serviço, comida depois e baile, quando eram tocadas a rancheira, polka e mazurca com sanfona. O pai plantava horta e dava o restante. Criava porco e quando matava, repartia para a família. Foi assim até mais ou menos 1950, quando o povo ficou pão duro” (ancião da comunidade)

Sem dúvida é notório que nos dias atuais houve muitas transformações ocasionadas pela vida urbana moderna, o acesso às tecnologias e demais influências de grupos imigrantes ao município, que inclusive contribuíram para o incremento na qualidade de vida desta família, como eles mesmos afirmam. Mas a simplicidade em seu modo de vida é ainda presente em seus cotidianos. Como já visto, a alimentação ainda traz esta simplicidade através de ingredientes de fácil produção e acesso, além de receitas descomplicadas. Também é possível observar a simplicidade ainda presente no dia-a-dia dos Caetanos na maneira como são cultivados seus quintais.

São diversos os depoimentos que demonstram amorosidade com a natureza, no sentido de sentir-se bem ao relacionar-se com ela.

“Eu me sinto bem, porque eu gosto. A gente tem que ter uma plantinha. Dá alegria” (moradora do quintal 10)

Três dos quilombolas visitados, possuem dentro de suas terras matas preservadas pertencentes às matas ciliares. São Áreas de Preservação Permanente (APP) previstas na legislação ambiental brasileira. Contudo, nos três relatos não foi mencionada a preservação

em função da legislação. Pelo contrário, nos três casos estas matas e rios são considerados riquezas do terreno.

Quando questionado sobre a produção em larga escala de eucalipto no município, 40% das respostas os associa a redução do volume de água dos corpos hídricos e que não existe interesse em plantá-los nas terras reivindicadas.

“Ah, seca água, né [sic]? A mina que tava [sic] na beirada lá secou, devido ao eucalipto, né[sic]? Toda vida que planta eucalipto aí” (moradora do quintal 4)

3.6. TÉCNICAS E MANEJO

“Lembro, nossa, do meu pai mexendo na natureza” (morador do quintal 6)

Quando consultado de que forma cuidam do quintal temos respostas práticas que demonstram técnicas intuitivas, pouco racionalizadas.

“As coisa [sic] aqui comigo não sei como é que nasce aqui que eu abro o buraco e enterro. Eu cuido, eu rego todo o dia antes do sol nascê [sic], e depois que vai embora eu também rego” (moradora do quintal 1)

“Cuido com muito carinho. Cuido mais de manhã, pra molhar, né [sic]?” (moradora do quintal 3)

“Conforme vai crescendo eu vou cortando” (moradora do quintal 1)

“A flor gosta de carinho e música” (ancião da comunidade)

A ferramenta mais mencionada é a enxada, utilizada para carpir e afofar a terra. Também foi a roçadeira em um dos quintais rurais.

Não são encontradas dificuldades no manejo do quintal, mas com “as chuvas o mato cresce mais” (moradoras dos quintais 1, 3 e 7). Inclusive, “mato” representa toda espécie cujo nome e utilidade são desconhecidos.

Em três dos quintais localizados em áreas rurais nota-se a permanência de práticas e valores que compreendem a autossuficiência das propriedades, fazendo do resíduo o alimento para que outro processo funcione. Desta forma mantem-se um ciclo em que não existem excessos, desperdícios. Tudo é útil.

“O próprio esterco dela [búfala] vai estercando o capim e a cana pra elas comê [sic]” (moradora do quintal 4)

No entanto, três das casas visitadas afirmam que compram terra e adubo para suas plantas.

Sobre a disposição dos cultivos e criações, foi observado que grande parte dos casos não existe um padrão, aparentando uma organização descomprometida, orgânica, aleatória em

alguns casos. Um padrão identificado é que as espécies animais de grande porte são isoladas por cerca das proximidades da residência.

O ancião da comunidade relatou que no quintal de seu pai existia o consórcio entre espécies: o amendoim utilizado nos memoráveis doces era plantado intercalado entre o feijão e a cana. Ainda sobre consórcios, em duas residências foram observadas práticas agroflorestais nos quintais, com a interação entre espécies arbóreas e agrícolas.

Em uma residência foi afirmado o conhecimento sobre o solo adequado para produção agrícola. Residência esta, localizada na área rural.

“Essa terra é boa pra lavoura. É terra vermelha, boa pra plantar, antigamente chamava, né, terra de massapê” (moradora do quintal 4)

A redução do espaço disponível para o cultivo de plantas provavelmente foi um dos fatores que levou boa parte destas residências a plantar em vasos, pneus, latas, garrafas pet, bacias (Fotografias 25, 26 e 27). A verticalização também vem sendo introduzida como estratégia para manter a prática de plantio apesar do pouco espaço.

Fotografias 25, 26 e 27 – Containerização e verticalização.



Fonte: Gabriella Paixão. Datas: 18/04/2017, 24/04/2017 e 26/05/2017

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visitas aos quintais despertaram lembranças nos quilombolas visitados. Memórias de infância, de parentes, hábitos, de relacionamento com o ambiente imediato, de usos dados à natureza. Grande parte dos relatos relembrou momentos saudosos, dos quais muitos esperam resgatar e perpetuar às próximas gerações. Isso demonstra que as memórias possibilitaram um encontro com sua origem, com sua identidade, com seus antepassados.

Inclusive, demonstra que na natureza presente em seus quintais, preserva-se memórias de relacionamento com a natureza. Os quintais são, portanto, territórios da memória, das permanências da história desta comunidade. A presença das mulheres em todos os quintais visitados traz a relevância de sua existência na sustentação das memórias. Dessa forma, é real afirmar que as mulheres carregam a identidade desta comunidade.

Muitas vezes foi lembrada a dificuldade em manter práticas que se relacionam com suas identidades em função do não acesso à terra. Por vezes a esperança em produzir seu próprio alimento foi entoadada. É evidente que com a urbanização de parte do território, muitas práticas tradicionais foram transformadas e substituídas por hábitos considerados mais confortáveis, em função do acesso aos serviços, produtos e tecnologias disponíveis no mercado. Ainda assim, em todas as casas visitadas existe o interesse em retomar a agricultura de subsistência, sob a expectativa de melhorar sua qualidade de vida. A urbanização do território afeta sim as tradições e suas transmissões, no entanto, em diversas visitas fomos acompanhados por crianças que compõem a quinta geração da família, que também apresentaram conhecimentos aprendidos com os mais velhos e um verdadeiro interesse na manutenção de tradições. Contudo, é preciso um esforço coletivo para aproximar mais a juventude na identificação de sua identidade e agregar seus interesses na produção para subsistência, bem como nos projetos para o Centro de Memória, de forma a apropriarem-se de toda esta memória.

A partir dos quintais, muitos depoimentos de aprendizados tradicionais foram identificados. Dentre as memórias consideradas tradicionais, pelo fato de serem relatadas como aprendidas por gerações anteriores, estão as plantas medicinais; a produção de alimentos para subsistência e seus pratos culinários; a simplicidade nas técnicas e costumes; a amorosidade com os animais e natureza.

Em função de uma história opressora, incluindo as promovidas pela religião católica, muito da cultura de matriz africana se perdeu ou foi ressignificada. Ainda assim, foram identificadas espécies vegetais nativas deste continente, bem como elementos que, embora intrínsecos em suas práticas, podem ser associados a essa cultura original, como o uso das ervas em benzimentos. Inclusive, os próprios quilombolas rejeitam, por serem católicos, algumas tradições de matriz africana, provavelmente por preconceitos enrustidos da religião. Isso mostra o quão dura é a cultura de embranquecimento, pois os conduziu a negar sua própria origem.

As categorias identificadas como forma de compreender cientificamente quem é o grupo estudado têm relevância para as considerações finais desta pesquisa, pois as memórias

despertadas pelos quintais demonstraram diversos elementos que se conectam a essas categorias. Enquanto população tradicional, assemelham-se pelo fato de possuírem um vínculo com seu território e, mesmo diante de um cenário de depredação da natureza característico de um ambiente em crescente urbanização, buscam, em seus planos futuros, reproduzir práticas tradicionais que contribuem com a preservação ambiental.

A categoria quilombola é claramente sua bandeira mobilizadora, fazendo deste caminho jurídico, um posicionamento político para a conquista de seus direitos e assim, reproduzir suas práticas tradicionais.

Muitas das tradições identificadas podem ter relação com aprendizados obtidos pelo relacionamento com a cultura lusoindígena do período colonial que impregnam a cultura caipira, como alguns cultivos e modos de vida. Foram diversas as associações de tradições do quilombo Fazenda Pilar com comunidades quilombolas caipiras de São Paulo.

Porém, a comunidade Fazenda Pilar está retomando, construindo, agregando sua identidade. É um povo que tem sua origem maculada pelo processo de escravidão e pela inércia racista e de invisibilidade que até hoje se estende. Foram obrigados a deixar sua terra natal, suas tradições, seus familiares, e ressignificar diversas representações e simbologias. A incorporação da modernidade e urbanização na vida destes indivíduos é ainda outro fator que conturba sua identidade. Seria reducionista enquadrá-los em qualquer uma ou mesmo todas as categorias relatadas. Possuem uma cultura híbrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. Z. **Plantas Medicinais** [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>>. Acessado em 20/11/2017.

ARRUDA, R. **“Populações tradicionais” e a proteção dos recursos Naturais em unidades de conservação**. Ambiente & Sociedade - Ano II - No 5 - 2o Semestre de 1999.

AUDY, J. L. N; MOROSINI, M. C. (Orgs.). **Inovação e Interdisciplinaridade na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 3ed. (16ª edição).

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional nº 91, de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acessado em 03/04/2018.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em: <https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/decreto_4887_de_20_de_novembro_de_2003.pdf>. Acessado em 16/12/2017.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acessado em 06/06/2017.

BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA. **História da cidade de Sorocaba**. <<http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/historiasorocaba.html>>. Acessado em 22/02/2017.

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. 10. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção Espírito Santo)

CARDOSO, C. F. S. **Escravo ou camponês: O protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CARRIL, L. F. **Terras de negros: herança de quilombos**. São Paulo: Scipione, 1997. (Ponto de Apoio)

COMISSÃO PRÓ ÍNDIO SP. **Terras Quilombolas**. Disponível em: <http://www.cpisp.org.br/terras/asp/terras_tabela.aspx>. Acessado em 22/02/2017.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempos, identidades**. Coleção Leitura, Escrita e Oralidade. 2. ed. Minas Gerais: Autêntica, 2017.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, 2000. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Etnoconservacao%20livro%20completo.pdf>>. Acessado em 30/11/2017.

DORIA, S. Z. **O Quilombo do Rio das Rãs**. In: O'DWYER, E. C. (Org). Terra de Quilombos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

DRESCHER A.W.; HOLMER, R.J.; IAQUINTA, D.L. **Urban homegardens and allotment gardens for sustainable livelihoods: Management strategies and institutional environments**. In: KUMAR, B. M., NAIR, P. K. R. Tropical homegardens: a time-tested

example of sustainable agroforestry. University of Florida, Gainesville, FL, USA: Springer, 2006.

FERNANDES, E. C. M; NAIR, P. K. R. **An Evaluation of the Structure and Function of Tropical Homegardens**. Agricultural Systems. Elsevier Applied Science Publishers Ltd, England, 1986.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório Técnico Científico sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo “Tentente Antonio de Almeida Leite” Fazenda Pilar: Pilar do Sul-SP**. São Paulo: ITESP, 2007.

FUNDAÇÃO PALMARES. Comunidades Certificadas. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf> Acessado em 22/02/2017

GOVERNO FEDERAL. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acessado em 21/07/2017

GUEDES, A. S.; BASTOS, S. R. **Potencialidade de Visitação e Reflexão acerca da Comida e Religiosidade como Memória e Patrimônio Imaterial do Remanescente de Quilombo Cafundó, em Salto de Pirapora-SP**. CULTUR, ano 11 - nº 02 – Jun/2017. Disponível em: <http://200.128.65.47/index.php/cultur/article/view/1230>. Acessado em 09/03/2018.

GUSMÃO, N. M. M. **Caminhos transversos: Território e cidadania negra**. In: O'DWYER, E. C. (Org). Terra de Quilombos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

IBGE. Dados da cidade de Pilar do Sul. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/3537909>. Acessado em 22/02/2017.

IBGE. Dados da cidade de Pilar do Sul. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=353790&idtema=160&search=sao-paulo|pilar-do-sul|extracao-vegetal-e-silvicultura-2015>. Acessado em 21/07/2017

INCRA. **Instrução normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/file/2010/11/legis12.pdf>. Acessado em 17/11/2017.

INCRA. **Regularização de Território Quilombola: Perguntas e Respostas**. <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>. Acessado em 22/02/2017.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Agenda socioambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira**. editores Kátia M. Pacheco dos Santos, Nilto Tatto. - Instituto Socioambiental, 2008.

KOTRE, J. **Luvás brancas: como criamos a nós mesmos através da memória**. São Paulo: Mandarim, 1997.

KUMAR, B. M., NAIR, P. K. R. **Tropical homegardens: a time-tested example of sustainable agroforestry**. University of Florida, Gainesville, FL, USA: Springer, 2006.

KUNHAMU, T.K. **Tropical homegardens. Agroforestry-Theory and Practice**. India: Scientific publishers, 2013. pp- 365-375

LEFF, E. **Ecologia Política: uma perspectiva latino-americana**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v.27, p 11-20, jan./jun. 2013. Editora UFPR.

LEITE, I. B. **O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3):424, setembro-dezembro/2008.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002.

LOBO, H. A. S. **Entre sabores e vivências: culinária típica local e ecoturismo no centro-sul do Brasil**. Revista Nordestina de Ecoturismo, Aracaju, v.1, n.1, p.34-50, 2008. Disponível em <http://sustenere.co/journals/index.php/nature/article/view/ESS1983-8344.2008.001.0003/3>. Acessado em 01/12/2017.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NICOLESCU, B. **Educação e Transdisciplinaridade**. 1º Encontro Catalisador do CETRANS - Escola do Futuro - USP, Itatiba, São Paulo - Brasil: abril de 1999. Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llesp/A_a_H/didatica_I/aula_03-0021/imagens/01/transdisciplinaridade.pdf. Acessado em 07/09/2017.

NOGUEIRA, J. L. **Genealogia de uma cidade - Volume IV – Pilar do Sul**. Itapetininga, Gráfica Regional, 2014.

OAKLEY, E. **Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural**. Agriculturas - v. 1 - no 1 - novembro de 2004. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%C3%A9sticos-uma-responsabilidade-cultural.pdf>. Acessado em: 02/03/2018.

O'DWYER, E. C. (Org). **Terra de Quilombos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR.

QUEIROZ, M. I. P. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

QUEIROZ, R. S. **Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia 1)

REDFORD, K. H. **The ecologically noble savage**. Cultural Survival Quarterly 15.1, 1991. Acessado em 20/05/2017. Disponível em: http://sfx.wisconsin.edu/wisc?url_ver=Z39.882004&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&genre=article&sid=ProQ:ProQ%3Aethnicnewswatch&atitle=The+Ecologically+Noble+Savage&title=Cultural+Survival+Quarterly&issn=07403291&date=199101-31&volume=15&issue=1&spage=46&au=Redford%2C+Kent+H&isbn=&jtitle=Cultural+Survival+Quarterly&bttitle=&rft_id=info:eric/

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAHLINS, M. **O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica**. MANA 3(1):41-73, 1997.

SANTOS, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. Ambiente & Sociedade, Ano V – Nº 10 – 1º semestre de 2002.

SOARES, M. S. **Cirurgiões negros: saberes africanos sobre o corpo e as doenças nas ruas do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX**. Revista Locus, Juiz de Fora, v.8, n.2. 2002. Disponível em <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2459>. Acessado em 20/11/2017.

SEADE. **Informações dos municípios paulistas - Pilar do Sul**. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>. Acessado em 22/02/2017.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. **Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez. 2016.

VERGER, P. F. **Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá**. São Paulo: Companhia das letras, 1995. Disponível em: <http://nous.life/Biblioteca/Ervas%20e%20Plantas/Pierre%20Verger/Ewe%20-%20Pierre%20Verger.pdf>. Acessado em 25/10/2017

VALIO, J. **Pilar do Sul: nascente das águas**. Itu: Ottoni editora, 2005.

VOGT, C.; FRY, P. **Cafundó – A África no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEIL, S. **O Enraizamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO ORIENTADOR DAS VISITAS AOS QUINTAIS URBANOS QUILOMBOLAS

1. Apresentações entre a pesquisadora e os participantes da entrevista
2. Esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e como será realizada;
3. Confirmação sobre o interesse em participar da pesquisa e assinatura do TCLE;
4. Entrevista aberta:
 - a. O relacionamento com o quintal e o cultivo da natureza
 - i. Há quantos anos vive na residência
 - ii. Por que cultiva o quintal
 - iii. Quantas pessoas vivem na residência
 - iv. Como o quintal é utilizado pelos moradores
 - v. Quem são os principais responsáveis
 - vi. Existe alguma rotina de cuidado e usufruto do quintal
 - vii. É feita poda, rega, adubação, consórcio de espécies
 - viii. Quais as principais dificuldades
 - ix. Além do quintal, existem moradores que trabalham com atividades agrícolas fora de casa
 - x. Existe interesse na produção compartilhada para subsistência
 - b. Memórias
 - i. Quem são seus pais
 - ii. Como era o quintal de seus pais e avós
 - iii. Lembra-se de alguma espécie e seu uso
 - iv. Lembra-se de alguma rotina, jeito de fazer
 - v. Lembra-se de alguma história
 - vi. Tem alguma espécie plantada por parentes mais velhos
5. O quintal
 - a. Registro fotográfico do quintal
 - b. Registro fotográfico das espécies
 - i. Nome da planta
 - ii. Como conseguiu a muda
 - iii. Quais usos (aprendeu com quem)

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa A CULTURA NEGRA CAIPIRA RESISTENTE NOS QUINTAIS URBANOS DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DE PILAR DO SUL (SP), em Pilar do Sul (SP), desenvolvida com recursos próprios pela pesquisadora Gabriella Marques Leite Paixão, mestranda do Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental da UFSCAR – Sorocaba.

Este documento visa assegurar seus direitos como participante. Ao assiná-lo, você concorda em cooperar com o estudo, fornecendo as informações solicitadas, e autoriza o uso do conteúdo obtido para publicação científica pela pesquisadora. No entanto, em qualquer fase da pesquisa você tem liberdade de retirar esta autorização, sem qualquer prejuízo ou penalização. Além disso, você não terá nenhuma despesa com esta participação.

Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, pergunte à pesquisadora pessoalmente ou pelos contatos: (11) 941053549; gabimar.paixao@gmail.com. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, entre em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar, pelo telefone (16) 3351-8028 ou pelo e-mail: cephumanos@ufscar.br ou propq@ufscar.br. Este projeto foi apresentado e aprovado por este CEP.

A comunidade tradicional do Quilombo do Espólio do Tenente Antônio de Almeida Leite da Fazenda Pilar é organizada sob o estatuto de sua associação, amparada por um escritório de contabilidade e uma advogada, além de possuir orientação técnica do ITESP e UFSCAR. Sendo assim, também conta com outras fontes para assessoramento técnico ou jurídico que esclareçam eventuais dúvidas sobre a participação neste estudo.

O objetivo da pesquisa é avaliar se existem conhecimentos tradicionais do caipira negro nos quintais urbanos quilombolas de Pilar do Sul. Para isso, durante o primeiro semestre de 2017, serão feitas visitas a quilombolas que cultivam quintais em suas casas. Como você. Durante a visita, que terá duração de aproximadamente duas horas, conversaremos sobre seus quintais e sobre as memórias relacionadas a ele. As conversas serão gravadas e os quintais fotografados. Como você será estimulado a recordar algumas memórias pessoais, existe o risco de que você se sinta desconfortável. Para que isso seja evitado, a pesquisadora terá o cuidado de não aprofundar as memórias que você sinalizar incômodo. E lembre-se que você tem o direito de recusar o uso das suas informações e que seu nome não será divulgado.

A proposta desta pesquisa começou durante o segundo semestre de 2016, quando a pesquisadora citada participou de atividades envolvendo a Associação dos Remanescentes do Quilombo do Espólio do Tenente Antônio de Almeida Leite da Fazenda Pilar e o Grupo Evamariô da UFSCAR. Deste envolvimento foi possível identificar uma demanda de pesquisa coerente com projetos da associação: a implantação de um Centro de Memórias e a retomada da agricultura de subsistência. Foi feita uma

reunião na sede da associação junto ao seu presidente, Marcos Aurélio Caetano Fernandes, e mais dois quilombolas representantes da comunidade, Seu Deodato de Almeida Caetano e Alcione Caetano Fernandes. Nesse momento foi apresentado o objetivo da pesquisa, como será realizada e o quanto poderá contribuir com a comunidade. Logo após foram consultados se desejavam aceitar a proposta, o que ocorreu. Foi então acordado que Seu Deodato fará a articulação dos contatos junto aos quilombolas que cultivam quintais em suas casas e, em contrapartida, a pesquisadora irá elaborar um protótipo de material com linguagem acessível sobre o conteúdo resultante da pesquisa, além da inscrição do projeto do Centro de Memórias em um edital para captação de recursos para a associação. Como pesquisadora, asseguro esclarecer todas as dúvidas referentes a esta pesquisa, a dar assistência integral em caso de danos decorrentes da pesquisa e a utilizar os dados obtidos exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/_____. (Assinatura da pesquisadora)

Consentimento Livre e Esclarecido:

Nome do participante: _____

Após ter lido este documento e esclarecido minhas dúvidas sobre seu conteúdo, aceito participar da pesquisa e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, rubricadas em todas as páginas.

_____ Data: ____/____/_____.
(Assinatura do participante)

APÊNDICE 3 - ESPÉCIES VEGETAIS VINCULADAS AOS QUINTAIS VISITADOS

Denominação local	Usos*	Presença no quintal	Frequência citada
Abacate	AH	1	1
Abacaxi	AH	1	1
Abóbora	AH; Med	1	5
Acerola	AH; Med	3	3
Alecrim	AH; Med; Míst	3	3
Alface	AH	1	3
Alfavaca	AH; Med	3	3
Almeirão do mato	AH	0	1
Ameixa	AH	2	2
Amendoim	AH	0	6
Amoreira	AH; Med	3	3
Araçá	AH	1	1
Arnica	Med	1	1
Arrueira	AH; Orn	1	1
Arroz	AH	0	8
Arruda	Med; Míst; IN	4	5
Árvore da felicidade	Orn	2	2
Atemoia ou "fruta do conde nativa"	AH	2	2
Avenca	Orn	2	2
Babosa	Med; E	1	1
Bálsamo	Med	2	2
Bananeira	AH	3	3
Barbatimão	Med; Art	0	1
Batata	AH	0	4
Batata doce	AH	0	2
Boldo	Med	3	3
Cafê	AH	2	10
Camomila	Med	0	1
Cana-de-açúcar	AH; AA	3	7
Caninha-do-brejo	Med	1	1
Capim napiê	AA	2	3
Capim catingueiro	AA	0	1
Cebolinha	AH; Med	4	4
Cebolinha de todo ano	AH	1	1
Cintronela	IN	1	1
Cipó-sumo	Med	2	2
Chapéu de couro	SUD	1	1
Chifre de veado	Orn	1	1
Coentro	AH	1	1
Confrei	Med	1	1
Comigo ninguém pode	Orn; T	1	1
Couve	AH; Med	3	4
Couve "diferente"	Med	1	1
Cravo	AH	1	1
Erva de Santa Maria	Med	3	3
Erva-cidreira	Med	1	2
Erva-doce	AH	1	1
Espada de São Jorge	Orn	3	3
Feijão	AH	0	7
Figo	AH	2	2
Flor de maio	Orn	3	3

Flor de cera	Orn	1	1
Folhagem borboleta	Orn	1	1
Fumo	SUD; Med	1	2
Gengibre	AH; Med	1	2
Goiabeira	AH	2	3
Guaco	Med	1	1
Guiné	SUD; Mist	2	2
Hortelã	AH; Med	5	8
Jaboticaba	AH	2	2
Jiboia	Orn	1	1
Laranja	AH; Med	2	5
Limão	AH	4	5
Losna	Med	0	1
Mamão	AH	2	2
Mandioca	AH	0	8
Manjeriço	AH	6	6
Manjerona	AH; Med	3	3
Manoscada	Med	0	1
Maracujá	AH	2	2
Marcelinha	Med	1	2
Melissa	Med	1	1
Mexerica	AH	2	5
Milho	AH; AA	4	10
Morango	AH	1	2
Onze horas	Orn	1	1
Orapronobis	AH; Med	1	2
Orégano	AH; Med	1	1
Orquídia	Orn	3	4
Palmito	AH	0	2
Pêssego	AH	1	1
Pimenta dedo-de-moça	AH; SUD	2	2
Pimenta cambuci	AH	1	1
Poejo	Med	1	5
Pitanga	AH	3	3
Quebra-pedra	Med	4	4
Romã	AH	1	1
Rosa	Orn	4	5
Rubi	Med	2	2
Salsinha	AH; Med	2	2
Samambaia	Orn	2	2
Seriguela	AH	1	1
Sucuuba	Med	2	2
Tançagem	Med	1	1
Taquara	Est	1	2
Terrão de parede	Med	0	1
Tomate	AH	1	3
Trevo de quatro folhas	Orn	1	1
Uva	AH	1	4
Violeta	Orn	3	3

* AA - alimentação animal; AH - alimentação humana; Art - artesanato; E - estética; Est - estrutural; IN - inseticida natural; Med - medicinal; Mist - mística; Orn - ornamental; SUD - sem uso definido; T - tóxica

APÊNDICE 4 – ESPÉCIES MEDICINAIS CITADAS

Nome local	Indicação	Preparo	Freq. nos relatos (uso medicinal)
Abóbora	Dor de ouvido	Coloca-se a flor no óleo e pinga no ouvido	1
Alecrim	Coração	Chá das folhas	1
Alfavaca	Urina	Chá das folhas	1
Amoreira	Menopausa	Chá das folhas	1
Arnica	Dor (machucado)	Põe no álcool e aplica sobre a dor	1
Arruda	a) Regular menstruação; b) Conjuntivite; c) Dor de cabeça; d) Para a mulher no fim da dieta	a) Chá das folhas; b) Aplicação do chá nos olhos; c) Galho atrás da orelha; chá das folhas; coloca as folhas na pinga e mistura num melado de açúcar para tomar; d) Chá das folhas	3
Babosa	Limpeza intestinal	Suco do gel, sem a casca	1
Bálsamo	Estômago	Folhas batidas com leite e tomado em jejum	2
Barbatimão	Cicatrizante	Casca cozida em água para lavar a ferida	1
Boldo	Estômago	Chá das folhas	3
Camomila	Insônia	Chá das folhas	1
Caninha-do-brejo	a) Antibiótico para a urina; b) Câncer de prótata	Chá das folhas	1
Cebolinha	Para a mulher	Chá das folhas	1
Cipó-sumo	Urina	Chá das folhas	1
Confrei	Cicatrizante	Folhas cozidas em água para lavar a ferida	1
Couve diferente	Estômago	Folhas batidas com leite	1
Erva-cidreira	a) calmante; b) estômago	Chá das folhas	3
Erva de Santa Maria	Vermes em crianças	Chá das folhas	2
Fumo	Lombriga d'água	Sementes moídas no leite	1
Gengibre	a) Garganta; b) Anti-inflamatório	Chá das raízes	2
Hortelã	a) Calmante; b) Lombriga	Chá das folhas	8
Laranja	Resfriado	Chá das folhas	1
Losna	Estômago	Chá das folhas	1

Manjerona	Para a mulher	Chá das folhas	1
Manoscada	Para a mulher no fim da dieta	Chá	1
Marcelinha	a) Ânsia, dor de barriga; b) Para a mulher no fim da dieta	Chá das folhas	2
Melissa	Calmante	Chá das folhas	1
Orégano	Antibiótico para a urina	Chá das folhas	1
Poejo	Lombriga	Chá das folhas	5
Quebra-pedra	Rim e urina	Chá das folhas, galhos e sementes	4
Rubi	Cicatrizante	Caldo das folhas expremidas sobre a ferida	2
Salsinha	a) Urina; b) Para a mulher	Chá das folhas	2
Sucuuba	Câncer	Chá das folhas	2
Tançagem	Garganta	Chá das folhas	1
Terrã-de-parede	Para a mulher no fim da dieta	Chá	1

APÊNDICE 5 – PROJETO CENTRO DE MEMÓRIAS FAZENDA PILAR

Proposta direcionada ao edital nº 25/2017 do PROAC

a) Resumo do projeto;

A invisibilidade da cultura afro-brasileira é uma realidade também presente no município de Pilar do Sul (SP), que ainda conta sua história associando o negro apenas à escravidão. Contudo, a comunidade quilombola Fazenda Pilar herdou em testamento boa parte das terras municipais, mas ainda não teve o direito de usufruí-las. Nesta fragilização de seu território, onde sua identidade enraíza-se, esforços para a preservação e valorização de sua cultura são imperativos, contribuindo para o fortalecimento de sua imagem e de suas lutas. É o que propõe este projeto, que tem como objetivo geral implantar o Centro de Memórias Fazenda Pilar, que irá agregar o patrimônio material e imaterial deste coletivo e divulgar em forma de festa a versão não contada desta história.

b) Onde será realizado o projeto e por quê?

- Cidade(s) e Local(is) e justificativa da escolha;

Este projeto é uma maneira de materializar os esforços de resistência das famílias autodenominadas quilombolas da Fazenda Pilar, compostas por herdeiros das terras doadas a antigos escravos do Tenente Antônio de Almeida Leite através de seu testamento. Suas terras ainda não tituladas estão inseridas no município de Pilar do Sul (SP), integrante da Região Metropolitana de Sorocaba e cuja população aproxima-se a 27.518 habitantes². Embora o vínculo com seu território ultrapasse 140 anos, aproximadamente 70% das terras quilombolas foram urbanizadas³, ocupadas irregularmente por famílias não quilombolas, comércios e equipamentos municipais públicos. Além da fragmentação e redução do espaço físico, a ocupação irregular afetou a transmissão de conhecimentos tradicionais que vêm sendo transformados pela cultura urbana. No entanto, estes conhecimentos tradicionais vinculados ao território são a representação de sua identidade e da sua força diante de uma história opressora.

A comunidade está organizada pela Associação dos Remanescentes de Quilombo do Espólio do Tenente Antônio de Almeida Leite da Fazenda Pilar e é reconhecida pela Fundação

² <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>

³ FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório Técnico Científico sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo “Tenente Antonio de Almeida Leite” Fazenda Pilar: Pilar do Sul-SP. São Paulo: ITESP, 2007.

Palmares desde 2006. A Associação vem articulando-se com a prefeitura de modo a reconhecer publicamente este grupo como parte da história do município. Dentre os movimentos, a cessão por parte da prefeitura do Espaço de Lazer Adelino Adão Caetano, que se encontra atualmente inativo, como local para instalação do Centro de Memórias e da sede da Associação. Seu Adelino Adão Caetano é um falecido quilombola homenageado pela prefeitura por seu reconhecido serviço como funcionário público. É também precursor na busca pelo reconhecimento de seu território, hoje encabeçada por seu filho Deodato e por seus netos Alcione e Marco Aurélio, os realizadores do presente projeto.

- Qual a importância do projeto para os realizadores e para a comunidade;

O Centro de Memórias e todos os processos desencadeados antes, durante e após sua implantação, são estratégias de promoção e fortalecimento da cultura e história negras em Pilar do Sul. Os elementos presentes na memória, nos objetos, nos documentos, fotos e registros desse coletivo contribuem para a compreensão e empoderamento de sua identidade que vem sendo suprimida pelos resíduos do sistema escravocrata e por interesses fundiários.

Essa parte da história que não foi contada nos livros e notícias do município estará disponível para que a população local e regional possa acessá-la, sobretudo as escolas públicas municipais que já vêm desenvolvendo, em parceria com a Associação e o Observatório Quilombola da UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba), a inclusão de questões étnico-raciais em seu currículo.

O Centro O espaço também tem como proposta articular outros grupos negros e quilombolas, favorecendo seus esforços e expressões culturais.

c) O que será realizado?

- Quais as ações do projeto?

São três as ações principais deste projeto, sendo que cada uma delas tem atividades específicas. São elas:

1. Estruturar o Centro de Memórias Fazenda Pilar, um espaço social de promoção e reprodução da cultura e história quilombola pilarense. Para isso, serão necessárias as seguintes atividades:
 - 1.1 Aquisição de móveis, materiais e equipamentos necessários para a instalação do Centro de Memórias e realização das demais atividades;

- 1.2 Promoção de mutirões entre os associados para limpeza e organização do espaço, resgatando uma prática de trabalho coletivo que já foi tradicional na comunidade.
2. Reunir, catalogar e organizar o acervo, sendo as ações:
 - 2.1 Capacitação de jovens quilombolas em museologia para atuarem no Centro do Memórias;
 - 2.2 Reunião de objetos dos associados para compor o acervo;
 - 2.3 Limpeza, catalogação e organização do acervo já existente na associação e dos objetos cedidos pelos associados;
 - 2.4 Registros audiovisuais de relatos de quilombolas sobre sua história de vida.
3. Inaugurar o Centro de Memórias Fazenda Pilar, com possível realização em 13 de maio, a mesma data em que Seu Adelino Adão realizava evento de comemoração à abolição da escravatura. A inauguração terá a programação inspirada nesse evento que conterá as seguintes atividades:
 - 3.1 Desfile em parceria com a prefeitura e abertura da Banda Lira;
 - 3.2 Alimentos tradicionais como o doce de amendoim no tacho de cobre, a pamonha e o bolinho de frango, que serão oferecidos aos visitantes do Centro de Memórias simbolizando a recompensa aos trabalhos árduos dos mutirões;
 - 3.3 Cururu como música tradicional para celebração;
 - 3.4 Circuito de apresentação do Centro de Memórias conduzido por jovens quilombolas capacitados com apresentação do acervo e da história;
 - 3.5 Roda de Coco coordenada pelo presidente da Associação e com convidados da UFSCAR Sorocaba.

- Há previsão de continuidade do projeto? Como isso ocorre?

Este projeto é o impulso inicial para viabilizar um espaço permanente onde serão realizados outros encontros, oficinas, palestras, residências artísticas para expressão da cultura negra e quilombola, recepção de escolas, além de manter a reunião e catalogação de objetos que contribuam com a contação da história negra pilarense e regional.

d) Para quem será realizado?

- Descreva a comunidade, local ou grupo onde o projeto será realizado?

O marco inicial reconhecido como fundação da comunidade quilombola Fazenda Pilar foi, conforme mencionado, a doação de terras pelo Tenente Antonio de Almeida Leite aos seus escravos. Seu Deodato, ancião da comunidade que guarda memórias infindas de sua família, ilustra seus relatos com fotos, documentos, notícias e objetos antigos que guarda cuidadosamente em uma pequena sala na antiga casa de madeira de seu pai, Seu Adelino Adão Caetano. Neste mesmo local reúnem-se alguns dos membros da Associação Quilombola, pois o espaço é insuficiente para todos. O armazenamento do acervo histórico é bastante insuficiente, com presença de bastante umidade, cupins, além da falta de equipamentos e mobiliário. Sobretudo, o espaço não atrai os olhares daqueles que desconhecem sua história, mantendo-a sob um véu de invisibilidade.



Figura 1. Sede da Associação

Seu Adelino Adão Caetano realizou no município durante muitos anos de sua vida, um evento em comemoração à abolição da escravatura. Hoje a comunidade tem uma visão crítica sobre a Lei Áurea, mas reconhecem o evento como marco de sua resistência.



Figura 2 Cartazes de divulgação do evento em comemoração à abolição da escravatura



Figura 3 Uma das faixas dos desfiles de Seu Adelino

Também foi o fundador da Banda Lira em 1920, aproximadamente, participando de festivais nacionais. A banda ainda existe nos dias atuais com músicos formados pelo próprio Adelino, dentre eles Seu Luiz, quilombola também envolvido neste projeto.



Figura 4 Banda Lira em 1955

Mesmo sob as dificuldades enfrentadas na manutenção de sua identidade, a comunidade projeta reavivar suas memórias, divulgá-las e retomar suas terras, onde resgatarão a agricultura de subsistência, com suas roças, hortas e ervas medicinais.

- Quantas pessoas serão beneficiadas?

Podemos citar como diretamente beneficiados:

- Em torno de 300 quilombolas da Fazenda Pilar;
- Em torno de 50 munícipes visitantes do centro de memórias no dia da inauguração;
- Grupo quilombola regional organizado (Cafundó) convidados para a inauguração;
- Cinco estudantes da UFSCAR Sorocaba que terão a oportunidade de aprender com este processo.

Também é considerada como beneficiada toda a população pilarense, já que o município é escasso em espaços de promoção cultural.

- Plano de Divulgação envolvendo todas as ações do projeto;

Ação 1 - Estruturar o Centro de Memórias Fazenda Pilar

- a. Divulgação e convite a todos membros da Associação
- b. Banner com informações do projeto e seus parceiros exposto durante todo o projeto no Centro de Memórias.

Ação 2 - Reunir, catalogar e organizar o acervo

- a. Divulgação e convite a todos membros da Associação

Ação 3 - Inaugurar o Centro de Memórias Fazenda Pilar

- a. Divulgação e convite a todos membros da Associação
- b. Carta convite à prefeitura
- c. Convite às comunidades quilombolas regionais
- d. Sugestão de pauta para a mídia local
- e. Faixa convidando o público para a inauguração exposta na faixa da do Centro de Memória em data prévia ao evento
- f. Folders com informações da comunidade quilombola e do Centro de Memórias
- g. Divulgação em redes sociais

- Como as pessoas poderão participar do projeto?

Este projeto é uma realização de membros da comunidade quilombola de Pilar do Sul. Os demais membros da Associação Quilombola Fazenda Pilar serão convidados a participar em cada ação do projeto.

As atividades planejadas para o dia da inauguração serão abertas ao público.

e) Quando será realizado?

- Cronograma de trabalho, conforme o prazo máximo previsto neste Edital;

O projeto acontecerá durante os dez meses previstos neste edital. Em função da imprecisão quanto à data de repasse de recursos, temos como cronograma aproximado:

[illegible]

equipamentos										
Promoção de mutirões	X							X	X	
Capacitação de jovens quilombolas		X	X							
Reunião de objetos dos associados para compor o acervo				X	X	X	X	X	X	X
Limpeza, catalogação e organização do acervo		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Registros audiovisuais de relatos de quilombolas sobre sua história de vida.				X	X	X	X	X	X	X
Relatório					X					
Desfile									X	
Alimentos tradicionais									X	
Cururu como música tradicional para celebração									X	
Circuito de apresentação do Centro de Memórias									X	X
Roda de Coco									X	
Relatório final										X

f) Como será realizado?

- Orçamento (em R\$)

[illegible]

Para que as ações possam ser desenvolvidas com qualidade e eficiência, estão previstas as compras de alguns equipamentos direcionados principalmente para as seguintes atividades:

- a. Capacitação em museologia – computador, impressora, datashow e tela de projeção (apresentação do curso, impressão de materiais didáticos e listas de presença)
 - b. Limpeza, catalogação e organização do acervo – computador e impressora (dados organizados em arquivos; digitalização de imagens, fotografias, documentos)
 - c. Registros audiovisuais de relatos quilombolas - câmera filmadora, tripé, computador
 - d. Circuito de apresentação - caixa de som, microfone, datashow, tela de projeção
 - e. Inauguração - caixa de som, microfone
- Parcerias (o projeto que apresentar orçamento maior do que o previsto neste Edital deverá especificar as fontes complementares de recursos);

Este projeto tem a parceria técnica do Observatório Quilombola - UFSCAR Sorocaba, que vem realizando desde 2016 ações junto à Associação, comprovada pelo documento a seguir.



São Paulo, 28 de Junho de 2017

Carta de Parceria Observatório Quilombola Evamariô – Associação dos Remanescentes de Quilombo do Espólio do Tenente Almeida da Fazenda Pilar

O presente documento tem como objetivo declarar parceria entre o Observatório Quilombola e a Associação dos Remanescentes de Quilombo do Espólio do Tenente Almeida da Fazenda Pilar, desde o ano de 2016, com o sentido principal da criação do Centro de Documentação e Memorais do Território Quilombola de Pilar do Sul, mostrando que a preservação de bens naturais e culturais é condição para garantia dos direitos universais do ser humano. A política pública deve se voltar para fortalecer a cultura e história das comunidades quilombolas ao mesmo tempo divulgar os seus acervos de grande representatividade para a valorização do patrimônio nacional.

O Observatório Quilombola Evamariô foi constituído a partir do Laboratório de Cartografia e Ensino, ligado ao Curso de Licenciatura em Geografia, como parte dos projetos de extensão da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, conforme o Processo no. 23112.003191/2016-75, de 2016, da Pró Reitoria de Extensão.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Lourdes de Fátima B. Carril

Coordenadora do Programa de Extensão Observatório Quilombola Evamariô

g) Contrapartida:

- Proposta detalhada da Contrapartida;

As atividades planejadas para este projeto serão oferecidas gratuitamente a todos seus participantes.

Por ser um Centro de Memórias com viés interativo (no sentido de fomentar encontros, debates, expressões artísticas, etc) é um espaço de reprodução social e cultural que possibilita a fruição do bem cultural pelo território.

O material impresso que será produzido são folders, dos quais 5% serão entregues à Secretaria de Cultura com as devidas autorizações, conforme edital. Também é um compromisso a participação em ações e programas desta mesma Secretaria, quando solicitado.

Visto que as comunidades quilombolas infelizmente enquadram-se nas camadas da população que são menos assistidas, o convite a estas para interação com o novo Centro de Memórias é uma contrapartida adicional.

h) Currículo artístico do proponente

Dados Pessoais: Alcione Caetano Fernandes, 38 anos

Formação Acadêmica:

Magistério - E.E.P.S.G. Vereador Odilon Batista Jordão. Ano de Formação: 1997

Normal Superior - Fundação Herminio Ometto-UNIARARAS. Ano de Formação: 2007

Licenciatura Plena em Pedagogia - Fundação Herminio Ometto-UNIARARAS. Ano de Formação: 2008

Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional - FAPI – Faculdade de Pinhais. Ano de Formação: 2011

Experiência Profissional

Prefeitura Municipal de Pilar do Sul. Cargo: Professora de Educação Básica I
Período: 2003 – 2015. Atualmente é Coordenadora Pedagógica

Experiências culturais

Alcione é membro da comunidade quilombola Fazenda Pilar, neta de seu Adelino Adão Caetano. Atualmente é integrante do Conselho Fiscal da Associação. Desde a fundação da Associação, em 2006, Alcione atua como representante da comunidade, participando de eventos como porta voz dos quilombolas pilarenses contando sua história e expressando sua cultura a partir dos relatos orais. A cultura negra é inerente à sua, sendo passada e transformada hereditariamente.

Todo ano desenvolve um projeto na escola em que trabalha sobre a formação do povo brasileiro, incluindo, claro, nossas origens africanas.

Articulou com o Observatório Quilombola da UFSCAR um programa formações de professores para a inserção das questões étnico-raciais no currículo escolar, que ocorreu durante o ano de 2016 e 2017.

i) Ficha técnica do projeto;

- Breve currículo dos principais integrantes do projeto (máximo de 20 linhas para cada participante), **destacando as atividades culturais que cada um já realizou.**

Deodato de Almeida Caetano, 75 anos, pesquisador incansável da história quilombola pilarense desde 1965, reunindo memórias, objetos e documentos. Atualmente é o vice-presidente da Associação. Embora tenha infindas lembranças, perdeu o principal meio de transmissão de seus conhecimentos, a fala. Atualmente está escrevendo um livro sobre a história da cidade sob a perspectiva quilombola.

Marcos Aurélio Caetano Fernandes, 26 anos, formado em artes visuais pela UNISO desde 2014. É professor de artes da escola municipal Dr. Narcizo José e atual Presidente da Associação desde 2015.

Pesquisador de danças de cultura popular afro-indígenas para o desenvolvimento junto às crianças da escola de ensino fundamental municipal em que trabalha. Desenvolve rodas de coco em eventos sobre a cultura negra (a última roda foi durante a formação de professores de Pilar de Sul em novembro de 2016); realizou uma oficina de maracatu em escola municipal. Desenvolve atualmente oficinas semanais de danças populares inserido no projeto Mais Educação, além de ser o articulador do projeto Mais Educação na escola em que trabalha.

Luiz Antonio dos Santos, 75 anos, aposentado e frequentador assíduo das atividades da Associação, contribuindo com as comunicações. Atualmente é músico e membro do conselho consultivo da Associação.

Dirceu José de Paiva, 48 anos, é contador.

- Quais pessoas da comunidade, coletivo, grupo ou núcleo participarão da execução do projeto? Especifique os seus nomes e o que cada uma irá fazer.

Alcione – coordenação do projeto.

Seu Deodato – articulação entre os associados nas diversas atividades do projeto; resgate histórico para organização do acervo.

Marcos Aurélio – responsável pelas ações relacionadas ao acervo do Centro de Memórias; coordenador da roda de coco.

Dirceu – responsável pela contabilidade do projeto e prestação de contas.

Seu Luiz – músico da Banda Lira, discípulo de seu Adelino Adão Caetano.

- Se existirem pessoas de fora da comunidade que participarão das atividades, inclua as informações.

Observatório Quilombola coordenado pela Professora Dr.^a Lourdes de Fátima Carril e estudantes da UFSCAR – farão o acompanhamento das atividades e fornecerão apoio técnico quando solicitado.

- As ações previstas no projeto terão continuidade após a sua conclusão? Descreva o que será feito para garantir a continuidade das ações.

Sim.

A Prefeitura e a Associação Quilombola estão organizando-se para que a cessão de uso do espaço torne-se permanente.

As escolas do município serão convidadas a fazer visitas ao Centro de Memórias e a desenvolverem trabalhos neste espaço. Também serão realizadas as reuniões e atividades necessárias para a manutenção da Associação.

A UFSCAR Sorocaba, através do Observatório Quilombola, também desenvolverá trabalhos de extensão neste local, como oficinas e encontros, bem como outras instituições interessadas quando o tema interagir com a proposta do Centro.

Quanto aos recursos, atualmente as despesas com a Associação são mantidas pelas contribuições dos associados. Com o fim dos recursos referentes a este edital, as despesas do espaço físico serão mantidas pelos recursos da associação e por contribuições dos visitantes. Também pretende-se captar recursos de outras fontes para projetos futuros.

j) Anexos:

- Carta(s) de Anuência



PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR DO SUL

PAÇO MUNICIPAL PREFEITO JOÃO URIAS DE MOURA
RUA TENENTE ALMEIDA, 265 - CENTRO - CEP 18.185-000 - TEL/FAX 18.3278-9700 - CENTRO - PILAR DO SUL - SP
www.pilardosul.sp.gov.br

DECRETO Nº. 3.362/2017.
De 28 de junho de 2017.

"AUTORIZA A PERMISSÃO DE USO DO IMÓVEL PÚBLICO QUE ESPECIFICA PARA A ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO DO ESPÓLIO DO TENENTE ANTONIO DE ALMEIDA LEITE - FAZENDA PILAR - PILAR DO SUL E DAS OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

ANTONIO JOSÉ PEREIRA, Prefeito Municipal de Pilar do Sul, Estado de São Paulo, em conformidade com o disposto no § 3º, do art. 137, da Lei Orgânica do Município.

DECRETA

Art. 1º - Fica permitido o uso de parte do imóvel público, situado na Avenida Papa João XXIII, Bairro Campo Grande, Pilar do Sul, Estado de São Paulo, com área de 562,56m², com uma área construída contendo 179,07m², conforme memorial descritivo citado no Parágrafo Único deste artigo, para a **ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO DO ESPÓLIO DO TENENTE ANTONIO DE ALMEIDA LEITE - FAZENDA PILAR - PILAR DO SUL**, inscrita no CNPJ nº. 08.145.380/0001-64, com sede localizada na Rua Durvalino Costa e Silva, nº. 259 - Bairro Campo Grande, representada pelo Presidente Sr. **Marcos Aurélio Caetano Fernandes**, portador do RG nº. 47.186.757-3 SSP-SP, inscrito no CPF nº. 406.379.988-39, residente e domiciliado à Rua Durvalino Costa e Silva nº. 247 - Bairro Campo Grande, Pilar do Sul, Estado de São Paulo, para implantação e desenvolvimento do projeto "Centro de Documentação e Memórias do Território Quilombola de Pilar do Sul", pelo prazo de 06 (seis) meses.

Parágrafo único: A área pública a ser permitida o seu uso é de 562,56 metros quadrados, com as seguintes distâncias e confrontações:

"Inicia-se no alinhamento da Avenida Papa João XXIII com divisa da quadra de malha segue reta na distância de 8,50 metros confrontando com a Avenida Papa João XXIII, deflete a direita e segue reta na distância de 27,89 metros confrontando com a propriedade de Carlos Machado, deflete a direita e segue em reta na distância de 31,81 metros, confrontando com o patrimônio municipal, deflete a direita e segue em reta na distância de 14,00 metros confrontando com a Cooperativa dos Agricultores Familiar, deflete a direita e segue em reta na distância de 23,09 metros confrontando com a quadra de malha, deflete a direita e segue em reta até o seu ponto inicial na distância de 13,68 metros, confrontando com a Quadra de Malha, fechando assim o polígono acima descrito."

Art. 2º - As demais condições de autorização constarão do instrumento parte integrante deste Decreto.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Pilar do Sul, 28 de junho de 2017.

ANTONIO JOSÉ PEREIRA
Prefeito Municipal

CAETANO SCADUTO FILHO
Secret. de Neg. Jurídicos e Tributários

APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES DAS VISITAS NOS QUINTAIS

QUINTAL 1

Moradora 1 - Faz tempo (que mora nesta casa), no começo que nós começemo a morar era no terreno de baixo, mais de 60 ano. Antes morava no campo grande, depois veio morar ali, depois aqui. Só eu to com 58. Nós moramo muito no sítio. Tinha uma casa lá outra lá. Aqui nossa casa era um barrancão, só tinha uma porta, a casa aqui era de barro com um esteirão, que segurava o teiado, era tudo de barro, que segurava o telhado. Nós planta couve, cebolinha, flor, maracujá. Aqui mora eu com a minha tia, minha mãe tem a casinha dela lá em cima e meu irmão aqui do lado. Quem cuida mais (do quintal) é eu e MORADORA 2 mexe também. Eu cuido todos os dias do quintal. Pra mim (o mais difícil) é rotina, é todo dia a mesma coisa. Eu tiro replanto planto tudo de novo, afofa a terra, esterca (com enxada). É grande (o terreno) só que o lugarzinho que nós planta é pequeno. Conforme vai crescendo eu vou cortando.

(sobre plantar) Muito gostoso. (sobre a escolha das espécies vegetais) Eu não gosto de couve, mas elas comem. Eu sempre faço feijão com couve pra ela comer, come na salada, com feijão. Minha mãe que fazia, minha avó. (sobre a mãe) Pesca mas não come o peixe. Plantar que é gostoso, ver as coisas crescer. A couve que eu plantei já tem quase um mês que eu replantei, e nesse domingo já cortei um monte pra comer. Não (poda), cresce e vai usando. Eu planto tudo junto, tudo cresce. (Não acha difícil o trabalho com o quintal). Quando o sol tá muito quente atrapaia, porque esquenta tudo.

(sobre memórias de antepassados no quintal) Eu não me lembro de nada. Nem do meu pai.

Moradora 2: Eu me lembro de tudo, lembro de pai, de mãe. Meu pai trabalhava, uma vez nós fomos no sítio, tinha uma serraria aqui, ele pediu pro pai ir no sítio puxar tora pra ele. Ele puxava, fazia aquela carga de tora. Isso era quase todo dia. Agora não tem nada mais. A mãe e o pai não plantava nada. Morava no sítio mas não plantava. Eu gosto de plantar. Hoje não tenho pai nem mãe, mas tenho o pai e a mãe do céu que cuida de nós tudo. Moravam no campo grande e aí veio com a família em 1951. A mãe veio pra casa que moram hoje. Não tinha quintal. Galinha tinha, mas logo não deu pra ter mais. Rocinha não tinha por que era apertadinho. Tem cachorro mas tá preso. Maracujá não é ela que planta, é eu.

(Muitas orquídeas e violetas e bem cuidado)

Moradora 1: Cebolinha – uso na comida, eu vou cortando e fica bonita; A mãe sempre põe na batatinha cozidinha, na salada de batata. Salsinha. E a couve coloca no feijão, na salada. Alfavaca coloca no molho de tomate pra macarronada. Bom demais

Moradora 1: Esse é o, como que é o nome? Orégano – usa tudo na cozinha.

Cunhada da moradora 1: (sobre ervas medicinais) Orégano é bom pra infecção, de urina, é antibiótico. Usa como chá. Meu menino que descobriu, ele fez uma pesquisa da escola.

Moradora 1: Esse aqui é caninha do brejo. Faz chá, é bom pra urina. Antibiótico. Esse aqui é pé de abóbora. Dizem que a flor dela é bom pra dor de ouvido. Põe no óleo; o broto é bom pra pôr na sopa de milho verde. Eu

aprendi, sei lá com quem, aprendi com os outros. Tem rosa; maracujá, Manjerição – aqui também é bom na macarronada, Bolinho de farinha, bolinho de frango (amarra a base do arbusto para sustenta-lo). Essa aqui é cebolinha de todo ano. Poejo – faz chá pra lombriga; Se você quiser uma muda pode levar. Esse aqui é o confrei – é bom pra ferida, cozinha ele e lava a ferida.

Cunhada da moradora 1: Ele seca, puxa o pus

Moradora 1: Essa couve aqui é diferente – é bom pra dor de estômago, bate com leite e toma, ela é diferente. As muda arruma com os outro. A mexeriqueira tinha desde que eu nasci, tinha pé de goiaba, mas precisou tirar pra arrumar a casa. Tem maracujá e tem, como é o nome daquele outro remédio mãe?

Moradora 2: é guaco

Moradora 1: Tomate come, arranca a semente e planto de volta. Alfavaca é bom pra urina, salsinha também é bom pra urina. Aquele lá de cima, lá no muro, é bom pra pedra no rim, cipó sumo (bebe a folha). Quebra pedra, cozinha tudo e toma. Se colocar num vaso grande o manjerição ele cresce. Esse daqui eu plantei pra patroa dela (cunhada) plantar no apartamento. Planta um monte pra um nascer. Esse aqui é mudinha de couve. Quer uma muda?

(sobre erva para banhos rituais) Silêncio e risos

Moradora 1: Guiné, arruda, alecrim – eu não tomo, diz que é bom pra descarregar as coisa do corpo (troca de olhares entre as moradoras). Tomate na salada. Quando eu era criança não tinha quintal pra brincar. Fui aprendendo a plantar com as turma. Avenca – pra enfeitar. Orquidea nós deixa, pra ficar bonito. Eu acho que esse é Chapéu de corô nasce sozinho, nem sei pra que serve. Onze horas. Quando as terras saírem (que estão esperando desde 65) - Quero plantar milho, mandioca, abóbora, quero plantar tudo.

Moradora 1: (sobre espécies espontânea) essas que nasce sozinho, nem eu sei que que é e eu não uso e arranco tudo. (sobre a origem das plantas) Dá de presente, sempre dou, também ganho de presente, faz muda, compra. Esse aqui é mamão. Esse aqui é o coisa fedido que eu não gosto – guiné.

Parente visitante 1: essa planta veio da África

Moradora 1: Eu deixo, sai a sementinha e nasce. Folhagem borboleta é uma imagem de borboleta. Flor de cera. O maracujá a gente come, abre ele e come, é doce. Abre ele e come. Tem o doce e o azedo. Esse aqui é acerola, faz suco, diz que é muito bom pra vitamina. Eu não gosto. Minha mãe morou naquela casa do barranco onde a Silvia do Aroldo mora. Eu já nasci aqui. Meu pai era bravo, bebia bastante. Ele morreu dia 9 e eu nasci dia 12. Nós brincava de tudo. Aqui tinha pé de goiaba, ali tinha pé de café, torrava aqui mesmo, lá em cima tinha um pé de uva, de amora, bananeira, esse aqui é figo. Já deu já caiu, já fizemo doce. Eu faço mas não como. Pé de limão. Faço arroz doce e não como. Doce de abóbora eu faço como só no primeiro dia. Domingo eu fiz dois latão de feijoadada. Ainda dá pra nós armoça. Abacaxi, minha mãe. Ela come o abacaxi e planta. Nunca deu mexerica. Limão. Violeta.

(Nos ofereceu café, serviu Chá mate com cravo)

Ancião: tem que se soltar se não sofre

Parente visitante 1: em são Paulo estão plantando na parede dos prédios pra não esquecer

Moradora 1: Caninha do brejo cura até câncer de próstata. O senhor pode fazer o cha e ir tomando. As coisa aqui comigo não sei como é que nasce aqui que eu abro o buraco e enterro. Eu cuido, eu rego todo o dia antes do sol nasce e depois que vai embora eu também rego. Vocês querem almoçar? (não quero dar trabalho) não é trabalho. Eu fiquei com tanta revolta sabe? porque, eu sei que depois que a gente morre o jeito que ponharam a gente no cachão a gente vai, né? o tio américo cada vez que vinha aqui, um homi que andava de terno, camisinha branca, bem vestido, quando eu vi ele no cachão, ponharam blusa da adidas, misericórdia. Depois que a gente morre, se ponharem a gente pelado a gente vai, né? Mas por respeito. Eu adorava ele, misericórdia. E nem tio meu era. Mas nós respeitava ele. A mãe dele era irmã da minha avó. A tia Adelaide.

Parente visitante 1: em 1999 ele tava tocando na Lira pilarense. Foi falta de união da família. O filho dele morreu também, né?

O Alfredinho morreu primeiro. Na casa onde o tio américo morava em Sorocaba. A deise mora na 9 de julho? Nossa a gente sempre passa lá.

Dona margarida chegou Trouxe uma plantinha, macelinha, dor de barriga, Chazinho pra ânsia.

Essa aqui é Arruda, tem gente que põe arruda atrás da orelha.

Parente visitante 1: O pai do Deodato, não perdia a arruda atrás da orelha.

Ancião: Na cidade grande tudo que você quer vem do dinheiro.

Parente visitante 1: me arruma água, por favor? Pode ser da torneira, a água de Pilar é abençoada.

Moradora 3: eu tomo do filtro

Parente visitante 1: o maracujá deixa muito calminho

Moradora 1: pra mim não funciona, não. No domingo veio a tropa inteira do sítio almoçar aqui em casa. Cozinhei os pé no sábado à noite. Domingo fui na missa às 6h da manhã, peguei a procissão lá do são Cristóvão e fomo lá no chico mineiro onde teve a missa. Temperei o feijão e fiz dois tacho de feijoada.

Almoço: feijoada, arroz soltinho, farinha de mandioca, salada de couve bem fininha e tomate já temperadinha. Sobremesas (ovo de páscoa, bolo com sorvete)

QUINTAL 2

Moradora 1: Nós ta aqui, a fia tem 35 anos. Já faz isso que eu ganhei. Aqui era assim um cômodo na frente e dois no fundo e dai com o tempo nois foi mexendo, porque era de barro o fundo, aí nós foi mexendo ela e fizemos a pequeninha aqui da frente, aí mexemo a da frente, quando nós fomos cobrir a outra que nós fizemos, ela caiu, aí nós começamos do zero, levou 5 anos e até hoje ainda não tá terminado. Com ajuda do povo, pedindo, um dava uma coisa, outro dava outro, pra por a laje eu fiz bolinho pra vender.

Ancião: Nós éramos ricos, muita gente

Moradora 1: Eu só tenho orquídea lá embaixo. Eu conheço bastante remédio, quando eu pego alguma planta eu levo na casa da mãe pra plantar. Hoje mesmo minha filha levou Marcelinha, é pra cólica, dor de barriga, pro estômago. Faz chá pra mulher que está terminando a dieta, ontem mesmo eu fiz um chá pra mulher. Fiz arruda, Marcelinha, terrão de parede, manoscada e chifre de veado. Eu ferve ele no açúcar e coloco água. Quando querem com pinga eu faço, mas o certo é com água. Deixa bem torradinha no açúcar. é bom pra não ter recaída da dieta. Arruda eu fui buscar na casa do meu sogro, marcelinha e o chifre a Ditinha tem. É crifre do veado de verdade. O dela tá igualzinho uma agulha de tanto ela raspar pra nós. Eles pedem pra mim e eu passo pra eles o remédio.

Ancião: minha mãe fazia e eu ajudava

Moradora 1: Eu aprendi com a mãe, ela plantava e fazia. Eles me procuram pra dieta.

(sobre as terras reivindicadas) O que eu mais sonho na minha vida é com as terras, plantar. Aqui não tem como fazer nada. Tudo em lata, em vaso. Feijão, milho, fazer horta. Quero plantar os remédios. Poejo pra criança que tem lombriga. Hortelã. Ganhei (abóbora). Nós troca. Na cidade tem que ter dinheiro se não, não tem nada. Então a gente tendo a terra da gente, você pode plantar um pouquinho de cada coisa, pra gente e pra servir o outro. O feijão tem época certa, né? Minha irmã tem plantação e de vez em quando eu vou lá, mandioca, gostoso lá. Mais ou menos eu conheci meu pai, mas meus avós eu não conheci nenhum. Uma avó eu conheci, a mãe do meu pai. Era braba, era fogo a muiézinha. Eles não moravam aqui, né? Receita é com a Ditinha, lá. Eu não tinha tempo, eu trabalhava na prefeitura. Aí aposentei. Eu faço paçoca, eu aprendi com mãe (vai carne de porco, de boi, cebola, bastante alho)

Ancião: carne seca

Moradora 1: Hortelã, pra criança, pra lombriga, minha tia usava muito, a mãe dele. Como chá. Até pra gente dormir é bom fazer o chá de hortelã e tomar, é direto.

Morador 2: Usa como tempero de comida, né? Pode pôr no quibe

Moradora 1: A cidade quando eu era criança era tranquilo, uma delícia de viver, nós era tudo criança, tinha as amiga. Agora mudou bastante, não pode deixar criança pra rua.

Ancião: aqui era carrascal

Moradora 1: Aqui era tudo mato, não tinha casa nenhuma, onde era plantado, que eu ia arrancar feijão era no alto ali. EU chegava do serviço, e ia lá arrancar feijão, ajudava maiá e depois vinha embora, todo dia. Ma só lá tinha planta. Ajudava no trator. Eu chegava do serviço meio dia, almoçava e corria lá. Aqui era tudo mato, pra cima da casa da mãe, da escola, ali tinha tourada, mas é mato, mato mato, não tinha lugar pra passar. Aí a cidade foi crescendo, crescendo.

Ancião: Pé de barbatimão

Moradora 1: Era um pasto de barbatimão

Morador 2: É remédio pra fechar corte, passa em cima

Ancião: Curtidor de couro

Moradora 1: Ela nasce sozinha, pra lá do Pombal tem ainda, aqui já não existe mais. A maioria das árvores que você vê tá descascada. Tira a casca da árvore pra fazer remédio. Usa até hoje. As crianças daqui, a fia, minha sobrinha, não sei o que é que dava, quando era criança tinha tanta energia na cabeça que dava até ferida na cabeça, nós lavava a cabeça delas. Cozinha a casca na água e lava a cabeça, é um tapa. (por que acha que mudou?) Quanta gente veio. A natureza agora é muito pouco, muito desmatado, a gente não vê, né? Antes era mais, era uma delícia, mas agora, xé.

Ancião: o homem é o culpado. (como é o projeto de agricultura de subsistência) Vamos ter uma área que vou passar pra eles, mais ou menos 3000m², e depois um lugar próprio pra cultura. Nessa área tem um rio.

Moradora 1: Sei mais ou menos sobre plantio. Trabalhei bastante com japonês, uva, caqui, mexerica. EU ajudava ele a adubar. Mais ou menos eu sei, se eu pegar uma uva garanto que eu cuido. Eu adoro, meu deus. É isso que eu falo, se a gente tem nossa terra a gente faz de tudo um pouquinho.

Ancião: nós vamos trabalhar com adubo orgânico. Vamos trazer pesquisadores da embrapa. O engenheiro agrônomo do inca já fez a pesquisa nas áreas. A gente que vai escolher o que plantar, mas ele já deu a dica do que a terra produz. (o que seus antepassados plantavam?) Algodão, feijão, arroz, batatinha, mandioca.

Moradora 1: É só a terra ou tem casa também?

Ancião: tem casa também, daí você faz pra você e pros filhos. A casa vai sair nos 3000m. O governo dá o dinheiro, nós vamos tirar do bolso só R\$1200 divididos em quatro anos. A comunidade dá uma parte do investimento e o restante é o governo que dá. Mesmo assim não paga o que os negros sofreram.

Morador 2: Tomara que as terras venha logo, não quero morrer sem cuidar da terra.

Moradora 1: eu também não quero. Quero alguma coisa pra fazer. Hoje em dia eu faço faxina na casa da japonesa e o resto da semana eu só vagabundeio o dia inteiro.

Ancião: seu [parente] é enjoado

Moradora 1: Leva embora

Ancião: A paçoca enfarinha o feijão

(piso feito com pedacinhos de azulejos)

Moradora 1: Óia a planta que eu ganhei. Essa aqui é a comigo ninguém pode, essa tem que deixar assim. Pra deixar bonito. Ela dá uma florzinha. Eu vou no sertão e trago.

QUINTAL 3 (gosta muito de animais, tem quatro cachorros, papagaio, dois periquitos, um jabuti)

Moradora 1: Faz tempo (que mora da casa). Mais de quarenta anos. Sempre tive esse pedacinho de quintal. A maioria das vezes só eu cuido, meu marido passa a roçadeira pra limpar a grama e eu cuido das plantas. Cuido com muito carinho. Cuido mais de manhã, pra molhar, né? Eu gosto de cuidar das plantas, preenche meu tempo.

Minha mãe gostava, ela morava no sítio depois veio pra cidade, ela dizia que vivia em cima da pedra, não dava pra plantar nada. Ela ficava nervosa por causa disso, ela sempre gostou de plantar. Tem uma planta que eu ganhei da dita, minha prima, que põe na carne, junto com a batata, manjerona, tem outras coisas que eu plantei e já secou e tem que plantar novamente. Moram aqui na minha casa moram eu, meu filho, meu marido, minha filha alcione mora no fundo e agora a outra filha voltou. As crianças brincam, ninguém acompanha porque não tem tempo. Meu marido traz adubo e terra preta, não sei que terra que é, ele compra. Ela poda pra criar mais vida. Não sei uma técnica mas funciona. Mais difícil de cuidar é grama que quando chove cresce muito, dá vontade de acimentar. Eu tenho vontade de plantar quando ganhar as terras. Quero plantar batata doce, mandioca, fazer horta, tem bastante coisa que dá pra plantar, cana, milho. Não tem receita que alguém da família ensinou. Sempre morei na cidade, não conheci nenhum avô e nenhuma avó. Nasci perto no cemitério, onde é a sabesp, não lembro nada do sítio. A gente só tem saudade. Deodato que lembra mais ou menos. A casa da mãe é aquela de madeira (associação). Ali já não dava pra plantar nada, que era tudo acimentado. Plantava fumo. Só também... Tá muita bagunça. Tem o boldo, né? Eu gosto de plantar porque é um remédio muito bom. Bom pro estômago, pra barriga. Como é o nome desse aqui, é balsamo? Esqueci o nome. Tem hortelã, faz chá, é gostoso e é calmante pra crianças, né? Manjerição põe na carne. Essa aí é sem vergonha, dá em todo lugar. Esse daí é, como é o nome, esqueci. É erva de Santa maria. Antigamente eles davam muito pra criança que é bom pra verme. Hoje eu tenho porque nasce sozinha. Essa árvore é a mais velha que eu tenho. Tem que podar. Essa aqui é a samambaia, ela é sem vergonha, dá em todo lugar. Essa aqui nasce sozinha também, a gente põe no álcool, é arnica, né? Pra passar em dor, machucado. Só um pedacinho (concretar), nasce rápido. Quebra pedra. Essa é mato. No sítio que é bom, tem bastante coisa plantada. Na cidade em casa põe tudo no vaso. Se eu morar em apartamento acho que eu morro. Deuso livre. Tem alguma planta pra fazer banho, limpeza? Ai é tanta coisa, né?(Tem algumas espécies ornamentais.) elas gostaram do lugarzinho. Vou fazer um cafezinho pra tomar.

(filha no celular mexendo no facebook) Deixa eu lavo aí mãe.

Moradora 1: (Máquina de costura antiga) costuro só pra casa mesmo). A região aqui era só mato, tinha até cobra, tinha nada. Tinha o trilho que passava o leiteiro que morava pra lá. Santa casa era um buracão. Melhorou bastante, principalmente na área da saúde. Antigamente tinha que ser lá em Sorocaba, tirar sangue, ultrassom. Agora tem tudo aqui.

Filha: nem sei plantar

Moradora 1: Também já cresceu assim só no meio das pedras.

Ancião: são três homens e três mulheres (45, 48,51,55, 58 e 60)

Filha: de flor eu não gosto, quem gosta de flor é morto. Acho que nem pega se eu plantar. A mãe sabe fazer de tudo. Trico crochê costura.

(falaram sobre os jogos de futebol)

Filha: Esses dias eu vi um tratamento pra queimadura com tilapia, vi no jornal ontem. Tira as escamas e poe na queimadura. E ela cura super bem.

Moradora 1: Coma, bolacha com docinho. Coma. Alessandra trata bem a gente, né? Esses dias levei o cachorrinho na veterinária. Encontrei ela lá.

(Sobre elementos de matriz africana na religião que seguem). Não tem. Diz que tem muita macumba. O próprio povo negro fala: povo macumbeiro. Aqui tem espiritismo, tem bastante gente, mas não é da família.

Ancião: nosso sistema é diferente do cafundó.

Filha: Eu nunca fui no cafundó.

Ancião: cafundó – significa lugar feio.

Moradora 1: Lembrança do quintal? Eu gostava muito de fazer, nós morava no cemitério, levava muito xingo, de balançar nas folhas do coqueiro. Minha mãe fazia melado, rapadura e doce de leite. (a filha também tem essa lembrança). Meu irmão sempre faz doce de amendoim lá na chácara (quintal 6). Lá é gostoso, sossegado. Deus me livre. Eu morro de medo de cobra.

(Ancião mostra uma foto da banda no festival que teve em Pilar. Ele tocava trompete desde os 14 anos. A banda Lira ainda existe que foi fundada pelo seu Adelino. A neta da moradora 1 está na banda.)

Filha: Era bom se conseguisse uma banda dos quilombola. Domingo nós tava no sítio. A Daiane tinha limpado os instrumento dela, ouvimo a gaita, fomo ver, a Iasmin (3 anos). A Daiane é decidida, aquela lá não vai deixar ninguém humilhar ela. Ela toca trombone? É bombardino? Ela só gosta de instrumento de sobro. Mas o sax ela não gostou muito, não conseguiu. Pra entrar na lira tem que fazer um teste.

Moradora 1: Tem que ir passear lá na casa do meu filho, tem até macaco, esquilinho. Tem macaco vermelho, meio marrom. É difícil, mas as vezes aparece.

Filha: bugiu aquele lá. É grandão. Vai entrar dentro da casa roubar as coisas.

Moradora 1: Tem que ir passear lá, mas eles não plantam não tem tempo, trabalha fora, né? O sogro dele plantou milho, tá seco. Eles plantaram abobrinha. Deus proverá, né? Quando sair o espaço aí. Já falou com a Moradora do quintal 2? Ela gosta de planta, ela sempre vai pro mato buscar flor, ela ama orquídea.

Filha: a senhora também gosta de orquídea.

Marido: Sorocaba é bom

Moradora 1: bom pra ganhar dinheiro

(assistindo futebol internacional na tv)

Filha: O Matheus jogou 2 anos capoeira. O Juliano ganhou medalha, dá aula de capoeira. O filho dele é pastor.

QUINTAL 4

Moradora: Em maio agora vai fazer 18 anos (que mora na casa), desde que eu casei

(Sobre sua propriedade) Natureza tem muita, tem o Rio do Claro que corta toda a extensão aqui, então a gente tem abundância de água, tem duas minas d'água, então é riqueza de água e natureza, mesmo. A gente vê muito animal diferente, anta capivara paca tamanduá veado. Os passarinhos é tucano jacu tem em tudo aí que a gente tá olhando. Eu tenho parte de pastagem que a gente toda a vida criamos búfalo, tenho a parte de arrendamento que eu arrendo pro Bruno Paiva pra plantar feijão. Tem os cavalos do [filho], tem as galinhas, tem os porcos, tem os cachorros os gatos. Até tinha as vacas comuns, mas tirei esse ano pra ficar menos pra mim. Até as búfalas eu reduzi uma parte porque tava muito. Eu tô esperando o [filho] terminar a escola porque ele quer continuar esse serviço.

Eu tenho uma roça de milho pro gasto aqui também pra tratar dos porcos e galinhas também; tenho capim napiê tem a cana Pra não ficar comprando trato, porque se for ficar comprando, não dá. Fica dependente não gira. Tinha uma horta grande por causa do tempo eu não tô conseguindo conciliar. Tenho que esperar o [filho] terminar a escola pra ele ficar o dia inteiro comigo pra gente conciliar.

(Sobre alimentação) É o arroz, é o feijão, salada, é o frango caipira, o porco, essas coisas. Tudo eu faço aqui. Apesar de eu não ter aqui, a gente vai num vizinho, no outro, é uma abobrinha é um pepino. Eles dão. Tem essa troca. Um ajuda o outro, vamos dizer assim.

Eu nasci no sítio, vivi oito anos em sítio, mas por causa da escola fui pra cidade. Logo que fui pra cidade, casei com 21 anos, voltei pro sítio. Ainda trabalhei um tempo na cidade. Porque daqui a cidade é perto, né? É fácil de tar se locomovendo. E eu dirijo tudo é tranquilo aí pela necessidade mesmo de ter o menino pra criar e meu marido foi toda a vida cardiopata, eu já casei sabendo disso, tanto que ele faleceu de enfarte fulminante. E pra cuidar dele e do menino e pra ele não forçar muito a barra eu abracei a causa. Então independente dele estar vivo aqui ou não, toda a vida eu fui o pai e a mãe da casa, todos os negócios, todas as finanças, tudo comigo a vida inteira. Eu tive que pegar esse postura. Eu às vezes queria reclamar, porque a gente é pecador... Chegou um ponto que ele se acomodou porque eu fazia tudo. eu sempre falava isso pra ele. Mas hoje eu falo, graças a deus porque se não eu não ia conduzir agora. Quando a gente coloca a vida na mão de Deus, Deus conduz certinho e vai encaixando e dando certo. É difícil, 15 quilos a menos, andando o dia inteiro, correndo o dia inteiro, cuidando das crianças. As crianças estão estudando a mesma coisa. Continuar a rotina a mesma coisa. [filho] estudou seis anos de informática, sabe muito de computador, toca violão, toca viola, são crianças que eu to preparando mesmo, de tudo um pouco. Se você não trabalhar aqui, você escapa lá, se puder aqui, escapa lá e vamos se virar. A [filha] já tem cinco anos de inglês, toca teclado, na escola é só dez, o boletim é tranquilo. O [filho] já não gosta muito de ir na escola, mas ele cumpre a parte dele, e a parte dos animais é com ele mesmo, ele gosta, ele ama o animal. Vou mostra uma foto dele, ele é enorme, tem 17 anos, mas é grande. Tem um evento na Festa da Água Santa, Nossa Senhora dos remédios, agora em Abril. Já tem 7 anos que ele vai e é o primeiro ano que vai sem o pai, foi com um amigo. Uma cavalgada que sai daqui da cidade e vai pra gruta da água santa, são uns 7km mais ou menos. Todo o final de semana ele sai pra cavalgada dele. Ele ama as criação, cavalo, moda de viola é o que ele gosta.

Ela me ajuda dentro de casa porque eu acho ainda, dez anos meio perigoso lá em cima, a búfala é muito pesada. eu falo pra ela, ajuda a mãe aqui dentro no que você pode, e ela vai fazendo a parte dela aqui, vai descascando um alho, picando uma cebola, deixa tudo arrumadinho pra mim, vai lavandinho uma vasilha.

(Sobre as terras quilombolas) Eu penso da seguinte forma, como eu já to há 18 anos nisso, eu acredito que o que eu aprendi aqui eu posso tá passando lá. A gente já tem essa vivência essa experiência, tira um leite, plantar, então eu penso que pode estar conversando e ajudando nisso

Se for por na balança, como a gente aprende na escola e passa pra todos, a agricultura e pecuária é base de tudo, acho de extrema importância, puxa todo o resto, as vezes as pessoas não dão valor. Eles falam pra gente “nossa, morar em sítio...” só que eles esquecem que dessa base que surge lá na frente. Tem que ter alguém tirando esse leite, tem que ter alguém plantando, a mineração, o extrativismo. Tem que ter senão não sai o resto.

Meu pai toda a vida, desde que conheço meu pai é leiteiro, foram 21 anos tirando leite, eu já cresci nesse meio, eram 80 vacas tiravam leite todo dia, 600 litros de leite, tinha um cantinho do cocho desde pequenininha eu ficava ali, naquela época limpava boi também, num limpava no matadouro, limpava no próprio sítio, então o pai era a parte da leiteria, plantio e parte de matar os porcos e boi toda semana. Não era nosso, ajudando minha mãe a criar as galinhas, recolhendo ovo, fazendo sopa de milho no final do ano. Antigamente era só no final do ano, agora faz o ano inteiro. quando tinha colheita, agora as sementes mudaram. Era só no final do ano quando tinha a colheita. Agora tem o safrinha, tem um monte de variedade... Num ponto era bom, no outro não era. Porque ser empregado não é fácil, você vive sob o comando sob a ordem, você cria aquele frango mas não pode comer, tira aquele ovo não pode comer. Eu falo pros meus filhos pra eles darem valor, O que vocês tirarem daqui é de vocês. A gente faz o horário da gente. Outro lado da moeda.

Por isso que eu falo, desse lado quilombola. Se cada um der valor no seu pedaço, produz, nem que seja só pra comer.

(lembranças sobre ervas) Tomar chá de hortelã, chifre de carneiro raspado (risos). Minha irmã tomava muito pra verme, pra lombriga. Eu lembro do cheiro queimava no fogão de lenha, depois raspava e fazia o chá. Às vezes até sapecava o frango no fogão de lenha que é bom pra verme a vó e a mãe chamava. ”vem aqui sentir o cheiro que é bom pra verme” minha avó que falava isso. Tão simples.

Ancião: você vai aprender bastante

Moradora: As vezes a minha avó (foto da mãe e pai da minha mãe), a que está na fotografia, era benzedeira. Meu vô também. A minha mãe sabe muito do que eles faziam. As orações, o tipo de benzer, tudo. Minha mãe sabe muito do que eles faziam, as orações, o jeito de benzê. A casa da minha avó, ela faleceu quando eu tinha 7 anos, mas eu lembro alguma coisa, era muito cheia de gente, era muito cheia de criança, meu avô e minha avó eram analfabetos, rezavam, cantavam faziam aquelas orações longas tudo de cabeça, benzê de perna curta, de quebranto. Eu sei que ela colocava a criança deitadinha media no calcanhar certinho. tinha umas orações que ela cortava na porta, tinha um que ela passava a faca, outra ela passava o machado, outra ela riscava no chão, ela fazia a volta inteira da casa. A casa da minha avo era muito simples era de barro ainda, era fogão de lenha, prateleirinha que eu tenho esse costume até hoje. Eu gosto muito desses costumes antigos. Feijãozinho caipira, arroz caipira, socadinho no pilão, que ela tirava toda a casca no pilão. Depois ela ficou muito doente ela teve enfisema pulmonar era uma excelente pessoa mas tinha o defeito de fumar. Ela viveu até os 70 anos e ele viveu 87 anos. Ela sofreu muito dos 55 aos anos aos 70 anos, devido ao cigarro dela. Gente pobre, simples e batalhadora. Ela criou a família dela, só, conforme ia caminhando do serviço, ia catando um almeirão do mato, palmito, tatuzinho. Era essas coisas, aquela época vivia de caça e essas coisas assim do mato. Ela trabalhava no

“minjolo” de farinha, então ela fazia farinha. Minha mãe falava, depende do dia ela já levava a vara de pescar, fazia um fogãozinho na beira e conforme ela ia socando a farinha já pescava e limpava o lambari, fritava e comia ali mesmo. Pra não carecer subir na casa fazer o almoço. Pra você ver como tudo era simplificado. Hoje em dia que a gente complica. Nisso que subia, que a mãe conta, já subia com a lata d’água na cabeça, pro banho da tarde, fazer a comida da tarde, lavava roupa já também lá. Eu procuro ainda preservar, dentro do possível, essa simplicidade, passar pras crianças essa simplicidade. Eu penso assim, tem que associar a tecnologia hoje, porque tem hora que é necessário pra uma comunicação mais rápida, mas sem esquecer da simplicidade. É o que eu faço com as crianças a gente desse no rio pescar, brincar no rio, sai andar no meio do mato, andar a cavalo. Eles amam o tal de rio. Tá dia quente “vamos descer no rio mãe”, tem a parte rasiha então eles ficam brincando na água corrente. Acho melhor do que piscina, cheio de cloro, cheio de tudo, ali é natureza mesmo.

Eu procuro a ensinar eles, a olhar pra natureza. A gente senta admirar os passarinhos, olhar pro céu, é bom, só escutar o barulho da água, faz bem pra gente.

(Sobre uma espécie de valor afetivo) Ipê amarelo, plantado pelo sogro – mais de 50 anos, o restante é tudo daqui mesmo.

(A semente desse milho que só dava uma vez por ano se perdeu?)

Acredito que sim, é cheio de mistura. Agora tem milho específico pra silo, tem o safrinha pra esse período de outono-inverno, tem o milho seco, q a gente fala, tem o milho próprio pra milho verde. Só que quem já provou o sabor do milho antigo, o sabor do milho hoje tá com nada.

Ancião: O pinheiro (araucária), plantado pelo vô Nicolau que morreu há 75 anos.

Moradora: Apesar de hoje a gente pensar que está mais fácil, mas acho que perdeu um pouco da qualidade, alimentação perdeu a qualidade. Até mesmo a carne, antigamente você levava 4 a 5 anos pra você abater um boi, hoje em dia na faixa de um ano, um ano e pouquinho. Acredito que o excesso de medicamentos, hormônio, acaba interferindo na saúde da gente também. Esses venenos, esses produtos químicos pra acelerar o processo.

Ancião: A maçã de antes tinha tipo de farinha hoje nao

Moradora: Banana amadurece na hora por causa do banho de carboreto, ela fica amarelona, até dentro ela fica meio cozida. Mas é o dinheiro infelizmente, querem dinheiro, pega dinheiro povo, comam de qualquer jeito. Tendo dinheiro o resto é o resto. Pode comparar coma o porco caipira e o porco de granja. O porco de granja a carne é cheia de fibra, é seco, já o porco caipira ele tem aquela liga, aquele grudinho. É diferente, muda. Uma coisa que era da minha avó é antigo é esse São Roque, tem mais de 200 anos. Esse era da minha tataravó. Aqui fica a bomba d’água, encanamento. Essa pitanga aqui eu trouxe aqui quando eu casei. Meu avô, aquele q tá na foto, que faleceu, tinha deixado várias mudas de pitanga. A gente vai cortando o capim vai sujando, tem que raspar de novo. Galinheiro; patos; bezerra, porcos. O próprio esterco dela vai estercando o capim e a cana pra elas come. Quando os bichos adoecem, chamam a veterinária e usam remédio alopático. Como o bicho é grande, o remédio, no caso é mais eficiente. To engordando ele pra vender pro abate. Ele come milho, capim, resto de comida, soro do queijo. O esterco dele vai jogando no próprio capim. Javaporco (vizinho que trouxe), mistura de javali com porco. Ele tem o pé e a cabeça de javali. Ele desenvolve muito lerdinho, fica muito magrinho, o javali tem a traseira fininha. Daqui a três meses e 20 dias sai nova remessa de leitão. Essa taquaireira plantada há 18

anos, foi plantada pelo meu marido. É isso que ajuda a gente a melhorar a cabeça... aí eu saio andar, cortando capim, fazendo as coisas. Porco ama uma cana, a búfala também ela come inteira, a gente corta pra ela, ela pega o paio vai quebrando. por isso que eu gosto de búfala também, é fácil de tratar, a vaca comum tem que ta moendo mais, tem que ficar se empenhando, já a búfala não, ela é rústica.

Aqui tem a roça do milho, eu já deixo os capim no meio, porque depois eu terminar de tirar o milho eu já coloco as búfala dentro, aí ela vai comendo tudo aproveitando tudo, ela mesmo vai se virando. Lá em cima é o feijão do arrendamento. São 20 alqueires. Os vizinhos Zé Mineiro, Dr Claudio do eucalipto, e aqui é o japonês que planta. É só lavoura.

(sobre eucalipto) Ah, seca água, né? A mina que tava na beirada lá secou, devido ao eucalipto, né? Toda vida que planta eucalipto aí.

(Sobre o interesse em plantar eucalipto nas terras quilombolas)

Ancião: Não

Moradora: Aquele coberto lá é o silo. Ele planta feijão e o milho verde. No final do ano ele planta o milho verde, aí ele tira o milho verde e já deixa o silo pronto pra mim pra alimentar o gado. Se descer até o rio aqui é só mato, mato, mato. Só natureza. Aquele buraco é elas que fazem, qualquer pocinha elas vão batendo o pé, vão batendo o casco e vão abrindo. Um coizinho que era já tá desse tamanho. Elas descem também, tomam banho de rio, sobem, bem tranquilo.

Ancião: tudo que você quer, tira da terra.

Moradora: Tudo a gente aprende na vida. Tudo é possível. As vezes a gente toma umas marretada que a gente fica até sonso. To aguentando só por Deus.

Ancião: nós não podemos usufruir do que o antepassado deixou, agora sim. Essa terra é boa pra lavoura

Moradora: É terra vermelha, boa pra plantar, antigamente chamava, né, terra de massapê. Aí virou aquela política do café com leite, né? SP com o café e minas com leite.

Tá difícil hoje, Isso (mutirão) era antigamente, hoje tudo é por dinheiro, é 80 o dia, 100 o dia. Mas as vezes a gente vai no vizinho, plantou uma abóbora, sobrou uma abóbora ele já dá, um pepino, um alface. Isso sempre tem. As vezes ainda, conforme a pessoa, se você precisar e falar, eles vem ajudar você, tem gente boa ainda, se você chegar e falar. Tipo o cachaço, foi emprestado, tem dessas coisa ainda. Tem que saber com quem se conversa, com quem se fala. O sítio hoje também infelizmente, tá assim, ali ó, aquilo é um loteamento, não é sítio mais. A barra do pombal, é loteamento. Cada um com a sua casinha, trabalha na cidade. É só pra lazer, só de final de semana. Nessa também que o sítio vai ficando perigoso, porque vem muita gente, tranqueirinha, com má intenção, e acaba roubando coisas pequenas, um veneno uma motosserra. Tem que ter cuidado com quem a gente coloca dentro de casa. As vezes vem trabalhar naquele dia mas já olhando pra poder voltar. Todo o dia tem trabalho, feriado, domingo, com chuva, sol, todo dia.

Napiê a gente sempre vai plantar em setembro pra lá, cana também. Depois que passa o inverno mais forte, setembro, antigamente, é época da brota, né? agosto era época da queimada, de preparar o terreno, setembro, A

gente fala que é perigoso dá muita diarreia em vaca porque come muita brotinha nova. Essa época da medo de começar a comer erva, porque vai sumindo o pasto e come erva e perigoso até morrer. Como já aconteceu. A erva que agente fala é planta venenosa, porque daí come a erva toma a água, estufou, morreu, aquilo lá não tem solução morre na hora. A gente vê a barriga estufando. Galinha em época de quaresma não bota, depois da quaresma que começa a recuperar pena, a botar ovo de novo. Me lembro muito porque tem que gostar da natureza. Minha irmã já não tem o gosto e a coragem de mexer na natureza.

O búfalo é só pelo cheiro, ela tem que pegar meu cheiro, senão ela não deixa tirar leite. Se eu ou o Jose ficar doente, ninguém tira o leite.

(Limoeiro plantado pelo marido da Alessandra que podou em formato de coração e ficou faltando um pedaço, pouco antes dele morrer). Tá crescendo e vai preenchendo.

(Ela está cuidando do cachorro do dono do porco que foi emprestado e acabou vindo junto.)

Gato tem bastante aqui, ficam espalhado.

Essa cozinha da bagunça (que está bem organizada). Eu busco esse estilo mais rústico, a ferradura, esse aqui foi nois mesmo que fizemos, penduramos nos pregos mesmo, tem o pilão também.

Ancião: meu pai sempre falava, vivendo e aprendendo

Moradora: Todo o dia toda hora tem que estar se recomeçando. Ontem o que fiz não deu certo. Principalmente para com picuinha, coisa pouca, fica com cara feia, semana sem se conversar, tem que relevar. Olhar pro céu agradecer e agradecer a deus todo dia, e dependendo da coisa, relevar. Quando um tá mais grosso o outro afina a assim vai indo. A gente sofre menos e faz o outro sofrer menos. Muitas vezes eu fazia isso com o [marido], hoje você não tá bão, vai andar a cavalo, depois você volta. Se cata tudo que tá ruim você, o outro as vezes não tem nada a ver, e desconta tudo.

Trabalhei muito tempo com catequese desde os 14 anos. Esse ano que eu parei por causa do tempo. Eu trabalhei com adultos, então aprendi muito com eles.

Ancião: meu pai sabia muito, mas não me ensinou por ser muito reservado.

Moradora: Minha mãe trabalha muito pelo autoritarismo e pela raiva. Eu falo pra ela, mãe tem que ser pelo amor não pela raiva. Eu vivi sempre nesse cabresto, não pode isso não pode aquilo, cala boca. Eu com as minhas crianças é pela amizade. Fala bobagem, a gente ri junto. As vezes ela fala, mãe levanta essa cabeça. Ela fala muito, é ligada no 220. Minha mãe não entende, ela brava com a gente. Se a gente sai pra passar e ela chega aqui em casa e não tem ninguém, ela fica brava. E meu pai chega e fica “aqui tá sujo, aqui tá errado”, só os defeito.

Ancião: você vai conhecer.

Moradora: Ela vai causar um pouquinho. Meu pai fica olhando pra ela. Ela fica brecando o pai no olho. Minha irmã, é muito cabeçuda. É inteligente, num ponto é trabalhadeira. Jogou a casa, marido, jogou tudo pro ar. Agora a Carol a filha mais velha dela, tá em viçosa, fazendo agronomia. Agora só tá a Ana Clara aí. Tem 35 anos, o rapaz não é gente boa, não gosta de trabalhar, é bruto. Parece até que mudou de religião, tá na assembleia. Ela vai bater a cabeça depois vais retomar o caminho dela.

Ancião: Estou com uma filha que largou do marido. A Raquel

Moradora: Minha irmã o grande erro dela foi que ela queria era passeio, não queria serviço. Ela misturou tudo isso na cabeça dela e criou essa ilusão. E ele levava ela pra onde ela queria. E o pai teve um câncer de próstata e o João ajudava, oficina mecânica.

ANCIÃO: o João era bom.

Moradora: Agora tá com esse cara. Ele é neto do zé ferreira. Filho da lourdinha.

O rapaz é uma bomba.

ANCIÃO: ela cozinha bem

Moradora: Eu herdei da minha avó, que gostava muito de cozinhar, de tá inventando. Só não to com muito tempo. Ainda gosto dessas coisas tipo no fogão de lenha.

O bolo de fubá na panela de ferro na brasa, aqueles pudinzinho caipirinha que fazia na brasa, pudim de mandioca, defumar carne de porco em cima no fogão de lenha.

Quando tava com o [marido] em casa essas horas já tava com o fogão de lenha acionado. Desde cedinho já começa desde o café, dia inteiro no fogão de lenha. Eu falo procê é questão de gostar. Eu gosto

A lenha é tudo que sobra do mato, os galhos q vão caindo, o [filho] já vai com a carroça e vai catandinho os galhos.

Na casa da tereza e da margarida é cheio de fumero, põe a taquara assim e a fumaça do fogão de lenha vai defumando.

O cheiro fica na casa inteira. Chega na casa aquele cheirinho de porco Tia Dita que era, a cozinha dela era grande, ela tinha umas 6 taquara, lotado, a cozinha inteira, ela vendia aquilo pras pessoas.

Pega aquele pedacinho do torresmo, ferventa, frita, depois põe no feijão pra cozinhar, pega uma saladinha, um alface da horta, um arrozinho, não precisa de mais nada.

Deixava a carne na lata de gordura pra preservar, depois a gente espeta a carne e coloca na chapa quente e come.

Sabão de cinza, né tio, tenho que aprender, aquele que ficava em cima, eu lembro da avó, preciso aprender a própria cinza do fogão virava sabão. Aproveita tudo. Usa o carvãozinho pra escovar o dente. O resíduo que sobre faz as mistura e prepara o sabão. Tudo dá proveito. A gora dizer que os antigo sabiam viver melhor não é mentira. Hoje em dia é tudo descartável. Hoje em dia tendo dinheiro compra o que quer. Se quiser comprar picado e cozido já tem, aí que mora o perigo. Ai se esquece da verdade da vida, só pensa no material. Aí a gente morre e o material fica. A gente não olha pra natureza, pra descansar um pouco, pensar um pouco em deus, na vida. Tem que encarar a vida como o ultimo dia como se a morte não existe. Pode reparar que é tudo projetado, com tal ano vou fazer isso, com tal ano aquilo, a vida não é assim. Quando menos espera a vida o negócio vem dá um corte em você. Ele tinha limpado porco naquele dia. O [filho] tava passando a carpideira nos milhos que tá seco lá. Caiu na hora, parece que tirou da tomada. Quando eu vou ter um relacionamento com outra pessoa

tenho que pensar. Quanto tempo eu tenho com você? Se eu puder fazer bem pra você hoje, é a melhor coisa q eu faço, que eu não sei quanto tempo eu tenho com o outro. Vamos aproveitar ser feliz.

Eu lembro do velório do vô, foi engraçado. Eu era criança. A banda tava tocando. Aí eu perguntei pra mãe, eles tão tocando o boi da cara preta? Fique quieta, cê ta louca?

Ancião: O sepultamento do pai tinha mais ou menos 3 mil pessoas. Era muito bem quisto na cidade.

Moradora: Tinha muita gente. Até hoje eu dou risada. Tem que lembrar das coisas com alegria.

(Falando do cunhado de 30 e tantos anos que vive às custas da pensão da mãe) não tem objetivo, tanta natureza aí e não tem objetivo.

QUINTAO 5

Moradora 1: moramos aqui há uns 23 anos. Eu tinha 5 anos quando vim pra cá. Esta parte foi construída depois.

Moradora 2: Tinha mais quintal

Moradora 1: Mas essa área verde do fundo era bem rala, agora que ela foi fechando. Cuidamos desta área, na verdade é uma coisa da prefeitura, todos os terrenos anexos à área verde quem tem que cuidar é o dono do quintal. A gente cuida o básico, para manter o mato baixo. A gente plantou bastante árvores nativas e frutíferas também. Plantamos desde que viemos morar aqui. As últimas que plantamos foram as palmeiras. Meus irmãos também gostam muito disso. Eles se casaram e saíram. Eles que foram escolhendo. Também por causa das frutas. Medicinal nós temos hortelã, erva cidreira, capim cidrão e algumas outras que meu pai plantou que é ele que conhece. Atualmente moram 5 pessoas. A gente vai pro quintal pra pegar as coisas, que nem meu pai plantou milho e a gente foi colher.

Tenho muita memória da infância brincando aqui no quintal. Aqui em baixo tem um córrego. A mãe ficava brava mas a gente ia brincar no córrego. A gente tinha uns balanços que meu irmão colocava no meio do mato e a gente brincava. A gente subia até o final. Vai embora essa área verde, passa por várias ruas. Tem umas pedras grandes que a água passa. Aqui não era asfaltado. Brincar na rua, no meio da mata. Meus irmãos que contam, que eles eram mais aventureiros. No rio era mais eles. Quem cuida mais da área é meu pai.

Moradora 2: quase não cuido. Eu gosto mais do serviço da casa. (enquanto lava e estende roupas no quintal)

Moradora 1: Não atrapalha o quintal, muito pelo contrário. Só o fato de não ter vizinhos e dá uma amplitude pra casa. A verdade é que a prefeitura estava querendo vender a área verde como um terreno. Saiu um edital em dezembro antes da prefeita sair. Acho que o pessoal andou se mobilizando, até meu pai foi na prefeitura, como que vai vender? Porque eles alegaram que aqui não tinha árvores nativas, não tinha nada. Até o advogado o Dr. Juarez queria colocar a mata pra baixo. Eles colocaram dois terrenos a baixo daqui. Eles iam derrubar toda a mata. A desculpa que era uma doação pra Santa Casa. A vizinha falou que eles vieram demarcar. O chão tá demarcado pra fazer a venda. Eles viram que iam se meter em uma enrascada. Eles nem vieram ver.

Ancião: quando eu era moleque eu também brincava aqui.

Moradora 1: O terreno da minha casa que ta em construção tem área verde atrás também. Era tudo um pasto. A maioria seguiu a profissão do pai, de pedreiro e foram seguindo outras áreas. Meu noivo que mora aqui comigo que é gerente de secadora de cereais. EU estou desempregada. EU estou indo pra educação, mas prefiro administrativo. Moraram em muitos lugares, (Dolores) morou na usina.

Moradora 2: Na usina eu trabalhava. Desde de 12 anos trabalhava fora, não ficava muito em casa.

Moradora 1: É grande, tem bastante coisa pra fazer. Tem morango, manjerição, manjerona, erva cidreira tá super bonita, alfavaca, ora pro nobis ali em baixo. Mais o pai que sabe dizer. Eu conheço mais as coisas por causa dele.

Ancião: ora pro nobis é uma planta africana de comer.

Moradora 1: Tem ali embaixo. Aqui tem fruta do conde, só que ela é nativa então é não é doce, mas é super cheirosa. Imagine tio, desmatar isso aqui. Esse barracão foi construído aqui pra colocar materiais de construção. Ate onde está o barracão é um terreno, logo depois é o outro terreno, então eles iam desmatar tudo. A prefeitura daqui é danada. Amora. O pai podou por causa da geada.

Moradora 2: Uso pra cozinhar, a couve tava bonita, mas colocou veneno pra matar o mato, o capim. Uso cheiro verde.

Moradora 1: Tava difícil de entrar aqui no meio. Meu pai teve que replantar as coisas, porque vai ficando velho vai ficando fininho. Vi uma matéria no globo rural só sobre a orapronobis. Boldo minha mãe toma bastante pro estomago. Essa é espinhenta (orapronobis), mastiga pura. É tipo um cacto.

Moradora 2: É cravo, põe no doce. Usa a folha. Quanto mais sequinho mais sente o aroma. Tinha erva doce mas secou.

Moradora 1: Pitangueira. Ali tem limão, laranja.

Moradora 2: Não tem mais.

Moradora 1: O pai tirou?

Moradora 2: Faço sopa com o milho e curau.

Moradora 1: A gente gosta com frango. Dá uma douradinha no frango, cozinhadinha antes, as vezes é caipira, coloca um pouquinho d'água, depois coloca só a massa dela peneiradinha, se tiver muito farelo, e vai dosando a água. Fica maravilhoso. Aí coloca cheiro verde. O curau é só adoçar e eu gosto de por canela.

Moradora 2: Aqui o que eu mais tomo é erva cidreira quando estou muito ansiosa. Aprendi a tomar sem açúcar

Ancião: no tempo da minha mãe ela dava pra nós pra dor de barriga.

Moradora 2: hortelã também, poejo. Pra resfriado ela dava folha de laranjeira.

Ancião: losna pra dor de estômago também.

Moradora 1: Minha mãe tá tomando chá da folha da amora pra menopausa. Meu pai podou porque ano passado deu uma geada muito forte. Espada de são Jorge. Não acho que protege não.

Moradora 2: As flor fui eu. De flor eu gosto. Flor de cera (não sabia o nome). Cebolinha, tá tão feinha.

Moradora 1: Acho que essa sementinha é coentro. Tá nascendo de novo, nem pode regar muito, ela dá no secão esturricado. As vezes dependendo do vento da chuva, acaba derrubando ela. Usa erva-doce no bolo de fubá. Agora fechou a mata mas aqui antes tinha um caminho no barranco que tinha uma tirolesa. Faz tempo que eu não vou na mata. Mas agora tem muita cobra, escorpião, fui ficando muito medrosa. Esses dias apareceu cobra d'água. Mesmo boazinha é cobra. Tem bastante macaco, raposa, bastante bicho que aparece. Nem sei mais como está o rio. A sopa de milho e o curau eu aprendi a fazer com a minha mãe. Queijo de búfala. Lá na minha irmã é uma fartura. Ontem fizemos coxinha. A gente fez torta.

Moradora 2: Lá é um lugar gostoso.

Ancião: ia gostar de conhecer meus pais, cozinhavam bastante.

Moradora 1: A mãe fala assim mas ela faz bastante doce ela tá meio desanimadona. Ela gosta da galanteza, gosta tudo certinho, e pra cozinhar.

Moradora 2: doce de abóbora

Moradora 1: Bem apuradinho

Moradora 2: Doce de banana, arroz doce

Moradora 1: É muito bom. Bolo ela não faz mais

Moradora 2: fazia quando as crianças eram pequena, agora cansei

Moradora 1: Ela queria fazer o doce de pedaço, doce de leite de búfala. É um sabor diferente, o leite de búfala é mais forte.

O nome que tá indo é caetano. Os caetano tão indo longe

...

Eu trabalhei desde os 19 anos na secretaria de educação de sorocaba

O que faleceu, nem diga, né tio?

Novinho de idade, de volante. Era neto dele. Tinha minha idade, tio?

QUINTAL 6

Morador 1: (Moram) há 11 anos nesta casa. Somos os proprietários mas antigamente tiveram outros moradores que não são da família. No mesmo terreno moram a filha e o filho. Não cultivo nada, mas crio animais, cavalo, porco, galinha. É pra uso da gente mesmo aqui. Não vendo. Galinha de vez em quando a gente vende, quando aumenta muito. Compramos tudo no supermercado. (O porco e a galinha eles comem). O cavalo é pra passeio. É raro participar da cavalgada, é mais por aqui. Não alugo não. Aqui moramo eu minha mulher e meu neto

Ancião: ele é quem mais puxou o avô. De tudo.

Morador 1: A hortinha tá pra fazer mas num deu certo, ainda não deu. Geralmente eu e o neto que cuidamos dos bichos e os serviços da casa é ela

Esposa: (Lembrança de receita de família) doce de amendoim no fogão de lenha naquela tacho. Isso foi herança da minha sogra, eu ajudava a fazer pra vender e eu aprendi a fazer. compra o amendoim, o leite, coloca pra cozinhar, fica umas cinco horas até dar o ponto, aí o amendoim torra, mói no pilão, pilão tá aqui, põe um pouquinho de farinha, mistura tudo aquele pó do amendoim, aí quando dá o ponto do doce de leite bem grosso, daí que a gente pega ele. Essa aqui é herança da minha sogra.

No fogão lenha quando vem a família aí, bastante gente, eu faço comida, feijão, arroz. Com a galinha a gente faz refogada. O que eu faço mais no fogão de lenha é o doce de leite, esse de amendoim, feijão, feijoada. Mas eu acendo ele quando vem a turma. Daí faz queijadinha, feijoada, bolinhada (bolinho de frango), milho, pamonha, às vezes quando vem bastante gente eu faço um panelão. Meus irmãos ligam e pergunto se podem vir.

Esse aqui é bolinho de arroz. O neto ajuda a cuidar porque quer um cavalinho. Trata das galinhas, do cachorro. Dá pra galinha milho, quirera grossa. Pros cavalo tem ração, farelo de trigo...

A gente já tentou plantar as coisas aqui, mas com as galinhas tudo solta. É melhor deixar as galinhas à vontade. No viveiro dá dó.

Morador 1: A terra é piçarra, não vai muita coisa. No trato dos animais é todo dia de manhã e a tarde. Comida e água e tem capim que a gente sai por aí cortar, porque só ração não dá. É capim que dá na estrada, é o capim napiê, tem o catingueiro. Quando ficam doente procuro o veterinário. Quando o começo de uma cólica já sei o que dá. É remedinho mesmo. Quando vierem as terras vou querer experimentar plantar. Penso em plantar milho, feijão, mais pra comer.

Esposa: mandioca, cana.

Morador 1: Antes de vir morar nesta casa eu morava na cidade, na casa do meu pai (associação). Tempo de moleque brincava pra rua, jogar bola. Lembro, nossa, do meu pai mexendo na natureza. A gente saía com meu pai, nós tinha um sitinho lá perto de São Miguel buscar taquara e vendia pra usar na uva, no tomate. Nós plantava feijão no terreno que cortava a lenha.

Ancião: já ouviu falar em coivara. Depois que queima brota bem quando vem.

Morador 1: Aqui tem pé de limão, de mexerica, laranja, jaboticaba. História do meu pai eu só tenho quando eu saía com ele quando ele tava trabalhando, entregava imposto de casa em casa eu ajudava ele.

Ancião: eu fui também

Morador 1: Ele era muito trabalhador. Era complicado, porque tinha vezes que saía de casa pra vir pra cidade quando não tava trabalhando, ele parava conversava com um conversava com outro até meio dia só conversando.

Ancião: bem quisto

Esposa: rubi é pra corte, faz um caldo dele, espreme ele, soca ele deixe ele fazer aquele sumo e passa em corte, é cicatrizante. É da natureza. boldo – estômago, cólica de estômago, enjôo. Gengibre é pra tempero de comida,

remédio pra garganta, pra fazer quentão. Você mistura um pedacinho, porque é muito ardido, mas ele é também pra uso culinário. Pé de ameixa – come a fruta, tem uso medicinal mas a gente não usa.

Morador 1: Gosto de passarinho

Neto 2: eu gosto de pavão, e gosto de cobra. Aqui tem a Tucha!!! (a cachorra dele)

Esposa: ele gosta, um pouco tem medo

Esposa: É muito raro trocar com os vizinhos, porque geralmente o que eles tem lá nós tem também.

Neto 2: quer ver, tem um porcão aqui. Vem ver!!!

Morador 1: Tem laranja, gengibre

Neto 1: esse aqui é limão

Morador 1: Pimenta. Essa é o rubi. Essa árvore é da natureza, não sei o nome dela. Esse é café (já fizeram mas não tem feito). Um tipo de goiaba, é... araçá

Neto 1: Cereja. Pitanga. Jabuticaba. (Só come a frutinha, não faz doce). Esse é goiaba

Morador 1: Banana

Neto 2: Aqui tem um cavalo, tem uma galinha, um galo

Morador 1: Comemo o ovo. É só galinha caipira.

Ancião: a carne é gostosa. O Neto 2 é a quarta geração já.

Morador 1: A natureza você vive a vontade, doença é muito rara. Agora viver nesse mundão é complicado. Escolhi morar longe da cidade por causa disso, é mais tranquilo.

Neto 2: eu gosto de cuidar dos pintinho, da Tucha

Neto 1: aqui tem rosa, cebolinha

Morador 1: Pra lá é plantação de eucalipto, é bom só pra fazer tábua. Eu trabalhei como motorista de ambulância uns 12 anos. Vou me aposentar, só na prefeitura tem 31 anos. Tenho tanto passarinho porque gosto de ouvir eles cantar. Eu compro, é canário do reino.

Esposa: eu tenho um trevo de quatro folhas. Não é pra dar sorte, é que a mulher que morava aqui antes deixou e eu fui cuidando. Tem cebolinha, manjerição. Mas a galinhada não deixa crescer. Tem um pavão da vizinha, ele vem e come tudo. Quer levar uma abobrinha pra você Deodato? Pega uma sacolinha pra levar. Esse ovo caipira, quando junta bastante eu vendo. Esse pimentão é ganhado. A gente ganha de parente, as vezes tem amigo que dá. Eu fazia com a minha sogra garapa de cana, melado e rapadura. Só que tinha um tachão enorme de cobre, não sei onde foi parar o tacho. Ontem mesmo minha menina tava falando desse melado que nós fazia no fogão de lenha.

Ancião: Tá com o Enoc.

Esposa: Mas é assim, a gente fica com essa herança. Ontem tava lembrando, que a gente fazia e sai vender na rua, vender rapadura, doce de amendoim. Até eu saía vender também, ajudava a fazer e vender. Nós corria bastante. Meu sogro o dia que ele invocava, ele falava pra mim, você vai vender doce. Oferecia no serviço que eu trabalhava. Trabalhava na escola.

Ancião: ele era fogo

Morador 1: Aquele tempo o custo de vida era complicado. Emprego era pouco.

Esposa: da minha família não fazia dessas coisas. Minha mãe é Sorocaba. Meu pai era daqui. Agora o leite é comprado. Quando tá meio sobrando a gente não deixa perder. Aí faço doce de um jeito de outro. Faço bombocado de pão. E pão dormido, dois três dias. A gente não perde. Eu falo pra criançada, tem que aproveitar de tudo. Sobrou arroz a gente faz um bolinho.

Planta que cura o câncer.

QUINTAL 7

Moradora 1: Moramos aqui há uns dois anos e meio. Aqui é do nosso patrão.

Ancião: Irmão do meu genro

Moradora 1: Aqui a gente tá parando mais, por causa das crianças, perto da escola, temos 4 a mais velha Franciele, Francine, Flávia, Léo Cristian. Assim fica mais fácil, minhas filhas trabalham, daqui a pouco os pequenos chegam da escola. Eu trabalho aqui, limpo a sede, faço todo o serviço doméstico e o Francisco cuida da lavoura para o trato (milho, aveia, capim) tem a pastagem, da leiteria. Tá começando agora né? Antes era eucalipto. Agora ele tá passando do eucalipto pra leiteria de búfala.

Ancião: A esposa do dono, Maria Alice, eu vi nascer

Moradora 1: Aqui tem umas florzinhas, algumas coisinhas fui eu que plantei e outras já tinha. O jardim dela, que ela gosta que cuide. Podo algumas flor, o Francisco ajuda, fica mais pros homens. Não dá tempo. Gosto de cozinhar, eu lembro bastante que minha vó fazia ela moía cana, fazia a rapadura, eu sempre ficava ajudando na rapadura, doce de amendoim, comida caseira, eu gosto muito de comida no fogão de lenha, feijãozinho, franguinho, dá até fome, e alguns doces que a gente gosta, abóbora, principalmente, doce de pedaço. Minha mãe sempre faz doce de amendoim, o que a gente não fez mais é melado, rapadura. Dá saudade, mas é mais difícil. Tem que ter tudo, cana ... Essas coisas bem assim do povo mais antigo. Aquele cafezinho do fogão de lenha.

Esposo: e vai passando, as meninas, todas elas gostam de cozinhar.

Moradora 1: Por isso que a gente gosta de uma horta, eu gosto bastante de tempero caseiro, muito bom, remedinho que a gente traz, caseiro, que a vó tinha, a mãe, aí a gente vai, não deixar morrer essas coisinha, agora parece que tudo tá refinando, né? O povo tá vindo muito. Quando a gente casou a gente foi embora pro sítio. Ontem, no sábado, a gente fez 25 anos de casado. E hoje a gente vê que todo mundo tá saindo do sítio. Tá

perdendo aquela identidade do sítio. Aquela coisa caseira. Mas o pais do Francisco ainda tão lá, meus pais tão aqui. Todos gostam, meus filhos, meu pequeno, gosta do sítio.

Ancião: 53 anos de casado

Esposo: hoje em dia tá perdendo, eu vejo, antes os pais tocavam o sítio ou passava pros filhos, e permaneciam, hoje os filhos tão indo pra cidade. Proprietário pequeno tá acabando. Eu acho ruim. Estudar é bom, mas não perder aquela cultura. Tá acabando.

Ancião: quem fornece comida

Moradora 1: Tá aquela dificuldade também. Os filhos querem estudar, precisam estudar. hoje pra tudo precisa o estudo. As vezes a gente vem por eles.

Esposo: Todos querem um lugarzinho na cidade. Aí o imóvel na cidade sobe, você não consegue...

Moradora 1: A gente tava pagando aluguel e tava muito difícil aí precisou arrumar um lugar assim pra gente.

Ancião: As terras que vamos pegar pra agricultura de subsistência vai dar.

(vocês vão querer plantar?)

Moradora 1: Não sei né rs... É? Plantamo junto com o pai né?

Eu até tenho um pedacinho, o bálsamo, né? Tenho uma prima minha, que se tratou com tanto médico que ela não melhorava (prima do Francisco), do estomago, aí ela fazia o balsamo de manhã, batia com leite, tomava em jejum e foi curando, cicatrizando. Tá judiadinho porque a gente tava com uma bezerrinha que ela acabou com meu bálsamo. Ela comeu. Tava dando de mamar pra ela que ela ficou órfã. Hoje de manhã eu tava aguando. Tem uns naturaizinhos, que nem a erva cidreira que é um calmantinho. Na horta seu jonas aqui q tem que é um remédio pra câncer.

Esposo: sucuba

Moradora 1: Tem até testemunho, tudo certinho.

ANCIÃO: ...com sustagem pra pneumonia

Moradora 1: A gente tem que usar essas coisas. Fica perdido. O remédio da farmácia faz gente pra gente se precisar tomar, sim, mas a gente vê que melhora uma coisa, já atrapalha tudo a outra. A gente vê com as meninas, você toma uma coisa pra enxaqueca, ataca o estômago. A gente tem que resgatar. Até comprei um livro, aqueles que passava na televisão. não é porque é natural que você vai tomando, tem todo umas dosinha bem certinha, né? Na horta a gente planta uns alface. Eles levam eles gostam muito de ter. a gente aproveita também. Aí a gente usa daqui mesmo, o esterco do gado pra adubar a terra. A poda dos pé de rosa, o jardim do pingo de ouro, esses dias atrás demo uma podada grande. Galho que caiu em cima da casa e já tirou. É bastante serviço. Sítio você não tira folga.

Esposo: Às vezes não dá tempo de conservar tudo certinho, que tem muito serviço

Moradora 1: Com chuva cresce bastante. O sítio assim, na cidade você tem que comprar tudo, a gente acostumou, um lugarzinho mais tranquilo, levanta com o canto dos pássaros e por ser pertinho. Minha sogra mora lá na meia légua, é distante. a gente se preocupa que os filhos tenham que pegar uma condução muito longe. No sítio também você tem frango, tem ovo também, né? Se não tem que comprar tudo, e branco também, não tem vitamina nenhuma, aqui tem do padrão, mata os frango pra ele e a gente pega pra comer. A gente sabe que sítio a limpeza é difícil de conservar por causa do pó. aqui mesmo quando dá de cair enche mas é muito bom o sítio. Até brigo com meu pai eu falo, faça uma horta aqui pra mãe. Da dó fica comprando e ali são três famílias, faça uma horta bem boa. agora cavalo não dá lucro, né tio.

ANCIÃO: preguiçoso

Moradora 1: É irmão do senhor, o senhor que tá falando. (rs) E faz uma saladinha e ali tá tão facinho, a água logo ali. Cavalo é com o pai.

Esposo: e dá trabalho, a limpeza

Moradora 1: Já é bastante trabalho. A horta tá meio... dei uma limpadinha, mas não fica limpo, porque cresce muito. Aqui é o galinheiro. Tem os ovos. O bálsamo que a bezerra comeu. Tem hortelã, uso pra fazer um chazinho pras crianças, as vezes bato com couve, é uma vitamina e tanto. Couve com suco de laranja. Quando não tem pe limonada, mesmo. Dá uma animadinha. Essa aqui é erva cidreira, não é do capim, tem o capim cidrão, quase igual aquele ali, esse aqui é cintronela. A gente poe no álcool pra pernilongo. Eu trouxe e aí pegou. Esse aqui é arruda, já tava aqui, diz que é muito bom pra bicho, poe também no álcool. Rosa, tem um pé de limão ali, aqui é figo, tem um pezinho de uva, maracujá, aqui era um pomarzinho, mas a vaca fugiu, e comeu tudo, tem aqui seriguela (dá suco gostoso, mas foi podado, eles gostam bem limpo assim), atemoia, foi podado.

Tava trabalhando muito, tem que deixar e fazer outras coisas. Tamo lidando de silo. Ali é a leiteria. Aqui tem outro pomar. Ameixa, Pêssego. A jabuticaba tem que ser num lugar bem úmido, né? Os proprietários moram em Salto. O picão é remédio né? Quem conhece muito sobre isso é minha sogra. Esse aqui não dá pra usar porque foi passado veneno. O que eu pego é tansagem. É bom pra garganta. Lava bem lavadinho, ferve a água, e aí você toma. Plantado no pneu salsa, cebolinha, manjerona que é ótimo chazinho pra mulher. Eles usam bastante a hortelã, salsa e cebolinha. Esse é o remédio pra câncer que eu falei. Eles gostam de por pedra, mas atrapaia pra carpir, tem que ser com a mão. Alecrim, uso as vezes, põe na comida, no tradicional, no arroz, feijão, carne com batata, frango. Plantamo couve. eu faço saladinha bem fininha, aprendi com a vó, bem fininho. Uso azeite, limão, As vezes ponho pra cozinhar com o feijão, pras criança comer. Alfavaca é uma delícia também, não? Tem o manjerição também. É diferente. Eu ponho no feijão, tiro as folhinhas e pico. Quando for fazer um bolinho, no caldo eu ponho um galinho, coxinha. Aquela é pimentinha, aqui a gente não usa pimenta. É o Cambuci a gente já gosta é igual ao pimentão. Até melhor um pouco. A gente faz abafadinho com bastante cebola. Babosa tem esse pé que é pra remédio e tem um que usa pro cabelo, acho que engrossa um pouco o cabelo. São babosas diferentes. O remédio eu fiz um tratamento pra limpar o intestino. Minha sogra que usa sempre, que conhece bem. Ela é daqui de Pilar, mora no sítio também.

Hoje em dia é muito caro, né? Um pezinho de couve. E você come as vezes tem veneno. A gente tem sonho de ter cabra porque, as fezes da cabra, se curtir bastante dá uma horta maravilhosa. Tem umas coisas mais naturais.

O tio do Francisco que tem. Tem que ser um lugar bem fechadinho, porque a bichinha pra comer coisa. Eles já não gosta. Aqui tinha criação de carneiro. Eles querem poupar, mas tem muito serviço, nós não dá conta.

A gente tinha búfala, mas aí pegou uma doença e perdemos tudo. Aí que a gente veio embora. Parece que misturou com uma que teve brucelose e passou pra todas, a aí precisou sacrificar. Era nosso ganha pão. Aqui é a leiteria deles. Aqui é poço artesiano.

ANCIÃO: Os figos que tão aí é só temporão. A época é janeiro.

Moradora 1: Esse pomar mesmo ficou doente, tentamos tratar esse amarelado, é doença, mas não foi. Nesses pés de poncã. Se vocês forem no Silvio, você vai ver que pomar bonito. Minha sogra é de Sarapuí. Pegou uma (búfala) de cada canto e só agora que tão se acostumando.

(tudo limpinho)

Esposo: esse galpão é pra criação de boi em confinamento.

ANCIÃO: cheiro gostoso (esterco)

Moradora 1: O esterco usa pra horta. Aqui a terra tá por baixo com pó de serra e o esterco. Aí tem que vir com o trator revirar pra curtir. O dono tá trocando o eucalipto por pasto. O preço do eucalipto caiu. Nós fomos plantar eucalipto, que judiação, as mansões no meio dos eucalipto. Tinha as irmãs lá no bairro, o Francisco tava plantando aí ela falou, a louca aqui a gente abre só tem eucalipto. Na época tava 45 o metro. Lá o silo, onde seca milho. Cachorra é a mais velha da turma.

Minha mais velha trabalha em escritório e a outra na loja. A menor me ajuda em casa. A gente desde de novinha cuidando de casa. Mas a gente precisa. Quando a gente tinha sítio não tem que trabalhar por outros. Quer almoçar com nós?

Nós vamos no domingo (na igreja), leva os filhos. A gente precisa de Deus. É o sustento da nossa vida.

ANCIÃO: Cristiana lembra que a mãe e o pai plantavam fumo no quintal? Até agora, sempre nasce.

Moradora 1: Eu morro de vontade, ter uns pezinhos de café, produzir seu cafezinho natural.

ANCIÃO: lá no cafundó foi mais fácil por que é rural.

Esposo: eles são muito sossegado

Moradora 1: O patrão falou que dava feijão pra eles plantar e eles comeram tudo.

ANCIÃO: a gente querendo plantar e eles tem terra e não plantam.

Esposo: tem alface as coisas plantada e se alguém for pegar um pé de alface tem que marcar. (Rs). Lá tem uma casinha de barro ainda, né?

Moradora 1: Não foi dado papá pra você peixinho... ai que dó.

(Almoço: arroz, salada de tomate, torta de frango.)

Esposo: Tinha uma senhorinha q tinha uma casinha de barro ainda

ANCIÃO: você falou de casa de barro, em pilar não tem mais.

Moradora 1: Na meia légua acabou também, né?

Esposo: lá tem uma índia, o pai dela era índio

A casa era de barro, fogão a lenha, que ela tem medo de fogo a gas. Não comia nem salada, comia só carne de porco. A casa começou a ficar judiadinha, aí fizeram uma casa de bloco pra ela, acimentaram o chão. Ai ela colocou terra em cima.

QUINTAL 8

Moradora 1: Já fazem 28 anos que eu moro aqui. Eu e meu esposo que moramos aqui atualmente. Meus filhos já saíram, minha filha mora em Sorocaba e meu filho também mora no sítio. Aqui a gente só produz leite, que é o marido que cuida, e a outra parte do sítio a gente arrenda, outra pessoa que planta. Eu faço o serviço da casa e sou agente de saúde. Eu só tenho minhas plantinha no vaso.

O pomar, com a doença que deu, a gente não plantou. Tá dando um tempo pra que melhore a terra e a gente plante de novo. Pegou broca que faz um furo no meio e vai até a raiz. A gente tá dando um tempo, depois volta a plantar de novo.

Aqui só usamos a roçadeira e controle de praga. Por exemplo na grama pode reparar, tem braquiária no meio, aí tem que ir lá tirar, com a enxadinha mesmo.

Não tenho o costume de adubar. Como só mexe com leite. A búfala come o pasto, sal mineral, mas eu não entendo muito, e as vacinas que tem que ser dado também. No pasto atualmente não tem que adubar.

As terras quilombolas é um resgate das culturas que foram tomadas então é muito importante, principalmente porque tem muita gente precisando ainda do seu cantinho, muita gente. Por isso é muito importante.

Minha mãe é uma dona de casa, sempre foi muito prestimosa, muito cuidadora das nossas coisas. Meu pai sempre trabalhou fora, na construção civil, agora ele é aposentado, fica bastante em casa.

A infância da gente foi numa casa, Quando a gente é criança tudo quando você cresce as coisas

Meu pai sempre plantou muito, tinha mandioca, tinha alface, tinha mamão. Acho que a gente vendia alface, por que era muito alface, mas assim, ali na vizinhança. Brincava no meio dos pés de mandioca. Os pés bem alto e a gente brincava entre eles.

O medicinal a gente utiliza até hoje, eu acredito muito nisso. Então os chazinhos são sempre bem vindos, na geladeira tem uma camomila, uma erva doce. Pra gente não perder, nem pode perder.

Eu lembro do bolo da minha mãe, era simples, do que tinha ela fazia.

ANCIÃO: na panela de ferro, em cima do fogão a lenha.

No fogão à lenha. Eu lembro da receita do meu avô, não é da minha mãe, fazia doce de leite, doce de amendoim, rapadura, melado de cana. Ele mesmo que vendia, as pessoas já conheciam, u me lembro muito, até o tacho de cobre, mas não sei onde tá, ele era abaulado.

Eu tenho um pezinho de melissa que eu trouxe da casa da minha mãe. DO chá eu tenho várias coisas...

Eu sofro com a poeira, mas eu gosto muito da minha área porque tem muito verde. Gosto muito. Então eu aguento a poeira. Me dói a cabeça.

Como choveu tá cheio dagua. Essa mata é ciliar, tá dentro da minha área. Aqule pezinho de milho nasceu ali e a gente deixou.

Melissa é um calmante. Como chá, infusão.

Você tá vendo o barulhinho da água, com a chuva tem muita água, tem muita nascente. Quando chove muito alaga mas não pega em casa. E no caminho alaga, mas é temporário. Quando chove a gente não sai de casa.

Essa árvore é ornamental. Não sei o nome. A gente comprou.

Essas são nativas, tá?

Tem as artificiais também.

Pras plantas do vaso, as vezes eu compro uma terrinha. Mas não é muito não, é pouquinho.

Tem espada de São Jorge, mas eu não acredito que proteja eu gosto da planta. Meu marido gosta de São Jorge por causa do cavalo. Eu sou católica. Essa aqui tá bonitinha, eu ganhei num aniversário. Essa aqui eu plantei agora. Na casa da minha sogra tem muito dessa daí, que eu peguei lá.

Eu uso as ervas como infusão, mesmo. Eu uso camomila quando tá um pouco de insônia. Essa camomila eu ganhei. Como eu sou agente de saúde a gente conhece muita coisa. Essa senhora cultivava camomila e depois ela secava natural pra ter o ano inteiro. E ela me deu.

A hortelã como calmante, o poejo como vermífugo. Eu lembro da planta chamada rubi, que usa pra machucado, é cicatrizante.

Eu acho importante preservar tudo. Por exemplo, eu tenho nascente aqui, nós nem fizemos tanque ali embaixo pra preservar. Podia ser tudo mais fácil, mas escolhemo fazer aqui em cima.

Visita: a água dela é de poço

Moradora 1: Eu prefiro o sítio que a cidade, primeiro porque eu tive que vir, porque meu marido é daqui. Depois eu também me apaixonei. Por mais que eu sofra um pouquinho eu gosto. O custo de vida é mais barato também.

Essa aqui é uma amora, a gente plantou. Como tá no outono as folhas caem. Gosto mais de pegar as frutas no pezinho, mesmo.

Gosto de cozinhar, eu gosto de coisa rústica. Gosto de fazer sopa de milho com frango, com costela. O frango é daqui, mas tá pouquinho. Mas tá por aí.

Visita: ela mata o frango Gabi.

Moradora 1: Não que é gostoso matar. Minha sogra mata diferente de mim ela pega no pescocinho e estrangula. Eu pego a vassourinha, eu não consigo puxar. Poe no pescocinho bem certinho e puxa, já dá uma estraladinha. Não sofre.

Eu gosto de passarinho só solto. A gente já teve papagaio. Gosto do silêncio. É que agora tá barro, senão a gente subia, ver a nascente, dá pra ver tudo.

Meus filhos aproveitam, todo o final de semana eles tão aqui. Tem minha neta também, ela adora vir no sítio, ela tem 10 anos. A filha mesmo gosta muito de natureza. Subia aí pra cima.

Visita: não vê a hora de sair de Sorocaba.

Moradora 1: Tem o pônei, quando criança eles brincavam no pônei. Tem tudo deles ainda aqui.

Por enquanto não penso em sair daqui, mas quando ficar mais velhinho tem mais necessidade.

O rádio ele deixa ligado, vai saber se é pras vaca, pra cahorra, criou.

Ele falou que tá tirando leite a cada dois dias.

O sogro pegou o costume de ficar deitado na beirada da estrada.

A nativa que tem aqui é arroeira, amoreira, tem um pe de goiaba. Essa arroeira não coça, ela dá uma sementinha que turma usa como pimenta. Tem a goiabeira lê embaixo que nasceu lá sozinha. Por causa da geada ela não deu goiaba

Deu uma geada que eu nunca vi na minha vida no inverno passado, mas congelou tudo, tudo branco. É bonito mas judia.

Há vinte anos atrás de tão frio matou as galinhas do puleiro.

Mas também é necessário, mata um pouco de praga também. Faz parte. Nas plantações tá tendo muita praga. Nas nativas não pegou. Meu pomar era tudo isso aqui, era enorme. Eu tinha laranja da bahia, laranja pera, laranja vermelha, chama laranja sanguínea. Tinha poncã, mexerica cravo. Quem tempomar aqui que utiliza com comercio mesmo, tão se queixando bastante das pragas.

Esses dias tava um tamanduá aqui, ficamos tão empolgada que esquecemos de pegar a máquina. o daqui é tamanduá bandeira, aquele grandão preto. Coitadinho acho que tava com medo de nós. Muito lindo. Tem as maritaca, mais comum, as vezes tem papagaio, tem garça.

No arrendamento agora tá com milho.

Acho que o eucalipto prejudica muito, né? Tem muita plantação de eucalipto, isso prejudica nossas nascentes. Resseca a nascente, mas as pessoas pensam muito no dinheiro, ne? Não pensam no mau que isso causa.

Tem muita água aqui, a gente cuida pra não faltar.

Olha lá quanto rubi.

O esterco a gente usa nas árvores.

Tem pitanga. Precisa podar, tirar embaixo pra ela ir pra cima. É tão triste porque a gente cuida, cuida, e vem a geada e mata tudo.

Mudinha de acerola, vou plantar.

Essa samambaia é de metro

QUINTAL 9

Moradora 1: Tio, colocou as bandeira dia 13 lá frente ou não coloca mais? Tampou, ah tio, tá deixando acabar, mesmo?

Moro nessa casa há 17 anos. Moram 3 pessoas hoje aqui. Cuido do quintal porque eu amo a natureza, amo plantar.

Uso pra plantar as crianças quando vêm brincam. Tem remédio, coisa de comer.

Aprendi com meus avós a plantar. Eu que cuido do quintal. De manhã e a tardezinha.

Faço artesanato.

Dou água, as vezes podar, de vez em quando coloco adubo. Quando eu consigo o esterco eu coloco. Mas na maioria das vezes eu coloco o adubo químico. Acho o espaço pequeno, quanto mais espaço pra mim é melhor.

Com as terras vou querer plantar. O quanto que não melhora a saúde tendo espaço e terra, né?

Eu gosto muito de horta, eu tinha uma horta no fundo, mas tive que acimentar tudo porque meu filho antes de sair de casa ele queria fazer quarto no fundo pra ele, mas ele saiu e eu fiquei sem minha horta. Plantava tudo, pé de bucha, de mamão, parecia uma chácara no fundo.

ANCIÃO: Você vai pegar de 3000 a 5000 metros. Dá 20 vezes esse terreno.

Moradora 1: Lá eu imagino plantar de tudo um pouco, gosto das hortaliças, cheiro verde, árvores frutíferas, mas aqui não dá pra plantar árvore.

Agora veio a minha infância a tona. Meu Deus como era bom. A família morou todo mundo junto. Eu me lembro muito do meu avô ele cuidava do quintal da casa, fundo tinha plantação. O que eu peguei dos avós. Ele cuidava do quintal, ele gostava muito dessas coisas. Lembro também que ele fazia os doces dele com a cana e a gente ajudava muito. Acho que eu fico o dia inteiro andando num lugar desse (vendo a mata num programa de tv). E traz paz porque, as vezes eu sento ali pra ver as coisas ali fora, nossa tio é muito bom. Quando a gente tá muito agitado, deprimido, nervoso, mexe na terra. Mexe na terra pra ver o quanto que faz bem.

Lembro também da mandioca, o vô plantava. Fazia sopa, frita. Agora eu to achando que tem alguma árvore plantada ainda. Pra onde ele ia ele trazia palmito pra fazer pastel. Trazia de São Miguel Arcanjo.

De lá pra cá, não se tem muito interesse como se tinha antes, de plantar, coisas assim. Antes era mais terra, hoje é mais cimento. Acho ruim, não tem terra, se acimenta tudo não tem como fazer mais nada.

ANCIÃO: e nós com tanta terra e não pudemos plantar ainda.

Moradora 1: Eu tenho planta aqui, folhagem, que era da vó Nana.

ANCIÃO: ontem faleceu o Dita, caiu e morreu de tanto beber. Bebia e não comia.

Moradora 1: E era homem bom. E o pai dele faleceu por causa da bebida.

ANCIÃO: se ficasse sem ele tremia

Moradora 1: Quando eu vou no centro eu vejo homens que antes não parece que tinha esse hábito.

Eu não sei, as vezes pode ser problema na casa, ou na infância, problema familiar.

Outro que eu lembro também era o Natanael, que morava no hospital psiquiátrico, ele tirou todo esse barranco e colocou no jardim pra mim. Trabalhador, tinha respeito. Foi assim dias. Morreu.

Aquela foto é minha neta. Eu tenho três filhas e um filho menino. E três netas. Minha família tá tudo aqui (fotos na parede).

Tio eu preciso sair de casa, queimar minha gordura do fígado. Se não fica feia a coisa.

Ancião: a Raquel é um ano mais nova e a Rosana é um ano mais velha.

Moradora 1: Aqui esse fundo que tá fechado é que tinha terra. Não sei como que eu tirei foto.

(tem cachorro)

Aqui é pimenta. É dedo de moça, aí foi podado e ficou assim. Eu faço molho, faço vinagrete pra comer com salgado, fica uma delícia. Não tira mau olhado. É credence. Na bíblia fala muito sobre a gente acreditar nas coisas, superstição.

Ancião: fica em cima do muro

Moradora 1: Isso aqui é muito antigo, esse aqui é erva cidreira. Aó tio, pro sr também é bom quando o sr. tá muito nelvoso. Porque o capim cidrão é aquela folhona, que dá uma toça. Eu tinha levado na chácara onde a Érica morava os vasos que eu tinha aqui. Aí eu fiz tudo de novo.

Ancião: a flor gosta de carinho e música.

Moradora 1: Eu não sei o que é isso aqui. Eu fiquei com dó de tirar, eu vou descobrindo, se for mato eu tiro.

Eu tenho também muito chazinho. Esse aqui é manjerição. Poejo. Esse eu plantei faz pouco tempo pra fazer chazinho pra tosse. Esse aqui é menta, pode fazer chá também. A menta é diferente da hortelã. Acho que aquela flor de maio é da vó. A mãe tem umas plantas da vó. O Pedro que tem um pé de azaleia. Espada de são Jorge. Guiné, cheira forte, eu não uso não. Arruda, faz chá, não sei se é pra vir ou pra parar a menstruação. Chifre de veado. Também descobri que avenca é remédio, tio, mas não sei pra quê. Esse é pé de romã, mas não lembro pra que é bom. Essa no vaso é uma árvore, a pessoa deu com tanto carinho. Eu falei pra ela que eu tinha essa árvore

na infância e ela me deu. Ela não dá fruta, dá uma penuginha. Tem coisa mas tinha mais, acho que tinha uns 300 vaso. Essa folhagem é jiboia. Essa daqui é o quebra pedra, pra infecção urinária. Essa precisa de espaço, foi o wagner que deu pra mim. Essa é a árvore da felicidade, é a macho e fêmea também.

ANCIÃO: se você planta duas ou três espécies diferentes no mesmo vaso uma mata a outra.

Moradora 1: Essas cascas eu tirei dessa palmeira leque. Cortei com a tesoura, é tipo xaxim. Já os frutinho, irrita, porque cresce muda em todo lugar.

Alecrim, faço chazinho, é bom pro coração. Se não tem muito aqui, eu compro.

ANCIÃO: tem gente que faz cigarro

Moradora 1: Agora invoquei com as violeta, eu corto as garrafa pet e planto.

EU não consigo sair de casa. Eu acho que eu preciso arrumar um psicólogo. Num tô rindo. Só quando vem visita. Por isso que eu falo que mexer na terra me faz bem. E eu tô engordando cada vez mais. Vou falar pra telma, vamo trocar de casa?

Meu coração tá baquiandinho.

Temo que combinar de ir andar nos mato, o Ailton que gosta.

Vamos toma um cafezinho?

A gente sente falta de um pé de couve, de uma cebolinha

Eu ganhei um galho de louro, pra fazer um feijãozinho, uma feijoada. Esse aí é com a pimenta que eu colhi. Esse aqui é pra comer com salgadinho. Lembrei até, tio, do bolinho de frango, que vontade de comer.

Receita de família? Tem tanta coisa. Não lembro. A gente comia pastel. Minha mãe faz um pimentão recheado de arroz e carne moída, maravilhoso. Lembrei da carninha de porco que o padrinho fazia. Pastelzinho de palmito. Bolo de fubá. Tô com a cabeça bem ruim. Esses dias lembrei do doce de amendoim do padrinho, torrava o milho (o amendoim), descascar, mexer o leite o fogão no tacho de cobre. Que a gente ajudava em tudo. Socava o amendoim do pilão.

A mãe fica preocupada comigo aqui sozinha.

ANCIÃO: a feijoada vem dos escravos.

Moradora 1: Lembrei, eu como e não esqueço. A farinha, tio, no caldinho de feijão, que ele comia muito, e ele deixava pra mim também comer, com carninha de porco, couvinha, couve refogadinha.

Fazia pastel, com massa caseira, fazia a pamonha.

Eu tenho vontade de fazer um fogão a lenha, imagina.

Eu faço meus artesanato aqui em casa.

Não é que eu não tenho vontade de ir lá, mas acabaram com tudo. Pelo amor de deus. Como estão os outros lado. Acabou a memória da gente. Lá no casarão. Ali tem mais ou menos 45 anos. Se a gente tivesse ficado ali não tinha dado fim nas coisas.

ANCIÃO: o pai deu 3 terrenos pra eles e acabaram com tudo. Me pediram pra ficar 3 meses e já fazem 11 anos.

Moradora 1: Crochê eu aprendi sozinha, madrinha rosa falou pra mim, eu tinha 9 anos, ninguém queria me ensinar, e ela falou peça para o divino espírito santo. E eu aprendi, sem olhar em nada. Sozinha, essa história vou guardar levar comigo e vou passar.

ANCIÃO: a minha mãe era curandeira.

Moradora 1: Era prece. Ela só usava assim, vamos supor, alguma pomada, quando tinha ferimento. Eu lembro de um sr com o ferimento muito feio, exposto, e curou.

Vinha pessoas de fora, de são Paulo, pedir o benzimento pra ela. Não tem nada gravado pra gente mostrar. Só a gente falando agora.

Ela recebia a pessoa, e ela fazia uma oração. Tratava perna curta. Ela fazia voltar.

As vezes era uma corrente, três dias.

Era só a mãe.

Como a gente queria poder voltar no tempo de certas coisas.

Toma chá de gengibre?

ANCIÃO: experimente, dá uma limpada.

Moradora 1: Que fim levou o oratório?

O gengibre eu compro, no vaso não dá. Eu não posso tomar muito porque sobe a pressão. É anti-inflamatório.

(Serviu também bolo de chocolate, pãozinho)

Agora mais ninguém faz benzimento aqui.

Já viu um caminhão azul aí na cidade que tem um funil atrás? É o Ailton entregando ração pras granja. Ele fica semana inteira fora de casa.

ANCIÃO: Rafael fica

Moradora 1: Tio lembra da palha na cozinha da madrinha? Tipo filtro só que com uma peça só. A água fica fresquinha, com gostinho de barro. Tio lá no casarão não tem nada assim demonstrando, né? Tipo peças.

A rapadura que a gente compra no mercado não é a mesma coisa,

Esse machucado é uma lembrança da cerca que separava o terreno de cima e o de baixo. Eu fiquei pendurada. Ali na parte de baixo não tinha plantação. Tinha galinha. Ele falava não deixa sair na rua.

ANCIÃO: logo vamos ter o centro de memórias que vai ser bom pra todos.

Moradora 1: Tio tava vendo na tv tem, passa aquele programa que conta a história regional, podia chamar pra contar nossa história.

Tem essa planta, orapro nobis que tem muito poder de ferro.

O chá de gengibre, quem conseguir tomar sem açúcar é melhor.

Lembrei do sr. Lembra daqueles discos que tocavam na vitrola lá na garagem? Cadê os discos tio?

Eu tenho umas lembranças muito amarga da minha infância. Sabe o que tem mexido muito comigo? Minha madrinha, ela não era nada daquilo que todo mundo pensava que era. Agora que eu to contando. A mãe não sabia. Ela me mal tratava, ela era racista. O sr lembra na época que eu era menina, a gente morava todo mundo junto. Ela falava pra mim ir pra Sorocaba eu ia sozinha pra Sorocaba na casa dela. Esses dias depois que ela faleceu tá mexendo muito comigo, eu não gosto nem de falar. Agora que veio à tona. A madrinha Lia. Ninguém sabia. Mexeu muito com minha infância.

ANCIÃO: ninguém gostava.

Moradora 1: Ela tinha meio que nojo de mim. Faz dois anos que ela faleceu. Eu não tive nem vontade de ir. Eu ouvi falar que afilhada é como filha. Ela não me tinha como isso era tudo falsidade. Ela só demonstrava pros outros. Ela fazia eu ir tomar e tudo que eu pegava ela fazia eu levar embora. Ela não deixava eu sentar no vaso. Aquilo não era ser humano. A mãe veio contar pra mim que ela não era flor que se cheire. Desde que eu tive as crianças essa falta de vontade de sair, vem se arrastando. Na escola eu vivia bulling. Só que o que eu vivia na escola hoje em dia dá até cadeia. Faça mas depois que arque com as consequências. A josi me escreveu uma carta. Me chamou de nada. As pessoas não medem pra falar.

ANCIÃO: morreu fedendo

Moradora 1: Nosso lado, do padrinho não tem dessas coisas, mas eu peguei do lado do pai, fui sorteada com o problema do coração. Eu corro risco de ter diabetes.

QUINTAL 10

Moradora 1: Nesta casa eu moro desde 2005. Aqui eu moro com meu marido e as crianças. São 5. Eu morava só pro sítio eu lidava com uva, nós plantava, cuidava de uva. Era meeiro. Casaram tudo, ficou só nós. Era duro pra trabaiá. Uva precisa ser família. Quando era minha família era bom. Só nois já não dava mais.

Tenho algumas plantinha. Cuido. Eu limpo e molho. Poda também. Ponho esterco de vaca. Eu trago do sítio. A família trabalha no sítio. Eu planto porque é bom, já to acostumada. Todo lugar qe tá, planta.

Escolhi a roseira porque acho bonita. Não tem nenhuma de comer. Tem algumas de remédio. Tem hortelã. As crianças vem eles brincam no quintal. Tudo que a gente vai fazer eles tão junto pra ajudar. Essa aqui também ajuda.

Neta: Só aqui, porque não gosto de ajudar na casa do pai, porque tem enxada.

Moradora 1: Eu já gosto. Nossa eu gosto. Eu falei pra ela que nesse final de semana eu vou lá na casa do seu pai trabalhar um pouquinho. Eles trabalham lá. Eles cuidam de vaca, cavalo.

Eu me sinto bem, porque eu gosto. A gente tem que ter uma plantinha. Dá alegria. Pra mim nada é difícil. Graças a Deus.

Tenho bastante lembranças, até quando meu pai tinha um sitinho pra lá, que ele trabalhava na prefeitura, ele saía do serviço, nós já acompanhava ele pra vim pra nós pranta, pra nós carpi. Cuidar de galinha. Ele tinha um monte de galinha. Soltava, fechava, era assim. Comia ovo. Meu plantava roça, feijão, milho, mandioca. Outra vez quando nós já estava pra cá, era um terrenão grande, tinha batata doce, cana de açúcar.

Eu faço assim, ele lidava com doce de amendoim, esse eu faço, que meu pai fazia, ele fazia açúcar, melado, tudo com a cana. O de amendoim é paçoquinha.

Muita coisa.

ANCIÃO: Eram umas 200 cabeça.

Moradora 1: Com a galinha nós fazia arroz com frango, ele temperado. Com milho curau, pamonha. Tudo eu faço também. Eu já to ensinando, e vai passando.

Tudo que eu plantei aqui eu trouxe do sítio. O abacate o meu marido, Dito, plantou mudinha. Tá bonita. Depois tem a cana.

Oh a roseira. Este é acerola pra fazer suco. Esse é cana. Já foi cortado, porque era bastante. Ai meu marido cortou pros filhos plantar. Essa aqui é limãozinho, não ta ainda dando. também chupa a cana.

Remédio tem esse aqui, hortelã, esse é pra lombriga.

Neta: Arruda também. Pra conjuntivite

Moradora 1: Eu aprendi com a minha mãe

Neta: e a mãe passou pra mim

Moradora 1: Põe assim do lado (do rosto). Se tiver ar, dor de cabeça, chupa tudo. Esse ar pega muito na dieta, quando ganha neném. Uma réstia que tomar, no carro assim, já pega. Ai põe esse. Faz um chazinho. Também faz um remédio, esse minha mãe sempre fazia, esse remédio poe numa pinga, num açúcar, faz meladinho, aí tira tudo, aí esse toma. Esse sai tudo, tudo. A mãe também poe atrás da oreia. Pra puxar.

Se essa turma de hoje guardasse o que guardava antes, ninguém sofria.

Eu guardei 12 dieta. Negocio de dieta eu não tenho uma dor de cabeça. Tudo que a mãe mandava eu fazia. Não desobedecia. Faia direitinho, graças a deus.

ANCIÃO: 40 dias

Moradora 1: Sem lavar a cabeça. A dieta é bom pra não ficar doente. O chá toma só no fim da dieta.

(é uma prevenção)

Tem que comer certo também. A maioria é macarrãozinho. Arroz também não é bom na dieta. Peixe não pode. É podre. Sorvete também não pode. A sobrinha, tomou sorvete no último dia da dieta e morreu. Fazendo as coisas direitinho, não sofre.

Essa florzinha eu esqueço o nome.

Tem o quebra-pedra é pro rim. Esse aí é so ferventar e tomar que nem água.

Tem muita coisa que a mãe passava. Aquele fumo, moi a sementinha bem moído e põe leite, cura lombriga d'água.

A minha mãe, benzia criança. Eu lembro, vinha criança barrugudinha. Já tava desacorçoado de dar remédio em farmácia. Minha mãe e fazia chá, precisa de ver, no dia seguinte soltava até bicha. Era uma maravilha. Ela benzia, minha mãe benzia com terço, gozado porque nós não pegamo nada dessas coisas, de fazer remédio iguar ela. Vinha gente de Sorocaba. A maioria era criança, mas adulto também, com mal olhado. Eu não lembro, porque eu num morava perto da minha mãe, eu morava pro sitio.

(Certidão de óbito. Do sr que morreu de tanto beber)

Eu não lembro como era a oração.

Quando vierem as terras eu vou querer plantar mandioca , batata doce, milho, feijão. Aí sim, né? Gosto de plantar hortaliça também e tudo minha criançada gostam.

A mãe fazia tanto chá, com erva de santa maria, poejo, hortelã. Tudo pra lumbriga.

Aquele fumo é do tempo da mãe que cai a semente e nasce. Isso que eu falo pro ce, como é as coisas, a quanto tempo que a mãe plantava e ta nascendo ainda. Já faz 16 anos que ela faleceu. Nossa sinto falta, demais. A gente nunca esquece. O que eu não cnheci foram os meus avôs. Nenhum.

ANCIÃO: essa mulher era rica e roubaram tudo (da mãe). Tinha mais ou menos, a família, 1200 alqueires, aqui em pilar.

Moradora 1: Aquele tempo né, Dato. Ela nasceu em Lavrinha

ANCIÃO: os que roubaram estão ficando pobre.

Moradora 1: Pilar mudou bastante. Quando eu casei não tinha uma televisão. Carro também quase não tinha. Mudou pra melhor, daquele jeito não dava. Não tinha como saber tudo o que a contece.

Agora acho que planta mais, porque outro tempo não tinha quase veneneo. Essas coisas eram tudo quase veneno.

ANCIÃO: por causa da ganância.

Moradora 1: Agora você planta uma coisa, de repente já tá dando. Tudo é força do veneno. EU queria plantar sem veneno nas terras que vierem.

ANCIÃO: antes colhia 40 sacas por hectare, agora colhe 100.

Moradora 1: Que nem a uva, alguns dão temporão. O certo da uva é nove meses, certinho. Alguns dão duas vezes . é muito bonito trabalhar na parreira de uva. Muio gostoso. Eu trabalhei 20 anos. Eu fiquei ruim da vista por causa da uva. Só de olhar aquele verde. Eu entendo de tudo, desde o começo. Tenho vontade de plantar uva.

ANCIÃO: nem que seja pro gasto.

Moradora 1: Mas 500 pé de uva, já ganha dinheiro sucegado. Não tinha emprego, e com a uva todo mês tinha financiamento.era com japonês.

Meu filho que tá ganhando dinheiro. Desde que entrou nesse patrão dele. As parreira que ele pega, só ele e a muié. Não põe um camarada. A muié é trabaideira, né?

Aquele gosta de uma planta.

O outro trabalha em leiteria, de vaca é em salto também.

Ancião

O pai plantava horta e dava o restante. Criava porco e quando matava, repartia para a família. Foi assim até mais ou menos 1950, quando o povo ficou pão duro.

Tinha mutirão com trocas de serviço, comida depois e baile, quando eram tocadas a rancheira, polka e mazurca com sanfona (o pai do [parente] que tocava).

Quem participava era a família. Hoje é difícil a família se reunir, muitos trabalham fora. Os filhos do seu Deodato são caminhoneiros e ficam 20 a 30 dias fora.

“Os Caetano usam plantas do mato para fazer remédios. O cambarazinho é empregado nos cortes de pele e nas feridas. O chá desta planta não deve ser bebido e sim colocado no machucado. A carobinha é utilizada para problemas de pele como coceira. O chá deve ser tomado. É usado também no banho. Nos ferimentos de cães usa-se muito o rubi. Fumo de corda mastigado serve para extração do berne que penetra nas pessoas. Ao lado da casa de Cida, perto do fogão de lenha, há um arbusto que possui bolinhas usadas na fabricação de terços e colares, o rosário.”

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências e Tecnologias Para a Sustentabilidade
Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Gabriella Marques Leite Paixão, realizada em 08/02/2018:



Profa. Dra. Andrea Rabinovici
UNIFESP



Profa. Dra. Maria Patrícia Candido Hetti
IFSP



Profa. Dra. Lourdes de Fátima Bezerra Carril
UFSCar